Fala e Ação no Cuidado Materno ao Bebê

Aglael Juliana Aparecida Gama

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Campinas, junho de 1989.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Aglael Juliana Aparecida Gama e aprovada pela Comissão Julgadora em 30/6/89.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Profa. Dra. ELEONORA CAVALCANTE ALBANO
ORIENTADOR

Banca Examinadora

Agradecimentos

Aos amigos Ludmila, Fernando, Cecília e Michel, que, carinhosamente, fizeram os momentos preciosos deste trabalho.

A amiga Maria, com quem dividi tudo.

A Eleonora, que, há muito tempo atrás, despertou em mim o interesse pela linguagem.

Ao Mauro, que soube ser paciente e ao mesmo tempo participante ativo deste processo.

Enfim, a todos com quem pude contar.

O trabalho é dedicado a meu pai, Benito Gama.

FALA E ACÃO NO CUIDADO MATERNO AO BEBE

RESUMO

Partindo de uma coleta longitudinal, composta por gravacões realizadas quinzenalmente em 'video-tape', durante um ano e onze meses aproximadamente, Maria de Jesus Goncalves e eu registramos a rotina de vida de uma crianca e sua mãe, em situacões de prestacão de cuidados e de brincadeiras. Dessa forma, configurou-se o interesse pela fala e acão no cuidado materno ao bebê, que constitui o tema central deste trabalho. O primeiro problema que tivemos que enfrentar referiu-se à transcricão dos dados, uma vez que, a utilizacão do vídeo permitiu a captacão de uma multiplicidade de aspectos do contexto e das condutas não-vocais/não-verbais dos participantes. As formas de transcricão desenvolvidas apontaram para diversos graus de coordenacão dentro das condutas próprias à mãe e á crianca, em cada momento, e, também, entre as condutas de ambas. Da descricão da fala e acão da mãe nos cuidados prestados á crianca emergiu um elenco de recursos linguísticos e não-linguísticos, pouco flexível, cuja utilizacão era determinada por diferentes aspectos a cada momento, o que não privilegiava o recorte das condutas da crianca, principalmente, a nível vocal, durante o primeiro ano. Com a aquisicão do andar, que se deu em torno do início do segundo ano, as condutas da crianca em relacão ao meio tornaram-se cada vez mais precisas, quando passou-se a observar uma

ampliação dos recursos linguísticos da mãe, tanto em termos lexicais quanto gramaticais. Por volta dos dezoito meses, pela primeira vez, foi registrada uma maior coordenação entre as condutas da mãe e criança, sendo que ainda havia momentos em que as condutas vocais da criança não eram recortadas de modo preciso pela mãe. Finalmente, na passagem do segundo para o terceiro ano, apesar da maior coordenação entre a fala da mãe e da criança, surgiu um novo momento de indeterminação da mãe frente aos enunciados mais longos da criança, que desempenhava a tarefa de construir a gramática. A conclusão do trabalho aponta, então, para a dificuldade de considerar-se as noções de 'partilha', 'sintonia' e 'fine-tuning' como pontos de partida de um modelo teórico que tente explicar a aquisição de linguagem pela criança.

Autor: Aglael Juliana Aparecida Gama

Orientador: Profa. Dra. Eleonora Albano

Indice

Guia de Transcricão pg. 1

Introducão pg. 3

Capitulo I: A Rotina com o Infante Dependente pg. 35

Capitulo II: A Rotina com o Infante Quase Competente pg. 92

Capitulo III: Entre o Infante Competente e o Falante pg. 152

Conclusão pg. 229

Referèncias Bibliográficas pg. 235

Guia de Transcrição

(:) prolongamento do som ou segmento precedente

(:) prolongamento 'exagerado' do som ou segmento precedente

(-) (1) em transcrição ortográfica, silabação

(-) (2) em transcrição fonética, distorção entre sons

(.) pausa breve

(/) pausa longa ou final de segmento com entonação descendente

(~) nasalização do som ou segmento precedente

(*) ensurdecimento do som ou segmento precedente

(VAG) voz agudizada

(VAGR) voz agravada

(VSU) voz sussurrada

(VSUA) voz suave

(VFOR) voz forte

(VBX) voz baixa

(LAB) fala labializada

(EST) fala com lábios estirados

(PRE) pressionamento de lábios

(SOR) fala sorrindo

(RITACE) ritmo acelerado

(+) maior intensidade do recurso empregado

(-) menor intensidade do recurso empregado

/E/ vogal aberta

/e/ vogal fechada

/O/ vogal aberta

/o/ vogal fechada

/ch/ /ʃ/

/nh/ /ɳ/

/dj/ /ʤ/

Introdução

Ao iniciar este trabalho, considero importante explicitar seus principais objetivos. A nível metodológico, a tarefa é lidar com a multiplicidade dos dados obtidos a partir de uma coleta composta, em sua totalidade, por gravacões em 'video-tape', da rotina de vida de uma mãe e seu bebê. A nível teórico, a tarefa é apresentar uma descricão mais precisa que as existentes até então, da constelacão de atitudes envolvidas no cuidado materno ao bebê, durante o primeiro e o segundo ano de vida, atentando igualmente para seus aspectos verbais e não-verbais. Cabe salientar, aqui, que o termo 'atitude' está sendo usado conforme a sua acepcão mais genérica, isto é, atuacão, conduta, comportamento de ordem geral.

No início de 1985, recém chegadas ao Programa de Pós Graduacão em Linguística da Unicamp e com o objetivo de desenvolver um trabalho dentro da Psicolinguística, de modo mais especifico, na área de Aquisicão de Linguagem, Maria de Jesus Goncalves e eu procurávamos por uma mãe com seu bebê para darmos início a uma coleta longitudinal que servisse de base para nossos trabalhos durante o mestrado.

Nessa mesma época, um casal de amigos, de formacão universitária e nível sócio-econômico alto, aguardava a chegada de seu segundo filho, já sabendo que tratava-se de uma menina. Conversamos com eles e explicamos nosso

interesse em registrar o desenvolvimento dos sons da criança durante algum tempo, sendo que nesse momento não havíamos determinado qual seria a duração desse registro. Nossos amigos concordaram com entusiasmo e uma certa ansiedade, pois, por mais que falássemos sobre o que seria a coleta, nem mesmo nós sabíamos o que realmente viria a ser, uma vez que ela significava a 'estréia' de todos, pais e pesquisadoras, no assunto.

Em meados de abril, Cecília nasceu. Ficamos todos encantados e ao mesmo tempo assustados com aquela menininha que parecia, aos pais e a nós, bem mais frágil que o irmão mais velho, que nascera aproximadamente um quilo maior. Mas tudo estava muito bem com ela. A ida para casa alterou bastante a rotina. A família aumentara de tamanho e o irmão, Michel, nessa época com 1 ano e 9 meses, sentiu-se, a princípio, ameaçado, tendo que compartilhar seu 'espaço' físico e de atenções com aquele ser tão pequenino. A mãe relatava uma certa dificuldade na prestação dos cuidados à Cecília, pois a experiência anterior era com um recém-nascido mais volumoso e, no meu entender da situação, um menino.

Maria de Jesus e eu ansiávamos por dar início o quanto antes à coleta, pois o registro mais cedo de que se tinha notícia no Brasil era o de Maria Francisca Lier (1983), que começou a observar uma criança com a mãe aos sete meses. Porém, ao mesmo tempo, parecía-nos invasivo demais penetrar naquele

momento de vida de nossos amigos com nosso gravador e nossos bloquinhos para as anotações do contexto. Hoje, além disso, acho que havia um certo receio da nossa parte, pois por mais que tivessemos nos preparado, conversando com outros pesquisadores e com nossa orientadora, e realizando leituras, a respeito de como fazer uma coleta, antevíamos que surgiriam problemas e dificuldades com as quais teríamos de lidar durante o acontecer das gravações.

Havia também o fato, que ficou claro na primeira gravação, ainda em áudio, de que a relação que se estabelecia com a mãe durante a gravação era diferente daquela a que estávamos acostumadas nas situações de visita informal à família, quando também presenciávamos momentos de cuidado à criança, como aqueles gravados durante a coleta. Nas situações de gravação, a tensão da mãe ficava 'mais visível' quando elementos externos interferiam na prestação de cuidados à criança ou mesmo quando a criança, através de suas atitudes, um choro não 'esperado' ou 'não compreendido', por exemplo, modificava o correr 'previsível' da situação. Isso reafirma o problema conhecido por todos da presença do observador enquanto fator de modificação do objeto observado, como algo inerente aos estudos naturalísticos. Entretanto, hoje a nossa experiência é que, com o passar do tempo, a gravação foi de tal forma se incorporando à rotina do lar que os efeitos de nossa presença foram atenuados se não suprimidos.

Logo que Cecília completou seu primeiro mês de vida, marcamos a primeira gravação para a semana seguinte, a qual foi feita em áudio, com anotações das duas pesquisadoras sobre o contexto. Pareceu que essas anotações causaram uma situação constrangedora para Ludmila, talvez devido à nossa falta de experiência em fazer anotações suscintas e precisas, coordenadas com as vocalizações e fala que estavam sendo gravadas. Ludmila, que já havia falado sobre a possibilidade de utilizarmos seu equipamento de vídeo, decidiu que já a próxima gravação seria filmada em 'video-tape'. E assim, a primeira gravação considerada na coleta ocorreu a 4 de Junho de 1985, quando Cecília estava com 1 mês e 21 dias. Esses dois fatos, a idade de Cecília e a realização de todas as gravações em vídeo, constituíram a primeira novidade da coleta em relação às demais encontradas na Area, ao menos do que se tem notícia no Brasil. A segunda ficou por conta de sua duração, aproximadamente 1 ano e 11 meses.

As gravações eram realizadas quinzenalmente, na casa de Ludmila, e não obedeciam a um tempo previamente estabelecido. Simplesmente registravam a rotina de vida da criança, com as pessoas que dela participavam, no período em que permanecíamos na casa. As primeiras dificuldades surgidas foram com relação ao manuseio da própria câmera e do equipamento como um todo. Para as primeiras gravações,

Fernando, o pai de Cecília, deixava a câmera montada no quarto dela, sobre o tripé, posicionado sempre à esquerda do trocador, que era uma espécie de extensão do berco.

Quando assistimos as primeiras gravacões feitas, com nossa orientadora, ela nos chamou a atencão para o fato de que os ângulos obtidos da mãe e da crianca eram sempre os mesmos, e sugeriu que passássemos a manipular a câmera em nossos ombros, para que houvesse uma ampliacão de tais ângulos, assim como da possibilidade de aproximacão e distanciamento da imagem obtida.

O problema do posicionamento da câmera e da aproximacão da imagem foi algo que permeou toda a coleta. Aproximar a imagem da crianca para captar movimentos de língua ou de corpo significava perder a imagem da mãe, ainda que por alguns instantes, assim como, trazer para perto a imagem da mãe implicava em perder a imagem da crianca. Da mesma forma que manter a distância suficiente para captar a imagem de ambas significava perder na captacão de detalhes.

Vale ressaltar que, por trás desta preocupacão de captar a 'díade' (Bruner, 1975) o tempo todo, e, antes disso, por trás do fato de estarmos gravando a crianca com a mãe numa situacão bem próxima daquilo que seria o 'natural' na vida da crianca, por um período de tempo inicialmente não determinado, havia o pressuposto dominante na Área, nos

últimos quase vinte anos, como reacão ao furor da revolucão chomskyana, no início da década de 70, de que o adulto tem um papel na aquisicão da linguagem pela criança, que vai além do simples fornecimento de 'input' linguístico.

A medida que os estudos que colocavam em foco a interacão mãe-criança como reacão ao pressuposto chomskyano foram desenvolvendo uma metodologia própria para a obtencão e análise de dados, houve a recuperacão de uma metodologia natural e longitudinal na coleta de dados, em oposicão aos métodos experimentais e tranversais, ou ainda, a revalorizacão dos dados de performance, considerados a partir de seu contexto, em oposicão aos dados de intuicão, o que trazia á tona, nos estudos em aquisicão de linguagem, a discussão muito conhecida de toda epistemologia clássica, a qual seja: até que ponto o conhecimento é inato, até que ponto é adquirido.

O redimensionamento do aspecto social, levando ao emprego de uma metodologia naturalística e longitudinal, trouxe consigo a revalorizacão do aspecto histórico e acabou por dar em formas mais fortes de interacionismo, que afirmam que é no rastreamento da história partilhada pelo par mãe-criança que se encontra o precursor da comunicacão (De Lemos, 1979).

Foi dentro desse quadro, ou dentro desse momento da história dos estudos em aquisicão de linguagem, que iniciamos nossa

coleta e, portanto, todas as decisões metodológicas tomadas com respeito à mesma foram feitas com base no pressuposto de que o adulto teria um papel fundamental nesse processo, o qual fora renegado pelo pressuposto inatista da teoria chomskyana e que agora aparecia redescoberto.

Paralelamente à realizacão das gravacões, discutíamos a forma de transcricão dos dados. Inicialmente foi adotada a forma proposta por Ochs (1979), a partir da modificacão sugerida por Bloom (1970, 1973), onde os comportamentos vocais/verbais e não-vocais/não-verbais de um mesmo participante são dispostos em colunas separadas, colocadas lado a lado, que por sua vez são seguidas por mais duas colunas referentes a esses comportamentos para o outro participante. Dessa forma, a sequência de ocorrência de tais comportamentos no tempo, assim como a contingência entre eles, para cada participante ou dentre os participantes, é dada pelo sentido em que a linguagem escrita é decodificada em nossa cultura, ou seja, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Assim, o comportamento que aparece na linha imediatamente acima de outro comportamento antecede este no tempo, da mesma forma que o comportamento ou conjunto de comportamentos mais à esquerda antecede aquele expresso à direita. A simultaneidade de comportamentos para um mesmo participante ou entre os participantes é expressa pelo aparecimento de tais comportamentos na mesma linha.

Optamos por colocar as colunas referentes ao comportamento da mãe à esquerda daquelas referentes ao comportamento da criança, sendo que a coluna referente ao comportamento vocal/verbal antecedia aquela referente ao comportamento motor para ambas. Essa escolha, tradicionalmente adotada pelos pesquisadores da Area, reflete, segundo Ochs, o pressuposto de que o adulto é o sujeito linguisticamente mais competente e, portanto, sugere uma relacão de dominância e controle. Acredito que foi determinante dessa escolha a nossa falta de conhecimento prévio sobre as possibilidades vocais da crianca quando do início das gravacões e um fato que se tornou claro mais tarde, o qual seja, de que a fala do adulto funcionando como a 'trilha sonora' da situacão, dava o sentido à mesma, o que nos causou uma certa dificuldade, no início da análise, quando confundimos o ponto de vista de observadoras com o ponto de vista da mãe.

Também é possível argumentar que o comportamento vocal/verbal tem um predomínio ou exerce um controle sobre o motor, já que a descricão do primeiro antecede a descricão do segundo na página transcrita. O que passamos a compreender com o desenrolar da coleta é que há momentos em que a vocalizacão ou fala predomina sobre a acão e momentos em que ocorre o contrário. E há, ainda, momentos em que ambas se coordenam de forma tão estreita que não há lugar para privilégios.

O primeiro problema que surgiu com essa forma de transcrição dizia respeito ao ajuste entre a ocorrência dos dois aspectos descritos, uma vez que o motor demandava uma descrição mais complexa e extensa que o vocal/verbal, o que se agravava pelo fato das gravações serem feitas em 'video-tape'. Ochs propunha um conjunto de símbolos para a descrição do aspecto motor, mas, a nosso ver, tal sistema de abreviações era tão complexo que levaria um tempo para que passássemos a utilizá-lo com certa fluência. Além disso, ele tornava a transcrição inacessível, na medida em que exigia do leitor, mesmo mais familiarizado com a Área, um trabalho exaustivo de decodificação.

Insatisfeitas com a proposta de Ochs, tentamos, na primeira transcrição dos dados, realizar a descrição do motor na forma de um texto corrente e logo concluímos que seria impossível. Foram necessárias muitas páginas de proporções imensas para breves momentos transcritos, já que além da quantidade de informações, era necessário um espaço considerável entre elas, para que houvesse o ajuste entre vocalização ou fala e ação. A manipulação de um material tão volumoso dificultava sua análise.

Entretanto, essa forma de transcrever fez emergir um tipo de glossário que se repetia de maneira considerável, em oposição a outro que era mais específico a certos momentos da descrição. Tal constatação nos levou à criação de

abreviacões para os itens que se repetiam com mais frequência, a partir de critérios próprios, o que organizou um conjunto de símbolos mais significativo para nós e, portanto, mais fácil de utilizar. Além disso, com a criacão de nosso próprio conjunto de abreviacões, acreditávamos estar facilitando o acesso do material ao leitor.

Os critérios utilizados na elaboracão do conjunto de símbolos próprios não foram muito rigorosos. Favoreciam a nossa percepcão de uma forma de abreviacão mais inteligível. Decidimos eliminar itens com pouca carga semântica, tais como artigos e preposicões; dentre os itens que se repetiam mais, abreviamos aqueles mais extensos, através da eliminacão total ou parcial de suas vogais, e às vezes, de parte de suas consoantes. Assim, palavras como: abaixa, levanta, flexiona, estende, movimenta, mexe, várias vezes, braco, perna, cabeca, boca, língua, para o lado, direita, esquerda, para cima, para baixo, por exemplo, foram reduzidas a: abx, levnt, flex, estnd, movt, mx, vs xx, brc, prn, cbc, bc, lg, p ld, dir, esq, p cm, p bx, sendo que, para estes últimos, utilizamos também os símbolos: D, E, e setas apontando para cima e para baixo, respectivamente. E claro que esta simbologia, apesar de mais significativa para nós, ainda dificultava o trabalho do leitor.

Para a descricão das vocalizacões da crianca, utilizamos a transcricão por tracos e, mais tarde, segmentos fonéticos. Para a fala da mãe, optamos pela a transcricão ortográfica. As características suprassegmentais das vocalizacões da crianca e da fala da mãe eram assinaladas por diacríticos (prolongamento (:), pausa breve (,), pausa longa (/)). As mudancas na voz da mãe eram descritas entre parênteses, após o enunciado em que ocorriam.

Tomadas as decisões com relacão à transcricão dos dados e transcritos alguns episódios, foram feitas as primeiras tentativas de análise, quando delineou-se o meu interesse pela fala e acão da mãe na prestacão de cuidados à crianca.

Como, aos meus 'ouvidos', essa fala dava sentido à situacão e o pressuposto teórico era de que o adulto, através de sua fala, espelhava, complementava e recortava (De Lemos, 1979) de forma consistente as vocalizacões da crianca, dentro de uma estrutura dialógica, onde tais vocalizacões eram consideradas desde cedo como um turno da futura crianca falante, parti em busca dos elementos que demonstrassem a estreita 'sintonia' do adulto às atitudes vocais e motoras da crianca.

Essa fina sintonia entre mãe e crianca, observada e afirmada pelos estudos interacionistas a partir da relacão que se estabelecia entre ambas, emergia de uma análise que buscava

a contingência de enunciados e comportamentos entre a mãe e a criança numa sequência temporal de interação, sendo que, no início da vida da criança e durante um tempo considerável, tal contingência seria expressa pelo 'recorte' preciso e repetitivo, e nesse sentido consistente, de suas atitudes vocais e motoras, através da fala e ação da mãe.

Porém, na análise de minhas observações, deparei-me com o fato de que as atitudes tanto vocais quanto motoras da criança nem sempre eram 'recortadas' pela mãe e quando eram, nem sempre as mesmas atitudes recebiam os mesmos recortes em momentos muito próximos ou distantes no tempo. Assim, apesar do bom atendimento à criança, por mim presenciado, faltava a consistência e a contingência dos comportamentos da mãe em relação às atitudes da criança, que, segundo os estudos interacionistas, servia de base à fina sintonia entre ambas, e, principalmente, da primeira em relação à segunda.

Ao constatar a contingência dos comportamentos da mãe em relação à criança e com isso afirmar a fina sintonia da primeira em relação à segunda, os estudos interacionistas colocavam a interação, e, dessa forma, o aspecto social dentro do qual ela ocorre, como matriz qualitativa para o desenvolvimento vocal da criança (De Lemos, 1986), e, portanto, primordial, em oposição à matriz biológica apregoada pelos inatistas. Na ausência de uma contingência estrita da mãe em relação à criança, em meus dados, fazia-se

necessário caracterizar melhor o termo 'sintonia' dentro de propostas teóricas em que a interacão do par mãe-crianca também fosse tida como base.

Outras abordagens, não diretamente preocupadas com o estudo da aquisicão da linguagem pela crianca, mas que concordam entre si a respeito do papel primordial da relacão que se estabelece desde o início entre ela e a mãe, para a prestacão dos cuidados necessários à sua sobrevivência e bem-estar, foram consideradas. Nessas abordagens, alguma forma de 'sintonia' entre o par, ou, de modo mais preciso, da mãe em relacão à crianca, é sustentada. Este é o caso, por exemplo, da Psicanálise voltada ao estudo do desenvolvimento emocional infantil e da Teoria da Vinculacão, oriunda da Etologia, que se ocupa com o estudo da qualidade do vínculo que a crianca estabelece com a mãe, como fator determinante de seu desenvolvimento.

Dentre os representantes da Psicanálise, que se ocupam com o desenvolvimento emocional infantil, destacamos D. W. Winnicott (1958), para quem a relacão que se estabelece entre a mãe e a crianca, para a prestacão dos cuidados necessários ao bem-estar desta, faz com que o mundo interior da crianca torne-se uma organizacão bem definida no final de seu primeiro ano de vida.

A mãe desempenha um duplo papel nessa transformação. De início, ela participa das relações objetais que a criança estabelece com o mundo, na medida em que a criança a reconhece como parte de um objeto (o peito). Gradativamente, conforme se dá a integração da personalidade da criança em uma unidade, a mãe passa a ser reconhecida como parte de uma pessoa completa, o que faz com que a criança experencie a sensação de dependência, a qual, por sua vez, traz consigo o início da necessidade de independência. A 'precisão'(1) das atitudes maternas, segundo o autor, ajuda a tornar menos 'brutais' e mais 'humanos' os mecanismos de auto-controle da criança, de início tão grosseiros, assim como, seus instintos.

Para Winnicott, o impulso criativo inato da criança tem que encontrar na mãe a realidade externa que recria cada pedacinho do mundo. O sucesso disso depende da 'adaptação sensitiva' que a mãe faz às necessidades da criança, especialmente no início, e, também, da capacidade da mãe de produzir uma 'amostra da realidade mais ou menos no momento certo', através da alta identificação com seu bebê. Desse modo, a mãe, inicialmente, representa o papel da 'audiência necessária à criação contínua da criança', sendo que, posteriormente, tal audiência também será criada.

Em outro momento (1960), o autor afirma a importância de uma 'maternagem suficientemente boa para a criança', dizendo que

se a dupla mãe-criança estiver em bom funcionamento, o ego da criança será forte porque será sustentado em todos os seus aspectos, podendo organizar ainda cedo suas defesas e desenvolver padrões pessoais fortemente coloridos pela hereditariedade. Para Winnicott, o ego da criança se torna forte devido ao suporte do ego da mãe, que inicialmente 'se transforma na própria criança'.

Dentre o que o autor coloca como função característica de uma maternagem suficientemente boa nos primeiros estágios, encontra-se a capacidade da mãe de se identificar com a criança ('holding'), a facilitação da formação de uma associação psicossomática na criança, contribuindo para a percepção do real em oposição ao não-real ('handling'), e ainda, o fato de que a mãe torna real o impulso criativo da criança, o que faz com que a criança possa se relacionar a objetos ('object-presenting or realizing').

Já a Teoria da Vinculação, aqui representada por Ainsworth e seus colaboradores (Ainsworth, Bell and Stayton, 1974), descarta a noção de socialização como algo a ser adquirido, aprendido, numa crítica às teorias da aprendizagem, e afirma que a criança é 'pré-adaptada' ao mundo social, e, portanto, 'é social desde o início'. Para eles, a criança é 'geneticamente propensa à interação' com outras pessoas desde o nascimento, porque possui um 'equipamento sensorial

sensível' a estímulos originados, na sua maioria, em outras pessoas, os quais por sua vez, ativam seus sistemas comportamentais. Da mesma forma, o adulto também é 'propenso' a responder os sinais emitidos pela criança, que são característicos da espécie, de uma forma também característica da espécie.

Com base na teoria evolucionista, os autores postulam que: (a) os comportamentos de vinculação da criança são adaptados aos comportamentos maternos recíprocos e (b) a sensibilidade da mãe aos sinais da criança é um 'traço saliente' do meio de adaptação evolutiva, sendo que a função biológica essencial do comportamento de vinculação e do comportamento materno recíproco, segundo Bowlby (1969), foi a proteção da criança de predadores, talvez o maior perigo enfrentado no meio de adaptação evolutiva, em que a espécie se desenvolveu. Por fim, eles postulam que a falta de sensibilidade da mãe pode ser 'produto de um desenvolvimento anômalo de sua personalidade', o que, por sua vez, promoverá o desenvolvimento anômalo da criança.

Assim, o aprendizado só aparece implicado no desenvolvimento da vinculação, na medida em que a criança se torna vinculada à figura ou figuras com as quais ela teve mais oportunidades de interagir. Isso faz com que a criança, de início, discrimine a figura de sua mãe das demais e que, com o tempo, o comportamento de vinculação se torne cada vez mais

diferenciado e dirigido, de modo específico, às figuras que se tornaram simultaneamente discriminadas.

No decorrer da segunda metade do primeiro ano de vida da criança, o comportamento de vinculação se torna cada vez mais dirigido com relação a seu propósito ('goal-corrected', Bowlby, 1969) e seus sistemas se tornam intercambiáveis e capazes de se organizar em novos padrões de comportamento que se ajustam de modo flexível, corrigindo-se continuamente para manter seu objetivo.

A 'qualidade' da relação de vinculação afeta os comportamentos de vinculação e de exploração das crianças (Ainsworth, Bell and Stayton, 1971) e não é determinada pelas diferenças constitucionais entre elas, mas pelo tipo de relação que a criança experencia com sua mãe, durante seu primeiro ano de vida.

Ao comportamento materno são atribuídas quatro dimensões que determinam a qualidade da vinculação mãe-criança, a saber: sensibilidade-insensibilidade, aceitação-rejeição, cooperação-interferência e acessibilidade-desconsideração, sendo que para Ainsworth e seus colaboradoes é a sensibilidade materna que dá o tom para a mútua cooperação.

Ainda em relação à sensibilidade materna para os sinais emitidos pela criança, Bell e Ainsworth (1972) estudando o desenvolvimento do choro no primeiro ano de vida,

encontraram que a sensibilidade ('responsiveness') materna era o principal fator de explicacão das diferencas individuais no choro, já que ao responder à crianca, a mãe tende a pôr fim ao episódio de choro, provocando uma diminuicão desse comportamento. Isso, por sua vez, favorece o desenvolvimento de outros sinais comunicativos, aos quais as mães mais sensíveis serão mais receptivas.

Um outro estudo (Bell, 1970) explora a relacão entre a vinculacão e o desenvolvimento da permanência da pessoa e do objeto, baseado na hipótese de que os dois processos são influenciados pela interacão mãe-crianca no primeiro ano de vida. Com base em achados experimentais, tenta-se mostrar que: (a) as criancas tendem a estar mais avancadas no desenvolvimento da permanência de pessoa que no desenvolvimento do conceito de objetos inanimados como permanentes; (b) a discrepância entre os 'scores' de permanência do objeto e da pessoa para cada bebê está relacionada à quantidade e qualidade de comportamento de vinculacão que a crianca demonstra com relacão à mãe e (c) a direcão das discrepâncias está associada à velocidade com que o desenvolvimento do conceito de objeto é concluído.

A qualidade da interacão mãe-crianca relaciona, então, a vinculacão e o desenvolvimento da permanência da pessoa durante o período formativo das estruturas afetivas e cognitivas da crianca e, ainda, de acordo com a autora, é a

precondição que elicia o tipo de interesse no bebê que afeta o desenvolvimento da inteligência sensório-motora.

É fácil perceber o que há de comum entre o representante da visão psicanalítica e os representantes da teoria da vinculação. Todos postulam uma sensibilidade estrita da mãe às necessidades e aos sinais emitidos pela criança, a qual decorre ou de uma alta identificação da mãe com seu bebê ou da transmissão de um traço característico do meio em que a espécie se desenvolveu e, portanto, inato. Por ser estrita, tal sensibilidade não dá lugar a atitudes maternas indeterminadas, ou mesmo a simples 'dúvidas' por parte da mãe no atendimento das necessidades da criança ou na decodificação dos sinais emitidos pela mesma, ao menos num dado momento. Pior que isso, indeterminações, mesmo em grau moderado, são consideradas como fruto de um desenvolvimento anômalo da personalidade da mãe, o que levará a um desenvolvimento anômalo da criança.

Ora, aquele que já acompanhou o desenvolvimento de uma criança, principalmente durante o seu primeiro ano de vida (Brazelton, 1981), sabe, por mais que esteja familiarizado aos 'sinais' emitidos por ela (choro, resmungos, reclamações) em situações bem específicas da sua rotina de vida, que nem sempre é possível 'compreender' as manifestações daquele ser tão 'volúvel' ('indiferenciado' mesmo, durante algum tempo), que num momento agita-se

inteiro, olhando ativamente em nossa direcão e, em seguida, entrega-se às nossas manipulacões de cuidado, com um olhar perdido num ponto que não conseguimos alcancar. Pois este foi um dos fatos que observei enquanto registrava o desenvolvimento de Cecília, através da interacão com Ludmila, para a prestacão não apenas dos cuidados necessários à sua sobrevivência, mas também de tudo que envolvesse o seu bem-estar de um modo amplo.

O que emergiu de nossa observacão foram as formas de Ludmila organizar a si própria nas situacões de prestacão de cuidados a Cecília, através não da coordenacão de suas atitudes verbais/motoras com as da criança, mas entre si. Por sua vez, disso decorre uma forma geral de organizacão, donde Cecília pôde ou não, a cada momento, retirar elementos novos ou já conhecidos, para integrá-los às suas atitudes vocais e/ou motoras (Goncalves, 1988; 1989). Assim, a partir da boa assistência à criança, que resulta num 'universo' organizado em termos globais, é possível sustentar uma dada consistência mas não uma forma de 'fine-tuning' entre os elementos do par mãe-criança, como tentarei demonstrar no decorrer deste trabalho, através da análise da fala e acão de Ludmila no atendimento a Cecília.

Outros autores, que também se interessam pela interacão mãe-criança, já apontam para uma sintonia entremeada por momentos de desequilíbrios entre o par. E o caso de Sander

(1965), que afirma que a cada avanco no nível de atividade da crianca, um novo ajustamento na relacão entre ela e a mãe se faz necessário, quando então um novo equilíbrio tem que ser alcancado. O autor explica ajustamento e equilíbrio como processos complementares de um mesmo mecanismo, fazendo analogia aos conceitos de adaptacão e organizacão de Piaget (1936) onde a organizacão pode ser entendida como o processamento de informacão que é feito pelos elementos do par a cada momento.

Sander extraiu uma sequência interacional de seu estudo, a partir de uma amostra comparativa da interacão de pares mãe-crianca, seguidos longitudinalmente, sendo que tal sequência é dividida em períodos cronológicos mais ou menos determinados por uma grande aquisicão ou marco motor no desenvolvimento da crianca.

No primeiro período, que compreende mais ou menos os três primeiros meses de vida da crianca, é alcancada uma regulacão de processos biológicos básicos, como: alimentacão, sono e eliminacão. Um mês e meio após o parto, a mãe, então recuperada, já é capaz de 'ler' as pistas importantes de seu bebê e responder a elas de modo a criar uma rotina predizível. No final desse período, observam-se alguns sinais preferenciais de resposta do bebê com relacão à sua mãe e aos cuidados que ela lhe presta. Um afeto prazeroso comeca a permear as interacões entre ambos.

principalmente com o aparecimento da resposta de sorriso. Essa primeiro período foi denominado de 'Adaptação' ou 'Regulação Inicial'.

Nos três meses seguintes (4o., 5o. e 6o. meses), a mãe empreende trocas ativas com o bebê em torno do desenvolvimento espontâneo do sorriso. Ao mesmo tempo, as atividades principais de cuidado da criança (troca de fraldas, vestir, início da alimentação com colher) passam a ocorrer cada vez mais através de uma coordenação recíproca das ações de cada um. Tal período foi designado por 'Ativação Recíproca' ou 'Estabelecimento de Trocas Recíprocas'.

Durante os 7o., 8o. e 9o. meses, a criança começa a expressar fortemente sua iniciativa em procurar atenção, em realizar trocas sociais, atividades manipulatórias ou exploratórias e em indicar suas próprias preferências. A mãe atende a essas atividades considerando a qualidade específica e individual que elas começam a demonstrar e, ao responder à criança, faz com que ela experencie 'sucesso' ou uma 'interferência' dependendo do tipo de resultado que sua iniciativa atingiu.

O ajustamento da mãe às atividades cada vez mais precisas e intencionais da criança pode ser pouco discriminado, mesmo quando um nível adequado de reciprocidade foi alcançado em

períodos anteriores. Graus variáveis de ambivalência materna em relação às novas capacidades da criança podem levar a padrões idiossincrásicos de interferência misturada com reforçamento. Dessa forma, atividades não dirigidas de modo específico à mãe ou independentes de sua vontade podem ou não ser bloqueadas, assim como atividades dirigidas a ela podem ou não ser encorajadas. Esse período foi chamado de 'Iniciativa' ou 'Início da Atividade Dirigida'.

Com o advento da locomoção, entre o 10o. e o 13o. mês, e a ampliação da capacidade de agir por si própria e da possibilidade de expressar intenções específicas a alguém através do andar, a criança tem a oportunidade de avaliar a medida em que a mãe lhe é disponível. Esta disponibilidade diz respeito à necessidade da criança, não apenas de cuidados em geral, mas do reconhecimento de suas necessidades, em grande parte, pelo contexto das situações em que elas se apresentam. Nesse período, o nível de troca depende da informação que existe no sistema pré adaptado mãe-criança, sendo que tal informação foi construída através das trocas realizadas anteriormente. A informação do 'contexto' é uma adição às características individuais da mãe e do bebê, das quais as trocas foram em grande parte dependentes nos períodos anteriores. A pressão que a criança exerce, nessa época, varia de acordo com a ambivalência com que a mãe responde a ela. Se a disponibilidade da mãe é algo

certo, a criança pode se voltar cada vez mais para coisas novas. Esse período foi chamado de 'Focalização'.

Finalmente, no período que vai do 14o. ao 20o. mês, emerge uma nova capacidade na criança de auto-afirmar e ampliar sua iniciativa para determinar e selecionar as direções de sua atividade. Tal iniciativa vai se deparar com os limites estabelecidos pela mãe e pelas regras familiares, o que será abrandado pela necessidade de a criança estabelecer trocas com a mãe. Esse período foi assim designado por 'Auto-Afirmação'.

Há ainda, dentre os autores de formação etológica ou psicológica, que consideram a importância da relação mãe-criança, discordância a respeito de qual dos elementos do par determina as mudanças observadas na relação.

Hinde (1979), a partir de um estudo da relação mãe-criança no macaco rhesus, afirma que as mudanças no comportamento da mãe determinam as mudanças no contato do par através da idade, permitindo e promovendo a crescente independência da criança e regulando a velocidade com que tal independência é alcançada.

Já, para Moss (1974), as atitudes maternas são vistas sob um controle maior do estado apresentado pela criança, quando esta é mais jovem (três semanas), o que tende a se atenuar conforme a criança fica mais velha (três meses). A atitude

da mãe é vista também como dependente do sexo da criança, já que ele encontrou que as mães interagiam mais com as crianças do sexo masculino, as quais apresentavam mais comportamento de choro que as crianças do sexo feminino. Também uma média maior de estimulação foi obtida para a mãe em relação à criança do sexo masculino, enquanto uma média maior de imitação foi obtida para a mãe em relação à criança do sexo feminino.

De qualquer modo, estudos como o de Sander, Hinde e Moss, apesar de privilegiarem a relação mãe-criança, e, até mesmo em muitos momentos, a coordenação entre elas nessa relação em favor do desenvolvimento da criança, já apontam para graus diferentes de coordenação e, mais que isso, para fatores diferentes (mudanças na mãe, mudanças na criança, idade ou sexo da criança, aquisições motoras desta) influenciando num determinado momento o sentido em que se dá essa coordenação.

Numa crítica aos modelos teóricos centrados na relação diádica, Leiderman (1977) tenta mostrar como tais modelos omitem outras relações importantes para o desenvolvimento social da criança. Para isso, ele estudou o tipo de maternagem adotado numa comunidade agrícola do leste africano, onde a mãe não se dedica de modo exclusivo aos cuidados da criança, devido às funções de trabalhadora agrícola e administradora familiar que acumula, por não ter

condicões financeiras para obter ajuda externa na realizacão dessas tarefas. Assim, quem assume a divisão dos cuidados da crianca com a mãe é algum membro da família com maiores condicões de fazê-lo. E preferível que seja uma jovem, mas quando isso não é possível numa determinada família, pode ser que um rapaz ou uma crianca, a partir dos seis ou oito anos, venha a fazê-lo.

Até o quinto mês de vida da crianca, apenas a mãe cuida dela, levando-a consigo na realizacão de suas atividades. A partir dessa idade, a mãe torna-se menos disponível, ficando somente com a prestacão dos cuidados necessários á sobrevivência da crianca e deixando ao 'caretaker' auxiliar, o papel de interagir socialmente com a crianca. Leiderman compara o desenvolvimento das criancas da comunidade agrícola com o das criancas filhas de famílias de pessoas da mesma tribo que exercem atividades ligadas ao comércio, e que vivem no centro urbano mais próximo da comunidade.

Nessas famílias, as mães se dedicam apenas à criacão dos filhos, podendo contar com ajuda externa remunerada para a realizacão das atividades domésticas e dos cuidados prestados aos filhos. Essas mães parecem desempenhar em relacão a seus filhos o papel que o 'caretaker' secundário desempenha na comunidade agrícola, ou seja, de interacão social com a crianca. Assim, Leiderman compara o desenvolvimento das criancas das famílias agricultoras e das

famílias urbanas, em diferentes idades, e conclui que não dá para dizer que as criancas filhos dos agricultores sejam prejudicadas em seu desenvolvimento em relacão às criancas filhos dos comerciantes da zona urbana. Leiderman coloca que, nessa divisão de papéis, a crianca da zona rural poderá apresentar um maior ou menor desenvolvimento cognitivo ou social de acordo com a idade de seu 'caretaker' secundário, ou ainda, de acordo com seu grau de nutricão, às vezes mais precário que o da crianca da zona urbana.

Ainda segundo o autor, o problema com os modelos centrados na relacão diádica reside no fato deles negarem a socializacão potencial que ocorre nos primeiros anos de vida do bebê e com as criancas em geral, através dos pares mais velhos e também da socializacão parental e de outras socializacões adultas operantes durante a infância e adolescência. Para Leiderman, na medida em que o 'caretaker' secundário pode assumir características de um adulto ou de uma crianca, isso significa uma vantagem sobre os pais na transmissão de aspectos da cultura para o bebê e para a crianca, sendo que essa transmissão ocorre antes para as criancas das sociedades em desenvolvimento em comparacão com as sociedades ocidentais, podendo facilitar a transicão da crianca para uma comunidade maior.

O exemplo relatado por Leiderman parece fortalecer a opinião de Ingleby (1974) de que não se pode desconsiderar a relacão

que a mãe mantém com o modo de produção do sistema sócio-político-econômico ao qual ela pertence. Isso significa que se faz necessário pensar o 'social' de um modo mais amplo. O social não pode passar pelo biológico, como querem Aisnworth e os seguidores da teoria da vinculação, pois, como diz Ingleby, isso, no mínimo, serve para preservar a ordem sócio-político-econômica vigente. Por outro lado, o social não pode ser apenas o social imediato da mãe, como querem os adeptos da psicanálise.

O que emerge dos nossos dados aponta para a hipótese de que a mãe se encontra num processo de conhecer a criança e de aprender a se relacionar com ela. Assim, ao mesmo tempo em que vai acontecendo a história de Cecília, se dá também a história da própria Ludmila em ser mãe de Cecília. Que Ludmila ofereça um universo organizado a Cecília é inevitável, pela sua própria necessidade de se organizar. Mas tal atividade é tão complexa e ambígua que dificilmente poderia afetar a atividade de Cecília se esta não tivesse uma forte tendência auto-organizadora independente. Concebida desta forma, a relação que se estabelece entre o par Ludmila-Cecília ou Cecília-Ludmila não parece ter nenhuma propriedade que lhe confira maior estabilidade e que, portanto, lhe garanta o estatuto de objeto privilegiado de conhecimento.

O papel assumido pelo social ganha, então, um caráter mais flexível na nossa proposta. Nesta, o social reflete-se na possibilidade da criança ter um ambiente favorável em que, não sendo mal tratada, possa se desenvolver também, mas não somente, a partir das relações que estabelece com as pessoas que a cercam. A nosso ver, o social não determina o individual: apenas ajuda, entre outros fatores, a modulá-lo.

No decorrer dos próximos capítulos, tentarei mostrar a coordenação entre a fala e ação de Ludmila na prestação dos cuidados necessários, não apenas à sobrevivência, mas ao bem estar geral de Cecília, assim como as mudanças observadas nessa coordenação, as quais ocorrem principalmente em função das aquisições motoras da criança, dentre as quais o andar foi determinante. Com isso, acredito que estarei mostrando também como essa coordenação serve antes de tudo à própria organização de Ludmila nas situações vividas com Cecília, daí minha afirmação inicial de que nem sempre as mesmas atitudes vocais e/ou motoras da criança são interpretadas ou recortadas da mesma forma pela mãe, tanto em momentos bem próximos quanto distantes no tempo. Portanto, através de nossas observações, pode-se constatar uma certa consistência das atitudes da mãe em relação à criança, pois à medida que Ludmila se organiza para atender a Cecília, ela acaba por lhe oferecer um universo organizado. Porém, não é possível

sustentar a idéia de uma 'estreita sintonia' ou 'fine-tuning'.

Na coordenacão entre a fala e acão de Ludmila, há momentos em que observa-se o predomínio de uma sobre a outra e momentos em que ambas convivem de modo inteiramente harmônico. Para explicitar as especificidades dessa coordenação, e também da 'coordenacão' entre as condutas de Ludmila e Cecília, tentamos propor formas alternativas ao tipo de transcricão, de início adotado, descrito anteriormente. As novas formas de transcricão são extensas e detalhadas, na medida em que tentam dar conta igualmente dos aspectos vocais/verbais e não-vocais/não-verbais das condutas da mãe e da criança, assim como dos aspectos do contexto da situacão. A variacão das formas de transcricão, até o final do trabalho, aponta não apenas para os diferentes graus de coordenacão entre as condutas de Ludmila, mas para os diferentes graus de coordenacão entre suas condutas e as de Cecília, em cada momento.

A seguir, descreveremos a 'rotina do infante dependente', quando se observa um predomínio das acões da mãe que, dispostas numa sequência hierárquica, constituem o sentido das situacões de prestacão de cuidado à criança. Em seguida, tentaremos mostrar a diluicão dessas acões e o 'aprisionamento' da fala a 'jogos verbais', na 'rotina com o infante quase ou em vias de se tornar competente'. E,

finalmente, mostraremos as diferentes coordenacões surgidas na fala a partir da representacão 'entre o infante competente e o falante'.

Nota: (1) As aspas são desta autora.

Capítulo I

A Rotina com o Infante Dependente

Neste capítulo, tentarei caracterizar a superdeterminação dos recursos da mãe, na prestação de cuidados à criança, mostrando como tais recursos compõem um elenco consistente, que se aplica a um vasto leque de acontecimentos e que pode ser determinado por critérios muito diferentes de um momento para outro. Com isso, estarei mostrando também como a ação da mãe é em grande parte constitutiva do sentido que um observador pode atribuir aos dados, na medida em que não haverá uma ampliação dos recursos linguísticos da mãe, no período abrangido pelo capítulo (que começa com a primeira gravação, quando a criança se encontra com 1 mês e 21 dias, e termina com o começo do 7o. mês).

A observação do primeiro ano de vida, no geral, registrou uma rotina pouco flexível, da qual faziam parte : a mamada, o despir a criança para o banho, o banho, o vestir a criança após o banho, a mamada, a troca de roupas ou fraldas após a mamada, tendo as mudanças observadas em tal rotina, à medida em que o tempo passava, ocorrido principalmente em função das novas aquisições motoras da criança, sendo que a mais chamativa delas, nesse primeiro ano, foi o sentar.

Durante um tempo considerável, as gravações tiveram lugar no quarto da criança. Mais tarde, passaram a registrar outros lugares da casa, como a cozinha, com a criança sendo alimentada no bebê conforto, colocado sobre a mesa, e posteriormente, sentada no cadeirão. Ainda mais adiante, no

início do segundo ano de vida da criança, com a aquisição do andar, a sala de estar e a garagem se tornaram lugares preferidos de gravação.

Por outro lado, também as capacidades ou possibilidades da criança permaneciam as mesmas durante um certo tempo, quando então surgia uma nova aquisição. Portanto, os elementos fixos e que se repetiam de gravação para gravação, dentro de um determinado período de tempo (a rotina das situações de prestação de cuidados à criança, o lugar ou lugares da casa onde se dava tal rotina de atendimento, as capacidades da criança a cada momento), estiveram presentes desde a primeira gravação nos 'recortes' que a mãe fazia, através de sua fala ou de sua ação. Isto, contradiz, ao menos em relação à mãe, a constatação de Sander (1965), citada anteriormente, de que a informação do contexto é adicionada às características individuais da mãe e do bebê, somente a partir do 10o. mês de vida da criança.

Dentre as tematizações preferidas da mãe, com relação às aquisições da criança em seu primeiro ano de vida, encontram-se: o estar 'gostoso', o estar 'frio', o gostar ou não de ficar sem roupa, de tomar banho, de ficar de brucos sobre o trocador ou durante o banho, de sorrir, de bater pernas e pés na água, de observar ou tentar agarrar o móbile de palhacinhos e a cobrinha que pendiam de cima do trocador, de tentar agarrar o gorila 'King Kong' que pendia sobre o

berço, de levar tudo que manipulava à boca e as aquisições do sentar e engatinhar.

Ainda com relação ao conteúdo da fala da mãe, observa-se que além das tematizações de elementos que permaneciam fixos, num determinado período de tempo, sua fala se caracteriza por ser uma espécie de 'leitura em voz alta' daquilo que está sendo vivido com a criança, a cada momento, e portanto, uma leitura em voz alta 'da própria ação' que a mãe exerce sobre a criança, no atendimento à mesma. Daí sua fala conter elementos que denominamos (Gama, 1986) de marcadores de ação, dentre os quais salientamos os sintagmas: Isso, Assim, Pronto, que podem ou não aparecer prolongados (Assim:) ou, ainda, entrecortados por prolongamentos (Pron: to) e pausas (A-ssim) , e, portanto, silabados, devido à necessidade da mãe de fazer 'casar' o ritmo de sua ação com o ritmo de sua fala. O mesmo acontece com outros elementos, dentro de enunciados, que retratam a ação da mãe num determinado momento e que, por isso, podem aparecer aglutinados (Puxaquí:) , reduzidos (Não pissá tê medo) , devido a omissões dentro do próprio vocábulo, e/ou prolongados (Tirá as mei: as) , para 'casar' com tal ação.

Nota-se também, que a fala da mãe, a nível segmental, apresenta enunciados curtos, apresentando uma gramática pouco complexa, além de repetição de enunciados, dentro de uma mesma sequência, como: 'Peraí,peraí,peraí,',

'Não: /Não: : /Não: . ', 'Não pissá tê medo. Não pissá tê medo. ', 'Chega.né?Chega.né?', 'Tá bom. Tá bom. Tá bom. ', ou de determinados sintagmas dentre sequências de enunciados, como: 'Que gostoso? (...) O que gostoso? (...) Viu que gostoso?', 'Viu querida? (...) Viu? (...) Viu que gostoso? (...) Viu?', sendo que nestas últimas, há uma certa variação no tamanho da estrutura em que os sintagmas 'que gostoso' e 'viu', que são repetidos, aparecem.

A nível suprassegmental, é registrada a repetição de recursos como: voz agudizada (VAG), voz agravada (VAGR), voz sussurrada (VSU), voz suave (VSUA), voz forte (VFOR), voz baixa (VBX), fala labializada (LAB), fala com lábios estirados (EST), ritmo acelerado (RIT ACE), pressionamento de lábios (PRE), os quais muitas vezes são usados em constraste uns com os outros, numa mesma sequência de enunciados. Ocorre ainda, uma variação na intensidade com que esses recursos são empregados, marcada pela quantidade de sinais (+) e (-) que acompanha suas abreviações. Também observa-se que dois tipos de recursos podem se sobrepor num determinado momento (RIT+ACE e V+FOR). Com relação à entonação, observa-se que durante o enunciado, pode haver um aumento de tom, devido à saliência das sílabas tônicas daquele, que podem ou não ser prolongadas, o mesmo acontecendo em seu final. Quando ocorre um prolongamento no final do enunciado, a tendência é a entonação se manter

ascendente e constante. Quando o prolongamento ocorre na penúltima sílaba do enunciado, a entonacão da sílaba final é descendente.

(1a. gravacão - 04/06/85 - A crianca está com 1 mês e 21 dias)

No quarto da crianca. A situacão é de despir a crianca para o banho. A crianca está deitada sobre o trocador, com a cabeca virada para o lado esquerdo, na direcão da câmera, com a chupeta na boca e bracos movimentando-se para cima, próximos ao rosto. A mãe está com a observadora junto á câmera. Vai ao trocador, abre o zíper do macacão da crianca e volta á câmera, após uma pergunta da observadora a respeito do manuseio da mesma. De volta ao trocador, tira perna direita da crianca de dentro do macacão, enquanto diz:

Cica (VSU)
Vamu tirá a roupinha?(VAG e VSU)
Tomá banho, né? (ˆné?ˆ V+AG)
Puxaquí: (VSU)
Assim: (VSU)
Pron:to (V+SU) (tirando perna es-
querda da crianca do macacão)

A imagem desaparece por alguns instantes, devido a problemas técnicos. Quando volta, a crianca está sem o macacão, sem a

fralda que estava embaixo deste e com a cabeca virada para o lado direito. A mãe desabotoa a fralda e diz algo que não dá para entender. A crianca vira a cabeca para o centro e para a esquerda. A mãe pega lenco umedecido, abaixa a fralda e diz:

Vamu limpá? Hum? (segurando os pés da crianca levantados,enquanto passa-lhe o lenco)

(Fez som semelhante a soluco + engasgo,piscando olhos e mexendo bracos. Em seguida, fez o mesmo som + forte, piscando olhos junto)

A mãe termina de limpar a crianca e retira a fralda debaixo dela, que eleva braco direito com mão aberta. Tira as meias da crianca, dizendo:

Tirá as mei:as (VSU)
Peraí, peraí, peraí (V+SU)
Deixa eu tirá as meI:a (VSU)

Inclina um pouco a crianca sobre o lado esquerdo de seu corpo e comeca a desabotoar-lhe a camisa, que estava embaixo do macacão, nas costas, dizendo:

Hum: Tomá banho, né?, Cecília. (Braco direito levantado,com a mão fechada)

Cê já sabe, né? Tá ficando
muito pelada... Sinal de banho.

(Abaixa braco direito junto ao rosto, enquanto braco esquerdo continua junto ao corpo, sugando chupeta vigorosamente)

Tenho medo de puxá o cabelo dela.(SOR. desabotoando a camisa junto ao pescoco)
E curti:nho, mas já dá prá puxá.(SOR)
Ei qui. Tá todarrepia:da. (LAB. tirando a camisa braco direito crianca)

.....

No banho, quando é possível ver apenas a cabeca da crianca, devido ao posicionamento da câmera.

(Olha para a mãe e produz sons posteriores, semelhantes a golpes de glote, os quais parecem prenunciar um

choro)

A: e (V+Su)

Viu querida? Que gostoso? Sem choro? (V ++ AG)

(Produz os mesmos sons posteriores. Os sons se tornam + intensos e prolongados. Faz som semelhante à vogal /E/post)

Agora que cê percebeu que você está na água? (VAG e V-SU)

Quase no final do banho?

E? Não: / Não: : (V+FOR) / Não:

Vamu vê se você consegue ficá de brucos? Peraí (VSU)

Não pissá tê medo. Não pissá tê medo. (RIT+ACE e V+FOR, virando criança de brucos)

(Produz som intenso e passa a produzir sons+espacados,firmando a cabeca)

Assim. O que gostoso?

Viu? (V++AG, jogando água pescoco e costas crianca)

(Silenciou)

Viu que gostoso? (V+SU e VSUA)

A-ssim: : (VAG e VSU)

E: : (VAG e VSU, jogando água costas crianca)

Viu?

(Recomeca com sons posteriores)

Chega, né?/ Chega, né?(VAG e VSU)

Pronto. Tá bom. Tá bom. Tá bom.
(V + FOR, do comeco para o final
do enunciado, tirando a crianca
da banheira)

Situacão de vestir a crianca após o banho. A crianca está enrolada na toalha, deitada sobre o trocador.

E: (passando toalha lado dir ca- beca crianca, com movimentos cir- culares)	Está em silêncio.
(Coloca mão debaixo crianca, er- guendo-a um pouco, e passa toalha lado esquerdo cabeca crianca com movimentos circulares)	Faz som.
Ai, que fri:o (VSU e AG) (pegando escova prateleira acima trocador)	
A-ssim: (VSU) (penteando cabeca crianca)	Língua anteriorizada en- tre lábios. Produz alguns sons e comeca chorar.
Não./Não. (V++SU) (terminando pentear crianca. Guarda escova e coloca crianca novamente deitada sobre trocador)	
Pronto. Eu sei que tá frio...	
Eu sei que tá frio...	
Pronto. (LAB) (colocando chupeta	

boca crianca. Morde lábio inferior por alguns instantes. Enxuga pernas crianca)

Produz sons esparsos com chupeta na boca.

(Coloca fralda crianca)

Continua produzindo sons.

Hoje vamu filmá uma cortadinha de unha.(olhando para a câmera) Dexu pegaquí (SOR) (Corta unhas pé direito crianca)

Isso. Mais um pouquinho...(Cortando unhas pé esquerdo)

Pronto,ponto. Fazê um pedicure. hoje. (VAG) / A-ssim:(V++SU e AGR)

Isso.(VFOR e AG) (terminando cortar unhas)

Pronto. (VFOR e AG) (guardando a tesoura)

Prontinho.(V++SU e AG) (vestindo meia pé direito crianca)

Em silêncio,enrolada na toalha da cintura para cima, mexendo cabeça, olhos e pernas.

Ai que gostoso.(V+AGR) (pegando meia para vestir pé esq crianca)

Viu? (V++AG) (quando termina de

vestir meia pé esquerdo criança)

Cabeça virada mais para lado esquerdo.

(Com lábios pressionados,ora mordendo lábio inferior,pega calça e veste criança.)

Pron:to. (V++SU) (quando termina de vestir a calça)

Oi, tá mãozinha roxa, de tanto frio. (SOR) (terminando de enxugar braço direito criança)

Pron::to. (V+AG e SU) (tirando toalha peito criança)

Continua em silêncio.

Mamãe enxugaquí...(V++SU) (enxugando pescoço criança)

Né? (V+SU)

Tá todarrepia:da. (V+FOR e EST)

Né?, filha. Fala (V++SU), tá muito fri:o...(LAB) (vestindo camisa sem manga, braço esquerdo criança)

Soluca e produz som fraco.

E:: (V++SU)

Tá muito frio... (-LAB e VSU) (vestindo camisa braço direito criança. Com lábios pressionados, veste camisa manga comprida cri-

anca)

Suga chupeta com rosto virado para lado esquerdo produzindo alguns sons fracos.

.....

O que se constata quando se compara dois momentos dessa gravacão, o primeiro, que corresponde às situacões de despir a criança para o banho e ao próprio banho, e o segundo, que corresponde a uma parte da situacão de vestir a criança após o banho, é que, apesar de eles serem conseguintes no tempo, há uma diferença não apenas entre o que é tematizado pela mãe em cada deles, a qual é bastante nítida, mas também, uma diferença, mais sutil, entre a coordenacão que se estabelece entre a fala e acão da mãe, em cada momento.

Com relacão às tematizacões desenvolvidas, no primeiro momento, logo de início, a mãe anuncia o banho, (Tomá banho,né?), retoma esse anúncio à medida em que a criança vai ficando sem roupa, e relaciona esse fato ao próprio banho (Tomá banho, né?, Cecília, Cê já sabe, né? Tá ficando muito pelada...Sinal de banho.). Durante o banho, a princípio, é salientado o aspecto 'gostoso' do mesmo, relacionado ao fato da criança não chorar (Viu querida? Que gostoso? Sem choro?), apesar de ela já produzir sons posteriores que parecem prenunciar um choro. Porém,

imediatamente em seguida, à medida em que tais sons têm continuidade de forma mais intensa e prolongada, eles são relacionados ao fato de a criança ter 'percebido' que está na água (Agora que você percebeu que cê tá na água? Quase no final do banho?). A mãe muda a posição da criança, colocando-a de bruços, e como a criança silencia por alguns instantes, a mãe volta a tematizar em torno do aspecto 'gostoso' (O que gostoso? Viu? Viu que gostoso?). Assim que a criança volta a produzir sons posteriores, a mãe encerra a atividade.

Há, portanto, ocasiões, durante o banho, em que se observa uma certa tensão na mãe, diante da iminência de choro da criança, que se torna previsível, através da produção de sons posteriores pela mesma. Na primeira ocasião, a criança intensifica e prolonga seus sons posteriores, produzindo em seguida, um som de qualidade vocálica, porém posterior. A mãe parece perceber tal som, na medida em que o retoma (E?). Entretanto, na sequência, aparece um enunciado cujos elementos se repetem e prolongam, e no qual ocorre um evidente aumento na intensidade de voz (Não:/ Não::(V+FOR)/ Não:). Da mesma forma, ao mudar a posição da criança na banheira, e talvez antecipando uma reação por parte da mesma, a mãe acelera seu ritmo de fala e aumenta sua intensidade de voz (Não pissá tê medo. Não pissá tê medo.). Finalmente, um pouco mais adiante, quando a criança retoma

seus sons posteriores, a mãe põe fim á atividade, quando um novo aumento na intensidade de voz é registrado (Tá bom. Tá bom. Tá bom.).

Assim, a tematizacão durante a situacão de despir a crianca e durante o próprio banho, gira em torno dessas próprias atividades, com a fala da mãe funcionando apenas como uma leitura em voz alta de sua acão e das características contextuais dessas situacões, sendo que a medida em que as mesmas podem ser agradáveis ('gostosas') ou não, é dada pela vocalizacão predominantemente posterior da crianca em oposicão ao seu silêncio. A atividade vocal da crianca é recortada apenas enquanto característica ou traco da situacão como um todo.

No segundo momento, durante a situacão de vestir a crianca após o banho, o 'frio' parece ser o aspecto mais tematizado (Ai, que fri:o; Eu sei que tá frio... Eu sei que tá frio...; Oi, tá mãozinha roxa, de tanto frio.; Tá todarrepia:da.; Tá muito fri:o...; Tá muito frio...). Há uma ocorrência maior de marcadores de acão (A-ssim:; Pronto; Isso; Pronto.ponto.; Prontinho.; Pron:to.; Pron::to.), assim como, da utilizacão de pausas e prolongamentos, o que sugere, em oposicão ao momento anterior em que parecia haver uma prioridade da fala em relacão à acão, que há, agora, um equilíbrio maior entre as duas, com um leve predomínio da acão, em alguns momentos. Vale ressaltar que a situacão de vestir a crianca parece

demandar uma quantidade maior de acões, além de acões mais especificas, que as demais situacões de prestacão de cuidados.

De qualquer modo, se faz necessário salientar o contraponto que existe entre as atitudes da mãe durante o banho e durante a situação seguinte de vestir a crianca, atitudes estas, que parecem não levar em conta aquelas da crianca. Assim, em oposicão à tensão crescente durante o banho, quando a mãe finaliza bruscamente a situacão, a partir da retomada das vocalizacões posteriores pela crianca, no momento seguinte, ao vestir a crianca, a mãe tematiza o 'frio' e prioriza sua acão, apresentando atitudes como mordida do lábio inferior e pressionamento de lábios, típicas de momentos de muita tensão, apesar da crianca permanecer quase que totalmente silente. Parece, então, que a própria priorizacão da acão não é um fato exclusivo dos momentos em que, interpretando tracos mais posteriores da vocalizacão da crianca, como desconforto ou desprazer na situacão, a mãe acelera a atividade em curso, com o intuito de concluí-la, para com isso pôr fim ao desconforto da crianca.

Além do fato já apontado inicialmente, de que o conjunto das situacões de atendimento à crianca compõem uma rotina pouco flexível, observa-se que, dentro de cada situacão de prestacão de cuidados, a mãe utiliza um elenco mais ou menos

fixo de acões específicas àquela situacão, dispostas numa sequência também mais ou menos hieráraquica.

Na situacão de despir a criança, por exemplo, esse elenco de acões obedece à única forma possível de despir, ou seja, comecando pelas roupas que estão em contato direto com o ambiente, até chegar àquelas em contato direto com o corpo da criança. Assim, a situacão se inicia com a criança deitada sobre o trocador, geralmente movimentando bracos e/ou pernas, com a cabeca virada para cima ou para os lados. A mãe inicia desabotoando o macacão, na parte de cima do corpo da criança, e, às vezes, também, na parte interna das pernas e próximo aos pés. Em seguida, ela tira o braco esquerdo da criança de dentro do macacão, coloca a mão sob a criança, erguendo um pouco seu corpo em relacão ao trocador, para passar o macacão por baixo dela, para o lado direito, tirando o braco deste lado de dentro do macacão. Então, ela retira a mão debaixo da criança, deitando-a novamente sobre o trocador, tirando a perna direita e em seguida a esquerda de dentro do macacão. Por fim, a mãe segura os pés da criança levantados, para retirar o macacão debaixo dela. Na sequência, ela tira a calca, que estava embaixo do macacão, levantando ligeiramente os quadris da criança, enquanto puxa a calca para baixo. Tira a meia do pé esquerdo e do pé direito. Coloca a criança deitada de lado, geralmente deitada sobre seu lado esquerdo, virada para a câmera, para

desabotoar-lhe a camisa nas costas, fazendo o mesmo se tiver que desabotoar o macacão nas costas. Se a criança produzir sons, pode ser que nesse momento, a mãe tematize o fato dela não gostar de ficar de lado, associado ao fato dela gostar de olhar para cima. Antes de virar a criança para a posição deitada, a mãe tira a manga do braço direito, segurando o braço junto ao ombro com uma mão e encolhendo e puxando para fora e para baixo a manga da camisa com a outra. Coloca novamente a mão sob a criança, para virá-la para a posição deitada sobre o trocador, tirando com a outra mão, a manga do braço esquerdo. Finalmente, a mãe abre a fralda, presa lateralmente por fita crepe, abaixa a parte da frente da fralda e segura os pés da criança levantados para retirar a fralda debaixo dela. Pega no colo a criança, já sem roupa, e, virando-se para a câmera, pode tematizar o fato da criança estar sem roupa. A mãe pode ainda segurar a criança com os pés apoiados sobre o trocador e tematizar o fato dela conseguir ou não firmar as pernas. Ou pode ainda deixar a criança algum tempo deitada sobre o trocador, com alguma peça das roupas que foram retiradas cobrindo-lhe o peito, enquanto aguarda que alguém encha a banheira de água. Nessa ocasião, a mãe pode tematizar em torno dos palhacinhos, ou usar onomatopéias como: 'O', 'Agu', 'Tic-tic', para 'brincar' com a criança.

É interessante notar que durante essa situacão as atitudes motoras e/ou ~~vocálicas~~ orais da crianca quase nunca são recortadas. O que se observa com relacão à fala da mãe são enunciados formados por elementos muito gerais, como: 'E', 'Né', 'Hum' e 'Ã', os quais podem ou não ser prolongados e/ou variar em termos entonacionais, e que aparecem em resposta às vocalizacões da crianca. Observam-se ainda, marcadores de acão e as tematizacões já citadas, além da própria tematizacão do banho, para o qual o despir a crianca serve de preparacão. Um exemplo da fala da mãe, durante a situacão de despir a crianca para o banho, onde se observa a sequência de acões acima descrita, é relatado abaixo.

(3a. gravacão - 09/07/85. A crianca está com 2 meses e 26 dias)

A situacão é de despir a crianca. No decorrer da mesma, a crianca mexe bracos, pernas e cabeca, olhando em diferentes direcões. Produz sons semelhantes a soluços, vogais nasais, dentre as quais se identifica algo próximo a /ã/, e sequência de sons semelhantes a pequenos golpes de glote, entremeados por vogais nasais, quando está de lado sobre o trocador, enquanto a mãe lhe desabotoa a camisa nas costas. Enfim, o tema das vocalizacões da crianca parece ser sons nasais com qualidades vocálicas. A sequência
de enunciados da mãe durante a situacão é a seguinte:

Co-mo-cres-ci-rá: pido. Mesma coisa cé si lembrá, quando você viu...ela, a prímeira vez.

Né? (VAG)

Fala, a gente adora tirá a roupa, agora. (SOR + EST)

Num choro mais no ba: nho...

Agora eu descobri o bem-bom. (SOR)

Vamu falá agú, vamu? ('agú' e 'vamu?' V++AG) Heim? Cecília.

Vamu falá, (V+BX e SU) A-gu: (V++AG)

Vamu? (V++AG) Vamu (S.I.) (VAGR e +SU)

Hum, hum. (V++AG e -LAB) Cadê o palhacinho?

Hum:

Né? (V++AG)

Eu num gosto de ficá de lado...Eu gosto de, olhá prá cima. (VAGU)

Olhá prá cima, né?

Pron: to.

O nós peladaquí. Vamu ficá de pé (RIT++ACE) Vãmostrá comé qui tá peladaquí. O? A-ssim: Cadê a Aglael? (VSU) Heim? (V+FOR e AG) Mosta nóis peladaquí, ó? (V+FOR) Fala, ó eu peladaquí, ó? (V+FOR e AG) Oí? (VAGU e FOR) O? (VAG e FOR) Olhaí, (V++AG e FOR) As mias pénas num aguenta eu, mamãe (VAG e FOR) São muito... Dexu tirá o relógio. (V+AGR e SU) Né? (VAG e FOR) Vamu tomá ba: nho, (V+FOR e AG) Olhaquí. Dexu puxá minha manga. Peraí, peraí. (V++BX) Olha a água.(V+SU e AGR) (baixando a criança em seu colo, para colocá-la na banheira)

A situacão de despir a crianca comeca com o enunciado 'Co-mo-cres-ci-rá: pido.' e termina com o marcador de acão "Pron: to.' Através da quantidade de fala descrita entre esses dois enunciados, e considerando-se o conjunto, acima descrito, de acões prototípicas dessa situacão, pode-se concluir que houve também, durante a situacão, uma quantidade significativa de acão sem fala. Por outro lado, esse primeiro enunciado da mãe parece fornecer o tema para a fala seguinte, onde ela constata o 'crescimento' da crianca pelo fato de essa, agora, gostar de tirar a roupa e não chorar mais no banho. Porém, a representacão que emerge da fala que se encadeia a esta é a de um bebê, quando a mãe sugerindo que a crianca fale 'Agu' parece explicitar sua representacão a respeito das possilidades vocais da crianca, nesse momento. A mãe responde a algumas vocalizacões da crianca com: 'Hum,hum', 'Hum:' e 'Né?', e finalmente, tematiza em torno da mudanca de posicão da crianca sobre o trocador, a partir de vocalizacões produzidas pela mesma. Vale ressaltar que, muitas vezes, esses enunciados constituídos por 'Hum', 'Né', 'A' e 'E', são difíceis de transcrever, pois confundem-se entre si, surgindo, então, como elementos pouco diferenciados. Isto nos remete às próprias vocalizacões da crianca, que muitas vezes aparecem como 'indiferenciadas' e difíceis de serem transcritas, devido ao controle ainda precário de seus articuladores e á posicão deitada.

A fala que aparece depois do final da troca ('Pron: to. ') foi transcrita aqui com os enunciados colocados um após o outro, já que durante a mesma, a mãe apenas segura a criança em pé, apoiada no trocador, e, desse modo, não desenvolve nenhum tipo de acão específica. A criança tenta firmar a cabeca, que cai para frente e para os lados, o que a faz, vez por outra, olhar na direcão da cobrinha que pende lateralmente sobre o trocador. A mãe tematiza apenas o fato da criança não conseguir firmar as pernas, já que seu corpo balanca e ela flexiona os joelhos. Em nenhum momento, nesse tipo de situacão, após despir a criança, a mãe tematizou o fato da criança não conseguir firmar a cabeca.

Com relacão ao conjunto de acões específicas ao banho, temos: a mãe coloca a criança deitada na banheira, com a cabeca apoiada em seu braco e mão esquerda, sendo que com a mão direita, inicialmente, ela joga água sobre o corpo da criança como um todo. Assim, a mãe passa a mão na água e depois na parte do corpo da criança a ser lavada, passa a mão no sabonete e depois na parte do corpo da criança a ser ensaboada e enxagua, passando novamente a mão na água e depois no local ensaboado. Geralmente, ela lava o rosto da criança, apenas com água, a cabeca, o peito, estendendo essa acão a cada um dos bracos e ás mãos , abrindo-as para lavar entre os dedos, lava o 'bumbum', a perna direita e depois a

esquerda, virando a criança de brucos para lavar-lhe as costas e as outras partes detrás do corpo.

O que chama a atencão, nas situacões de banho, com relacão à criança, são movimentos de língua que se assemelham em muito àquele de succão durante a mamada, durante os quais a criança protrui e retrai a língua e vira-a de um lado a outro, realizando aberturas de mandíbula de diferentes amplitudes, sendo algumas bastante exageradas. Entretanto, isso nunca foi especificamente 'recortado' pela mãe, que nessas situacões, geralmente privilegia a tematizacão em torno do estar 'gostoso', tematiza também o 'frio' e o 'ficar de brucos', refere-se (nomeando) às partes do corpo da criança que estão sendo lavadas e faz onomatopéias e estalidos de língua para a criança, em resposta às suas vocalizacões e aos seus movimentos de língua ou então utiliza aqueles enunciados mais gerais, já citados, para respondê-los. A mãe parece ainda que apenas 'brinca' com a criança quando lhe faz cócegas, por exemplo, as quais podem ser acompanhadas de onomatopéias e estalidos de língua. O fato da criança agitar o corpo na água, inclinando-se para trás e batendo pernas e pés, e a aquisicão posterior de segurar objetos levando-os à boca, serão mais chamativos para a mãe durante essa situacão.

Vejamos, para exemplificar, a sequência de fala da mãe durante uma situacão corriqueira de banho, na qual o tema

principal da criança são os movimentos de língua acima descritos. A situacão pertence á mesma gravacão descrita acima, para a situacão de despir, na qual a criança encontra-se com 2 meses e 26 dias. O tema das vocalizacões da criança durante o banho continua sendo vogais nasais, com destaque para o /ã/ posterior, semelhante a golpe de glote. Da mesma forma que para a situacão anterior, os enunciados descritos em linhas subsequentes ocorreram intercalados com uma ou mais acões no tempo.

Olha a água. (V+SU e AGR) (baixando a criança em seu colo, para colocá-la na banheira)
Viu, hoje tem, (a criança soluca forte) tem pouqui:nho, mas não faz mal, né? ('qui:' e 'mal' V++AG, SOR)
OI.
O:: qui gosto:so.
Vãlavá o ros::to. (VSU e AGR)
A-ssim:: (VAG e FOR) Im? (V++AG)
Hum: (VAGR e SU)
O, que gostoso, viu? (V+AGR e SU)
A. (VAGR) (fazendo meneio de cabeca, parece que em resposta a som semelhante /ã/ mais posterior e oclusivo que a criança produz)
Fala, a-gu:: (V++AG) A-gu:: (V++AG) (Sequência de estalidos de língua) U,ú,ú. (V++AG)
(A criança faz som semelhante /E/ baixo, seguido de soluco)

E? (VAG) Tá bom? Está. Cecília? Tá? Tá (V+BX e -AG. SOR) Faz sequência de estalidos de língua com olhos arregalados. Hum? (V+AGR) Faz sequência de estalidos de língua. olhando para a crianca. A-gu:: (V+AG) Faz outra sequência de estalidos de língua. Á:: (VAG) Tá com fri:o. Tá todarrepia:da. (VAG) E? (VAG) Tá gostoso. tá? (V++SU. ASP e AGR) (balancando a cabeca) Hoje nem vou virá ela. prá num segurá elaquí no estômago. Quela mamô tan:to. Né? (V+AG) Vamu lavá. mais uma vez. isso. que cé fez um cocozão... Tá toda su:za. (LAB) Tá toda su:za (LAB) Hum? (VAG) Lavá mãozi:nha. esquecí: de lavá. mãozi:nha. (Olha para a crianca. com olhos arregalados. e faz onomatopéia seguida de 'A-gu:' (VAG) e estalidos de língua. também com olhos arregalados) (Faz sequência de estalidos de língua. balancando cabeca para os lados e sorrindo.) E? (VSU e ASP) Hum? (VAG) (levantando sobrancelhas e olhando para a crianca) Tá gostoso. né? (VSU e AGR) (olhando para a crianca) Tá. né? (V+AG) (balancando cabeca e elevando sobrancelhas) (Faz onomatopéias. fazendo cócegas próximo boca crianca) Tá gostoso? (VAG) (balancando cabeca) Heim? Chega. (VSU) Heim? (VAG) Tem cócega no pé. tem? Tem cócega no pé. tem. tem. tem? (VAG) (fazendo cócegas nos pés

da criança, que não pára de abrir a boca, mexendo língua) O, ó, ó, ó, ó, ó, ó? (VAG, com variação de tom, como uma escala de notas musicais) (elevando sobrancelhas e mexendo pés criança) Joga água no peito da criança e retira-a da banheira, sussurrando algo que não dá para entender.

Num outro momento, um pouco mais adiante quando a criança está com 3 meses e 17 dias, observam-se, durante o banho, os mesmos movimentos de língua, entretanto, o tema oferecido pela criança parece ser a intensa movimentação de corpo na água, donde se destaca o fato dela bater as pernas. Parece que tal fato é mais saliente para a mãe que os movimentos de língua da criança.

Como de costume, a mãe apóia a criança sobre sua mão e braço esquerdo, enquanto com a mão direita, joga água sobre o corpo da criança. Esta, por sua vez, está com a cabeça virada para a direita, na direção da mãe, mexendo agitadamente, pernas e braços.

Vou brincá de baxinha, bem baxinha, bem baxinha, bem baxinha.(ESTeSOR) (olhando para a criança) Né?(VAG) E?(VSU)(com meneio de cabeça,passando a mão na água e olhando para a criança) Vamu mostrá como a gente toma banho?(passando a mão com água	Está com boca aberta, movimentando língua,e faz som semelhante /E/

no rosto da criança) Como a gente brinca?(V+FOR)(passando a mão na água e novamente no rosto da criança) Heim? De púla. púla?(V+AG)(passando a mão no rosto da criança)

Inclina o corpo para trás.com boca semi aberta.agitando pernas e mexendo menos bracos. abrindo-os para trás. com cabeca virada para direita.na direcão da mãe.

Heim?(VAG e SOR)(jogando água sobre o corpo da criança) Pula pouquinho. pula.(VSU e SOR)(olhando para a agitacão de pernas da criança) U:: Que gosto:: so(V++AG.com picos de agudizacão nas sílabas prolongadas.SOR) (olhando para a criança. Joga água sobre o corpo da criança) Vamu? (V++AG e RITACE) A:: I:: I::sso. Mais um pouco. vai?(V++AG e SOR) (olhando para a criança)

Agita-se por inteiro.

Continua na mesma agitacão.com boca semi aberta.olhando na dire-

	ção do rosto da mãe.
I:: sso. (V++AG e SOR) (olhando para a criança) A: que gosto: so(VAG)	
	Faz som oclusivo posterior, semelhante a 'click'.
(Olha para a criança.sorrindo e diz:) A?/ Só um pou: co. Cê num qué mais, não?(V++AG e LAB.com sensível mudança de tom)	
	Agita-se com menos intensidade.
(Passa a mão com água na cabeça da criança,várias vezes,dizendo algo muito baixo,que não dá para entender. Bate os dedos na água, próximo aos pés da criança,dizendo:) O, ó, ó? O o barulho da água, ó? O? O?(arregalando olhos) Viu: (V++AG e SOR) (olhando para a criança) O o barulho da água, ó? (V+AG e olhos arregalados no último 'ó?') Viu: só? (arregalando olhos,olhando para a criança e sorrindo)	Agita-se mais.
	Continua a agitar intensamente pernas e

bracos,com cabeca virada para direita e boca aberta,mexendo língua. Agita-se mais,produzindo sons semelhantes a vogais aspiradas e posteriores,arqueando o corpo para trás e abrindo a boca.

(Joga água sobre o corpo da criança)

(Olha para a câmera e diz:) Como se joga...(SOR)(Joga água sobre o corpo da criança e diz:) Viu::(V++AG e EST)(Bate os dedos na água,próximo aos pés da criança dizendo:) O? O? O, que barulhão?(VFOR)(Olha para a criança sorrindo)

Arqueia o corpo para trás,batendo pernas semi flexionadas na água,com rosto virado para direita,cabeca mais para trás,boca aberta,olhos parece que virados na direcão do rosto da mãe. Produz sons semelhantes vogais

aspiradas,mais posteriores.

E:(EST e SOR)(olhando para a criança. Passa a mão no sabonete e diz:) Viu, só?(V++AG e SOR) (olhando para a criança)

Continua na mesma agitação. Produz som forte semelhante /E/ mais 'click'.

Ai, que gostoso.(elevação de tom em 'Ai' e 'to')(passando mão com sabão na cabeça da criança)

Produz sons mais baixos semelhantes vogais nasais.

Hum: (Ensaboa e enxágua cabeça criança. Passa a mão no sabonete e diz:) Hum: (FEC)(Passa mão com sabonete no peito e braço esquerdo criança)

Faz som baixo.

I-sso. (VBX) A.ã: (enquanto enxágua criança. Passa a mão no sabonete e braço direito criança) Ela fica até pesada, agora, no meu braço.(SOR)(olhando para a câmera)

Produz sons.

Já, começa a doé, o braco da mamãe.
(enxaguando braco direito crianca)
De segurá você.(SOR)(passando a mão
no sabonete e olhando para crianca)
Vamu?(V++AG) Vamu nadá? Vamu?(VAG)
Vamu nadá? Gostosinho?(VAG<elevacão
de tom em 'si')(passando a mão com
sabonete entre pernas da criança)
Prá lá:, prá cá:(deslizando a cri-
anca para frente e para trás.com a
mão que está sob ela) Prá lá:, prá
cá:(repetindo o deslizamento da cri-
anca na água.enquanto passa a outra
mão no sabonete)(Passa novamente Agita-se mais.
entre as pernas da crianca,dizendo:)
Prá lá:,prá cá:('lá:' agudizado)
Vamu lavá bem as pénona.(V+AGR)
('Vamu' bem nasalizado e aumento
de tom em 'no')(passando a mão na
perna direita da crianca) Vamu?
(VAG e EST)(passando a mão no
sabonete. Passa a mão na perna
esquerda da crianca,depois enxágua
seu corpo. Passa a mão no sabonete e
na mão esquerda da crianca,dizendo:)
Vamu, lavá a mãozi:nha.(V+BX)(Enxá-

gua braco esquerdo e corpo crianca)

Produz som semelhante friccão posterior, abrindo a boca.

Hum? (VAGR e SOR)(olhando para a crianca) Ai, que gosto: so. (VAGR, SOR e EST)(olhando para a crianca)

Agita-se.

Viu: ?(VAG)

Arqueia com forca o corpo para trás,elevando braco esquerdo com mão aberta.

U-pá. (V+AGR)

Produz som forte entre /a/ e /E/.

(Observa a agitacão da crianca, sorrindo e diz:) E:: (VAG)

Produz dois sons fortes semelhantes a choro, contendo /a/ e /E/.

Que foi: ?(VAG e LAB) Vamu virá aquí. Vamu vê se cê vai gostá. (V+AGR e FOR) Peraí. (VSU)(levantando a crianca e colocando-a de brucos sobre seu braco direito)

Assim, é. (VSU)(balancando a criança lentamente para frente e para trás na água e jogando água sobre suas costas) I::sso.(EST e SOR)

Produz sons suaves que parecem vogais nasais.

(Joga água sobre as costas da criança)

Produz mesmos sons.

Viu, que gostoso?(V+SU e AGR)

Continua produzindo os mesmos sons baixos.

(Pega nas costas da crianca.com movimentos rápidos.dizendo:)
Tic, tic, tic, tic, ti.(V+SU)
Tic, tic, tic, tic, ti.(com elevacão de tom em 'ti')(virando a cabeca para tentar olhar o rosto da crianca.sorrindo)

Está quieta. Observam-se apenas movimentos de olhos.

(Balanca a crianca para frente e para trás;tenta colocar a mão esquerda sob ela)

Produz sons posteriores bem baixos,semelahntes a friccões oclusivas.e em

seguida,produz som oclusivo posterior forte após ter protruído a língua. Volta a produzir fricções oclusivas baixas.

Fala, brucos não é o meu forte. (VFOR)(vira a criança para a posicão anterior,deitada,com a cabeca apoiada em seu braco esquerdo) Eu gosto de ficá assim. Né? (V+SU)(jogando água sobre o corpo da crianca) Né? (VAG)(Joga mais uma vez água sobre o corpo da crianca e diz:) Chega? (V+FOR) Assim.(articulando quase sem som) (pegando a crianca e tirando-a da banheira. Fecha a tampa e coloca a crianca sobre a toalha estendida sobre a tampa,dizendo:) Pron:to, pronto, ponto, ponto.(V++SU)(Enrola a crianca na toalha) Vamu lá? Enxugá você? (pegando a crianca no colo) Vãlá? (VAG) (Olha para a câmera) Olhalí. (VSU) Oeu toda molhadinha. (V+FOR e AG, com elevacão de

Agita pernas na água.

tom em 'O' e 'di') (olhando para a
criança e sorrindo) (Silêncio) Heim?
(V++AG) (olhando para a criança e
beijando-a em seguida. Dirige-se ao
trocador com a criança no colo)

.....

Através da comparação do episódio acima com os episódios anteriores de despir e banhar a criança (dos quais foram apresentadas apenas as sequências de fala da mãe, separadas do fluxo das ações concomitantes) evidencia-se que: (1) a ação é em grande parte constitutiva do sentido da situação observada. Para isso, comparem-se os episódios onde a fala da mãe foi posta em evidência com a exposição descritiva das sequências de ações específicas a cada situação, conforme a análise da repetição dessas situações no decorrer da coleta; (2) se existe algum tipo de 'fine-tuning' da mãe em relação à criança, este realmente não se dá a nível das atitudes vocais: essas podem ou não ser respondidas pela mãe via enunciados 'gerais', já destacados anteriormente. Nesse caso, as respostas da mãe podem ou não apresentar características das vocalizações da criança, tais como traços de vocalidade e nasalidade. Podem, ainda, ser recortadas como aspectos mais gerais das atuações da criança a nível motor, ou ainda, quando se assemelham a choro, servir como um índice de bem-estar da criança na situação

como um todo. (3) a fala da mãe, funcionando como uma 'leitura em voz alta' de aspectos da situacão ou como 'trilha sonora' desta, serve à sua própria organizacão e planejamento. Em outras palavras, é, antes de tudo, dirigida à própria mãe. Corroboram esta afirmacão as características, já apontadas, ~~de sua fala, já apontadas,~~ de sua fala tanto a nível segmental quanto a nível suprassegmental, visto manterem-se constantes de situacão para situacão, durante este primeiro ano de vida, (4) a análise das situacões de prestacão de cuidados à criança e a gravacão em vídeo destas situacões foram determinantes das conclusões acima relacionadas.

Do mesmo modo, a situacão de vestir a criança após o banho, também se caracteriza, nos primeiros meses de vida da criança, que antecedem a aquisicão do sentar, por um conjunto específico de ações, a saber: retirar a criança da banheira, fechar a tampa da banheira, colocando a toalha sobre ela e colocar a criança deitada sobre a tampa e enrolá-la na toalha. Ir com a criança no colo até o trocador e colocá-la deitada sobre o mesmo, enrolada na toalha. Enxugar a cabeca da criança, passando a toalha na parte de cima e nos lados, com movimentos circulares. Enxugar as partes do rosto da criança, cuidadosamente, com uma ponta da toalha. Pegar a escova de cabelo na prateleira acima do trocador, colocar a mão sob a cabeca da criança,

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

levantando-a um pouco, para passar a escova na parte de cima e nos lados da cabeca. Guardar a escova na prateleira e enxugar as pernas da crianca, segurando seus pés unidos e levantados, para colocar-lhe a fralda embaixo, para depois dobrá-la sobre a barriga da crianca e prendê-la lateralmente com fita crepe, enquanto a crianca permanece enrolada na toalha da cintura para cima. Pode ser que a mãe enxugue as mãos e bracos, deixando-os enrolados na toalha, para, a seguir, enxugar as pernas e vestir a fralda. É provável que, nesse ponto, a mãe faca girar o móbile de palhacinhos que pende sobre o trocador, desenvolvendo uma tematizacão a respeito do mesmo. Se a mãe não enxugou os bracos da crianca antes de vestir a fralda, ela o fará agora, levantando um braco e depois o outro, abrindo os dedos das mãos, para enguxar-lhes as palmas e levantando ligeiramente o queixo da crianca, para enxugar-lhe o pescoco. A mãe poderá vestir uma ou duas camisas, que ficarão embaixo do macacão. Para vestí-las, ela coloca os dedos de uma das mãos, unidos e esticados, dentro da manga da camisa, puxando a mão da crianca, com a ponta de seus dedos por dentro da camisa, enquanto segura-lhe o braco estendido, com a outra mão. A mãe poderá vestir ainda uma calca, que ela comeca a vestir pelos pés e depois puxa para cima, levantando ligeiramente os quadris da crianca. Geralmente, na sequência, a mãe coloca a crianca de brucos sobre o trocador, para fechar-lhe as camisas nas costas, e

colocá-las dentro da calca. Ela poderá aproveitar ainda, para pentear a parte de trás da cabeca da crianca e para limpar-lhe as orelhas com cotonetes. E provável que enquanto a crianca estiver de brucos, a mãe desenvolva uma tematizacão em torno da aquisicão de firmar a cabeca, que já é observada, ainda com alguma dificuldade, na primeira gravacão. Também poderá ser tematizado o fato de a crianca gostar ou não de ficar de brucos, o que ocorrerá principalmente em funcão de suas vocalizacões, que, devido à própria posicão de brucos, tenderão a ser mais posteriores e mais agudizadas, considerando-se a dificuldade de controlar seus articuladores e a própria laringe, dificuldade que se acentua, nessa posicão. Finalmente, a mãe irá vestir o macacão na crianca, seguindo o mesmo padrão de acões observado para as camisas e a calca. A mãe geralmente pega a crianca, já pronta, no colo, e mostra-a para a câmera, ou ainda, tematiza em torno da cobrinha, pendurada na prateleira acima do trocador e que pende lateralmente sobre o mesmo, ou sobre o móbile de palhacinhos, pendurado no teto, acima do trocador. A mãe pode chamar a atencão da criança para esses brinquedos. Também a própria direcão do olhar da crianca ou ainda, a falta de controle da cabeca que pende, inicialmente, de um lado para o outro, quando a crianca está no colo, pode levar a mãe a falar sobre eles. A mãe também pode colocar a crianca deitada no berco, e tematizar sobre o fato de ela pegar ou não um gorila

pendurado no teto e que pende sobre o berco, o qual a mãe chama de 'King Kong'.

Se a crianca permanece em silêncio durante essa situacão ou se suas vocalizacões contêm tracos mais vocálicos e anteriores e menos obstrutivos e posteriores, a situacão poderá transcorrer com a mãe quase que totalmente silente, desenvolvendo suas acões de modo tranquilo. Também pode ser que a mãe responda às vocalizacões menos posteriores da crianca, com enunciados mais gerais como: 'E', 'Hum', 'A', que podem variar em termos de suas caracteristicas suprassegmentais, dentro daquilo que já foi citado anteriormente (prolongamentos, voz agudizada, voz sussurrada, entonacão ascendente, etc) ou ainda, com onomatopéias ('agu') e estalidos de língua. Assim, o silêncio, e paralelamente a ele, a priorizacão da acão, pode ser o tema principal tanto das situacões menos tensas, quanto das situacões mais tensas, quando a iminência de choro ou o próprio choro da crianca estão presentes.

E interessante notar ainda que, o choro da crianca pode criar uma situacão de indeterminacão para a mãe, quando o fluxo natural das acões pertinentes à situacão em que o choro ocorre fica prejudicado pela interrupcão ou adiamento de parte da sequência de acões, que é retomada posteriormente num ritmo mais acelerado e de modo mais simplificado. A quebra no circuito rotineiro de acões pode

levar ainda a uma priorizacão da fala, pela própria desestruturacão a nível da acão. E o que veremos a seguir, quando a crianca está com 3 meses e 17 dias.

(5a. gravacão - 30/07/85 - A crianca está com 3 meses e 17 dias)

A situacão é de vestir a crianca após o banho. A mãe dirige-se ao trocador com a crianca no colo. Coloca a crianca, enrolada na toalha, sobre o trocador.

(Pega ponta da toalha, passa cabeca e rosto crianca, dizendo algo que não dá para entender. Aproxima-se da crianca dobrando ligeiramente seu corpo sobre o trocador e passa cuidadosamente a toalha no olho esquerdo dessa.

Agita pernas debaixo toalha,com rosto virado para cima.

Faz som posterior.

Per*a um pouquinho só. (V+SU)(pegando escova na parte de cima do trocador. Coloca mão sob crianca e levanta um pouco sua cabeca,para pentear-lhe o cabelo,com lábios pressionados)

I: pá ficá boni: ta (V+SU)

Prá ficá boni: ta. (VAG e +FOR)

(enquanto penteia cabelo crianca) Vira cabeca para direita e para esquerda, mexendo perna direita e produzindo som semelhante fricção posterior aspirada.

Olhaí.(colocando escova sobre trocador)

Prá ficá bem bonita, Cecília.

(V+FOR, com entonação ascendente em 'ni')

(Passa toalha perna direita criança,olhando para ela,arregalando olhos e fazendo estalidos de língua com sorriso. Passa toalha entre pernas e perna esquerda criança,olhando para ela)

A-gu: , Cica.(SOR e V++AG) Está com a cabeca virada para cima e agita pernas, já sem toalha,produzindo som posterior semelhante vogal,bem agudizado.

(Pega a fralda de dentro do berco.)

Hum: (FEC) (abrindo fralda e olhando para a crianca) Olha para cima com boca aberta.

O o palhacinho, ó? (fazendo gi-

rar o móbile de palhacinhos que pende sobre o trocador e segurando fralda com outra mão)	
Viu? (segurando juntos pés criança levantados,para colocar fralda debaixo dela)	
Acho que quando é muito rápido, ela tem medo.(colocando fralda sob criança)	
Do palhacinho, dela, né?	
(Ajeita fralda lateralmente)	Mexe pernas e bracos.
(Prende fralda lado esquerdo)	Produz som.
Hum: (PRE)	Mexe pernas e bracos, estes cobertos pela toalha.
(Pega meia dentro berco e veste pé direito criança, com lábios pressionados)	Mexe bracos e pernas, produzindo som posterior seguido de som prolongado
(Olha para criança) Hum: (PRE)	que parece choro. Mexe pernas e bracos e produz outro som posterior,seguido de som + agudizado. Olha em várias direcões.
(Está terminando de vestir meia	Produz outro som prolon-

pé esquerdo criança.com lábios pressionados. Olha para criança) Que brava, Cecília.(enxugando braço direito criança) Enxugaqui: Enxugá direitinho. (entonacão ascendente em 'ti' e V+SU) (levantando braço esquerdo criança e passando toalha)

gado, semelhante a choro. Mexe pernas e braços.

(Enxuga pescoco)

Produz sons posteriores esparsos,que já são um choro,intermitente.

(Pega camisa) E:

(Veste camisa sem manga criança)

Chora mais continuamente.

(Está com lábios pressionados) Al*guma coisa não tá bom. Que que é? Hum? (pegando a criança no colo. Retira toalha do trocador e coloca criança de brucos nele, para fechar-lhe camisa nas costas)

Espirra e chora no colo da mãe.

Deitaqui, assim. (V++SU) (colocando criança de brucos sobre trocador)

Produz sons posteriores fortes,como um choro ou reclamação intermitente.

com o rosto encostado no colchão.

(Olha para a câmera e sorri, amarrando fitas atrás camisa)

Eu estou de barriga, é?

Continua produzindo sons fortes, entrecortados por tosse fraca, sem fimar cabeca.

Vai, levanta a cabeca, Cecília.

(cortando pedacos de fita crepe)

Produz sons prolongados de choro.

Hum: (PRE) (cortando fita crepe)

Chora forte.

(Cola pedacos de fita na camisa e vira crianca para posicão deitada)

I: E dor de barriga. (passando uma mão sobre barriga crianca e pegando camisa manga comprida com a outra)

Chora forte, mexendo bracos e pernas.

(Pega outra camisa, com lábios pressionados)

O, ó, ó, (VBAX) (colocando chupeta na boca da crianca. Veste camisa pela cabeca da crianca.)

Chora bastante, mexendo

	bracos e pernas.
Não: Cecília. No: ssa, mas dor de barriga (entonacão ascendente,entre interrogacão e exclamacão) (vestindo camisa braco direito crianca)	Chora.
Pronto, pronto. (ajeitando chupeta boca crianca. Veste manga braco esquerdo)	Chora,gritando,se engasga.
No: ssa, Cica. Que foi, que foi. oi: (LAB) (passando a mão na barriga da crianca)	
Hum: (FEC) (colocando novamente chupeta,que havia caído, na boca da crianca. Beija crianca e olha para a câmera)	Continua chorando forte.
Cê já fez punzinho. Cê já fez punzinho. (mexendo atrás da camisa crianca.)	
Hum: Hum: Faz punzinho faz. (com a crianca no colo,balancando o corpo. Coloca a crianca sobre o trocador e passa a mão sobre sua barriga,fazendo massagem. Olha para a câmera e faz expressão de interrogacão.)	Chora forte.

Pchiu: /Hum: /Assim, de repente?
Heim? (VAG) (segurando joelhos criança e pressionando-os contra a barriga)

Continua chorando forte.

Ch: ,ch: ,ch: ,ch: (passando a mão sobre a barriga da criança, massageando-a)

A imagem é cortada. Quando volta, a criança está deitada sobre o trocador. A expressão da mãe é de tensão e cansaco. Ela está debrucada sobre o trocador, olhando para a criança e segurando uma mamadeira com chá, que a criança toma em silêncio.

Ela táva brava, também. De nervosa. Porque cólica ia passá tão rápido? (olhando para a câmera)

Suga a mamadeira e está quieta.

Vira a cabeca para a esquerda, parece que olhando na direcão da cobrinha, que pende lateralmente sobre o trocador, ora com a cabeca virada para cima na direcão do móbile de palhacinhos.

E os dois juntos. Acho que

é a dor de barriga...Sono...

(olhando para a criança,enquanto segura a mamadeira)

(Silêncio no quarto)

(Tira a mamadeira da boca da criança e pega-a no colo)

Deixa a mamãe te pegá.

Esperaí, vou dá mais.(passando fralda na boca da criança e colocando-lhe a fralda sobre o peito)

E que deitada...(entonação ascendente no 'ta') (pegando a mamadeira. Senta-se no sofá com a criança no colo)

Deitada cê pode engasgá.

Cecília.(V++AG em 'Dei') A gente fica assim. (VAG) (dando novamente a mamadeira para a criança)

Ela gostou do chá da dona Elide.

(olhando para a observadora e sorrindo)

E filha, hoje você: (olhando para a criança, sorrindo e levantando sobrancelhas)

Ameaça chorar.

Suga a mamadeira em silêncio.

A atenção da mãe e observadoras se volta, por alguns instantes, para o irmão de Cecília, que grita da sala. Uma das observadoras vai até lá ver o que aconteceu.

Suga a mamadeira tranquilamente.

Tá quase dormindo no chá. Espera que falta pôr a roupa, filha. Peraí. Deixa eu te dá a chupeta. (Levanta-se e vai até o trocador com a criança no colo. Coloca-lhe a chupeta na boca e a deita sobre o trocador)

Chora.

Mamãe dá mais. Mamãe dá mais. (pegando macacão para colocar na criança)

Mamãe dá mais. Peraí, Ci. A hora que você vai dormí, você vai deitá na caminha. Não vai deitá na cama pelada, Cecília. (V+FOR, neste último enunciado) (vestindo macacão perna direita criança)

Chora.

(Levanta criança para puxar macacão debaixo dela)

Chora mais forte.

Não: não, não, não. (terminando de

vestir macacão. Abotoa macacão lateralmente e prende alcas sobre peito)

Chora forte.

(Diz algo que não dá para entender, enquanto pega a crianca no colo. Dirige-se ao sofá e senta-se. Dá a mamadeira para a crianca)

Suga mamadeira em silêncio.

Hoje cê sabe o que qué, Cecília.

. . . . . .

Desde o inicio dessa situacão, a crianca produz sons posteriores esparsos, que parecem não afetar diretamente o ritmo das acões e a fala da mãe, que chega até a desenvolver uma tematizacão em torno do móbile de palhacinhos, talvez por ter percebido que a crianca olhava na direcão dele. Entretanto, à medida que esses sons se configuram em choro, e que este se torna intenso e contínuo, a mãe expressa através do conteúdo de seus enunciados, a indeterminacão sobre o que pode estar causando o choro da crianca ('Que brava, Cecília.'... 'Alguma coisa não tá bom. Que que é? Hum?'... 'I: E dor de barriga.'... 'No: ssa, mas dor de

barriga?! '... 'No: ssa, Cica. Que foi, que foi, oi: '... 'Cê já fez punzinho. Cê já fez punzinho. '... 'Faz punzinho, faz. ' ... 'Assim, de repente? Heim? '... 'Ela táva brava, também. De nervosa. Porque cólica ia passá tão rápido? '... 'E os dois juntos. Acho que é a dor de barriga... Sono... '... 'E filha, hoje você: '... 'Hoje cê sabe o que qué, Cecília. ').

Esse episódio encontra um similar, algum tempo mais tarde, quando a criança se encontra com quase seis meses e meio. Nele, o rompimento entre acão e fala fica mais evidente, com a priorizacão desta, levada a extremo. O episódio, que consta do projeto de tese, foi transcrito, originalmente, em forma de texto, porque na época, estávamos pesquisando em torno dessa outra forma de transcricão.

11a. gravacão - 24/10/85 - A criança está com 6 meses e 11 dias. A situacão, novamente, é de vestir a criança após o banho.

	Agita pernas e bracos, aperta lábios e produz som posterior.
(Tinha ido pegar fralda no armário. De volta ao trocador, faz rodar o móbile de palhacinhos.)	Balanca bracos e flexiona pernas, olhando para cima.

O? Tic, tic, tic. Cadê o seu palhacinho? O teu circo? Cadê o teu circo?

Mexe bracos e pernas.olha para cima e produz sequência de sons com característica vocálica.seguida de um 'click' posterior.

E: (entonacão descendente)

Produz outra sequência de sons com característica vocálica.seguida de sons posteriores,que se tornam cada vez mais posteriores e intensos.

(Terminou de vestir a fralda na na crianca)
Pronto, pronto, ponto. Que foi? Que que não tá bom? Que que não tá bom? A?

Olha para baixo e para o lado direito. Faz expressão de choro e comeca a chorar

(Pega a crianca no colo e lhe dá um beijo.)
Que foi, que foi, que foi? Que é

que não tá bom? Que é que não tá bom?

(Deita a criança no trocador e examina sua fralda, dizendo:) Que foi, Cecília? Será que é a fralda?

Chora mais irritada, esticando braços e pernas.

(Pede para a observadora pegar a chupeta com a empregada) Péra, péra, péra. Ela fica assim brava, a mamãe não sabe o que fazê. Ai, Jesus: (termina de vestir a camisa) Não, Cecília. Peraí. O que é que a mamãe pode te dá? (Pega chocalho no berço e balanca-o diante da criança, dizendo:) O, ó aqui, ó? Num qué? U::(Joga chocalho no berço, pega boneca e mostra-a para criança, dizendo:) Olhaquí, ó? Tua boneca. (Põe a boneca de lado, pega novamente a criança no colo, beija-a e diz:) A não:, não não. (abotoando a camisa nas costas da criança)

Continua chorando.

Continua chorando.

Diminui a intensidade do

choro. Vira a cabeça e olha na direção dos palhacinhos

Que foi? Que foi? Que foi? Aqui. (virando para a câmera) A: que foi? Tão brava? Não po: de. Não po: de. (colocando a criança deitada sobre o trocador)

Aumenta a intensidade do choro.

(Põe a chupeta na boca da criança, dizendo:) O? Pronto. Pron: to, pronto. (enquanto prepara a calça para vestir na criança. Veste a calça e diz:) Cabô. Cecília, cabô.

Aumenta a intensidade do choro.

Que será que ela tem? Será que foi a fralda que machucou? (pega a criança no colo e passa a mão por dentro da fralda)

Continua chorando e engasga.

Que foi Cecília? (dá uns tapinhas nas costas da criança) Que foi? Que foi, Cecília? Que foi? (balancando a criança no colo e olhando para ela) Mamãe, mamãe ruim, mamãe ruim. (LAB) Olhaqui.

(colocando a chupeta outra vez na boca da criança) Deixa a mamãe acabar de te trocar. Peraí, peraí. Que que foi Cecília? Será que eu prendi alguma coisa? (olhando mais uma vez dentro da fralda da criança) A: sabe o que é isso? Sono. Tch: Tch: Já vamu dormí. Pronto. Pronto, pronto. Tch: Tch: Não,não. Pronto, pronto.(terminando de vestir a calca na criança) Qué dormí? (pegando a criança no colo e indo em direcão ao berco) Vamu dormí. Vem cá. Vem aqui.(colocando a criança no berco) Pronto. Pronto, pronto. S:: (passando a mão na cabeca da criança e segurando seu braco) Continua chorando baixinho

.....

Apesar da dificuldade em apontar claramente o fator que desencadeou o comportamento de choro na criança, no episódio acima relatado, acabamos por formular uma hipótese, enquanto tentávamos 'entender' tal comportamento. Retomando a gravacão desde o início, notamos que já na situacão em que a mãe despe a criança para o banho, a mãe faz rodar o móbile

de palhacinhos e a criança apresenta uma 'excitação' com relação ao mesmo, semelhante àquela observada no início do episódio em questão. Assim, pareceu-nos que o móbile em movimento participava de um tipo de 'reação circular' da criança, sendo que a extinção de seu movimento pode ter levado a uma quebra abrupta no mecanismo de reação circular, que por sua vez, desencadeou o choro. Na época em que analisamos detalhadamente o episódio, levantando tal hipótese, as gravações já haviam sido concluídas, o que não nos permitiu testá-la. Entretanto, com a hipótese em mente, durante a revisão da coleta como um todo, atentamos para o fato de que a 'excitação' observada no episódio acima esteve presente em outras gravações, quando a mãe fez girar o móbile e a criança, olhando na direção dele, apresentou uma movimentação acentuada de braços e pernas, assim como, diferentes aberturas de boca, com movimentação de língua e produção de sons. Deparamo-nos, ainda, com uma fala da mãe, numa situação de vestir a criança, descrita anteriormente, quando ela está com 3 meses e 17 dias, em que ela demonstra uma certa percepção para a 'excitação' da criança pelo móbile, quando, ao fazê-lo rodar, diz: 'O o palhacinho, ó?', acrescentando em seguida: 'Acho que quando é muito rápido, ela tem medo. Do palhacinho, dela, né?'

De qualquer forma, o comportamento da criança criou uma situação indeterminada para mãe e observadoras, o que se

refletiu na fala e acão da mãe sobre a crianca. A vivência anterior da mãe, em situacões como essa de vestir a crianca, e mesmo em situacões em que a crianca apresentou comportamento de choro, não impediu que aquele choro, naquele momento, surgisse como um componente novo, dificultando de modo significativo a coordenacão entre sua atuacão e a da crianca. A sensibilizacão da mãe em relacão ao comportamento de choro da crianca e a sua intencão de pôr fim ao mesmo, não foram suficientes para que ela alcancasse tal objetivo. Parece que o choro só diminuiu em intensidade quando a crianca atingiu um estado de exaustão.

A compreensão de certas atitudes do bebê em seu primeiro ano de vida pode ser inatingível, num determinado momento, para os adultos que o cercam, mesmo quando eles tentam verdadeiramente satisfazê-lo em todas as suas necessidades, assegurando, assim, o seu bem-estar. Por isso, ao contrário do que afirmam Ainsworth e seus colaboradores, não acredito que a sensibilidade materna num sentido estrito seja responsável pela extincão do comportamento de choro da crianca. Além disso, através da observacão do desenvolvimento das vocalizacões de Cecília, as quais posteriormente desembocaram na fala, pude constatar a importância do choro enquanto um tipo de vocalizacão em que a crianca experimenta determinadas restricões em seu trato vocal, e que, portanto, participa do desenvolvimento de suas

vocalizações, como demonstra Goncalves (1989). Constatei ainda que, por volta do final de seu primeiro ano de vida, Cecília abstrai a expressão facial que acompanha o choro, utilizando-a junto com uma vocalizacão posterior e forte, para obter o quer do ambiente. A sensibilidade materna estrita parece ser difícil pela própria 'indiferenciacão' da criança, em todos os níveis. O que lhe parece ser necessário é um ambiente favorável, onde lhe sejam prestados os cuidados necessários à manutencão de seu bem-estar geral.

Capitulo II

A Rotina com o Infante Quase Competente

Por volta dos 6 meses, a criança tornou-se mais volumosa e apresenta momentos em que parece 'desligada' do ambiente, nos quais sua atenção parece estar voltada para algo que está 'além' do ambiente, talvez algo mais 'interno'. Seu olhar fixa pontos que não alcançamos e muitas vezes atravessa as pessoas presentes. Durante longos momentos, nas situações de cuidado, ela torna-se indiferente à manipulação a que é sujeita. A mãe parece atentar a esse tipo de atitude da criança, quando, por exemplo, durante a mamada, após ter tentado chamar a atenção da criança falando com ela e sem obter resposta, muda a posição da criança em seu colo, devido ao olhar desta, perdido fixamente, na direção da janela. Entretanto, tais atitudes não chegam a ser explicitadas através da fala da mãe, que continua a apresentar as mesmas características, a nível segmental e suprasegmental. Também o mesmo padrão de ações, já descrito com relação às situações de cuidado, continua a ser registrado.

O que se observa de novo nas tematizações da mãe, nessa época, diz respeito à aquisição motora do sentar, que está em vias de concretizar-se, e do agarrar objetos e levá-los à boca. Aqui, a coordenação viso-motora da criança já se encontra bem estabelecida.

Quando a criança estava com 7 meses e 11 dias, solicitamos a seu pai que realizasse a gravação (13a. gravação), para que

pudéssemos comparar com aquelas já feitas e constatar se havia ou não alguma outra possibilidade de se obter ângulos diferentes dela e da mãe nas mesmas situacões. Não observamos diferencas significativas com relacão á obtencão de ângulos, ~~A~~penas, ~~que~~ devido à altura do pai, os enquadramentos se deram mais de cima que de costume. Além disso, o pai privilegiou a imagem da crianca em mais momentos, na medida em que fez muitos 'closes' dela, nos quais ressaltou movimentos de língua e a atitude de passar os brinquedos que manipulava sobre a língua protruída.

Nessa gravacão, observa-se, como foi dito acima, que o padrão de acões da mãe é basicamente o mesmo, com a diferenca de que após despir a crianca, a mãe coloca-a sentada sobre o trocador, apoiando suas costas com uma das mãos, antes de colocar a crianca em pé sobre o mesmo e mostrá-la, sem roupa, para a câmera. Nessa época, a crianca já firma o corpo e controla a cabeca, quando a mãe a coloca em pé sobre o trocador. Ainda deitada, a crianca vocaliza /kai/, olhando na direcão do pai. Nem o pai nem a mãe 'recortam' imediatamente tal vocalizacão, sendo que alguns instantes depois, quando a criança já não olha mais na direcão dele, a mãe inicia um jogo em torno do 'Cadê o papai.'

No banho, a mãe já coloca a criança sentada na banheira, apoiando suas costas com a mão que antes apoiáva-lhe a cabeca, deitando-a, agora, apenas para lavar-lhe a cabeca. Com relacão à crianca, nota-se que, nessa situacão, ela protrui bastante a língua, passando os dedos das duas mãos, às vezes com água, sobre a mesma. Ela flexiona joelhos sobre a barriga, tocando-os com as mãos, e estende pernas e pés. Ainda apresenta o movimento de arquear o corpo para trás, abrindo os bracos para trás e lateralmente. Suas vocalizacões são mais vocálicas, e ela segura brinquedos de plástico, que leva à boca, passando sobre a língua protruída. Ela sorri para as pessoas à sua volta e acompanha com os olhos e a cabeca, o movimento da câmera ao redor do trocador e da banheira. Estica o braco com a palma da mão aberta, acompanhando o movimento do brinquedo no ar, quando a mãe faz 'aviãozinho' com ele. A mãe não recorta a protrusão de língua da crianca e o fato dela passar os dedos e os brinquedos sobre a língua, assim como não recortava anteriormente os movimentos de língua semelhantes ao padrão de succão.

Na situacão de vestir a crianca, esta segura o brinquedo que segurava no banho, passando-o na língua protruída. Coloca, sozinha, a chupeta na boca. A mãe veste a fralda e a calca com a crianca deitada e senta-a para vestir-lhe a camisa, apoiando suas costas com o braco esquerdo ou segurando-a por

um dos braços enquanto veste. No final, deixa a criança sentada no trocador, apoiando suas costas com a mão esquerda, e coloca brinquedos à sua frente. Se tira a mão que apóia a criança, esta pende para a esquerda. Quando consegue firmar-se sozinha, depois de algum tempo, pende para o lado ou dobra o corpo para a frente.

Quando a criança pende para o lado, a mãe com as mãos em suas costas e olhando para ela, diz:

Sen: ta sozi: nha, filha. (LAB) Tá penca pro lado? (VAG)

Quando a criança consegue firmar o corpo sozinha, a mãe diz:

Vi-va: Viu como cê sabe ficá? Sua preguiço: sa. (LAB e VAG)
E:: Cadê a madri: nha? (chamando a atenção da observadora presente)
Olha? Quanto tempo que ela já fica, Fernando? (chamando a atenção do pai) Era pura preguiça, mesmo, da moça.

.....

Se tentar pegar os brinquedos à sua frente, a criança desequilibra-se e novamente pende para o lado ou dobra para a frente. Mesmo assim, a mãe propõe que ela bata com um bichinho de plástico sobre a lata de talco, colocada à sua frente. A mãe bate primeiro e quando dá o brinquedo à criança, ela pega-o com as duas mãos, levando-o

imediatamente à boca e desequilibrando-se, pendendo para o lado esquerdo.

O? Bate, bate, bate, bate, bate.(VAG) (batendo com o golfinho, na lata de talco)

O? (batendo com o golfinho na lata, várias vezes)

Viu: (VAG, entonação ascendente)

Bate você. (batendo na lata)

Bate? (V+AG) (oferecendo o golfinho para a criança) Bate o golfinho.

A criança pega-o com as duas mãos e leva-o diretamente à boca, desequilibrando-se, caindo para trás. A mãe a segura.

Na boca? (VAG) Bate aqui na lata.(apoiando as costas da criança com a mão) Bate?

.....

No final, a criança consegue manter-se sentada sem apoio, durante algum tempo, segurando o golfinho com uma das mãos, próximo ou não à boca ou manipulando-o à sua frente, junto ao corpo.

.....

O trecho acima reflete uma representação por parte da mãe que não está de acordo com as reais possibilidades da criança naquele momento, na medida em que o tema oferecido

pela criança diz respeito à concretização do sentar, que ainda não ocorreu. A mãe, por sua vez, solicita que a criança coordene o sentar com uma outra atividade motora. Como veremos mais tarde, a expectativa da mãe em relação às possibilidades da criança parece estar à frente destas em muitos momentos, quando observamos que a mãe não apenas solicita à criança coisas que estão além do que ela está conseguindo realizar num determinado momento, mas, em alguns desses momentos, chega a demonstrar uma certa 'irritação', diante da 'recusa' da criança em atender à sua insistência em realizar algo da forma que ela, mãe, 'sugere'. Isso se concatena com uma atitude da mãe que começa a ser observada já no final do primeiro ano de vida da criança, quando ela assume uma postura de 'observadora' da 'brincadeira' que a criança desenvolve sozinha. A medida em que a criança torna-se um 'ouvinte mais competente' a mãe, de seu lugar de observadora, assume o papel de 'narrador da situação', fazendo, então, uma 'leitura em voz alta das ações/atuações da criança', e dizendo à criança como ela deve realizar tais ações.

Na sequência do episódio de bater o golfinho na lata de talco, a mãe propõe o jogo de bater 'palminhas'.

Ci-(VAG)ca: Vamu batê palminha? (V+AG em 'mi) (com o rosto de frente para a criança e juntando as palmas das mãos)

Assim: (pegando as duas mãos da criança, que estão fechadas, e batendo uma na outra, cantando:) Bate palminha, bate. Palminha de São Tomé. Bate palminha, bate. Prá quando papai vié.

.....

Apesar de estar com o rosto de frente para a criança, esta não olha para a mãe. Olha para a esquerda e além da mãe. No início da música, mesmo não olhando para a mãe, a criança sorri. No final, ela começa a chorar. A mãe diz: 'Tá bom.' e pega a criança no colo, dizendo: 'Fala, já tá ótimo.'

.....

O tema dos jogos propostos pela mãe nessa situação, de fazer a criança sentar sozinha, após a troca, parece ser o 'bater'. Como veremos na sequência, a mãe começa a propor o que denominamos de 'jogos sociais', sendo que, inicialmente, muitos deles, serão realizados totalmente sem a participação da criança, já que ocorrem, dentro do que foi colocado acima, em momentos em que a criança ainda não tem condições de realizá-los ou de deles participar, como é o caso do jogo relatado acima. De qualquer modo, parece que a mãe 'reconhece' e se 'satisfaz' com a aquisição da criança naquele momento, a qual seja, sentar-se sozinha, sem apoio.

As intervenções do pai, durante a gravação, limitaram-se a chamar a criança e a fazer onometopéias e estalidos de língua, para chamar-lhe a atenção.

A alimentação, nessa época, já é feita com a criança sentada no bebê conforto, colocado sobre a mesa da cozinha. Ela come alimentos pastosos (sopa, danoninho, frutas amassadas e gelatina) e segura a mamadeira com as duas mãos, para beber água ou morder-lhe o bico. Durante a situação de alimentação, a mãe coloca a colher no início da boca da criança, que a varre com os lábios, pressionando a língua contra os mesmos, fazendo com que parte do alimento seja devolvido. A mãe passa a colher vazia sobre seus lábios, para retirar o alimento devolvido. O pai 'recortou' essa atitude da criança perguntando, enquanto filmava a situação, 'por que será que toda criança come metade e devolve metade', acrescentando que 'tem que tomar cuidado para retirar com a colher o que a criança devolve, porque a gente passa a colher milhares de vezes e cria bolhinhas nos lábios', com o que a mãe concordou. Observou-se ainda, durante a situação, que a criança olhava fixamente para o irmão que brincava com um carrinho no chão da cozinha, fazendo verdadeiro estardalhaço. A mãe falou pouco com a criança enquanto a alimentava (Oi, que gostoso), o que repete, de alguma forma, a situação da mamada, a qual se dá em grande parte em silêncio. Da mesma forma, a mãe fez

apenas comentários mais globais sobre a situacão, não dirigiu uma fala específica à criança e conversou com as outras pessoas presentes.

Após o estabelecimento da aquisicão do sentar, e em torno do último quadrimestre do primeiro ano de vida da criança, presenciamos um período significativo, devido ao volume de aquisicões que emergem ou que se concretizam. Assim, por volta dos oito meses, observa-se a concretizacão dos movimentos dissociados por parte da criança e uma mudanca na quantidade e qualidade de suas vocalizacões. Este é exatamente o tema oferecido pela criança, na 15a. gravacão (19/12/85), em que ela está com 8 meses e 6 dias. Nela, a criança nos oferece movimentos de mãos e pés totalmente dissociados do resto do corpo, além de vocalizacões de qualidade vocálica com a boca fechada, o que sugere uma dissociacão da língua em relacão aos demais articuladores, além de vibracões de lábios e língua. O que se constata durante a gravacão é que tais movimentos e vocalizacões no máximo são recortados por uma das observadoras, sendo que a mãe não atenta para eles.

A gravacão inicia-se com a situacão de alimentacão. A criança está sentada no bebê conforto, colocado sobre a mesa da cozinha. A mãe está em frente a ela, segurando a tigela com comida em uma das mãos e oferecendo-lhe a colher com o alimento com a outra. O irmão, com 2 anos e 5 meses, está ao

lado da mesa, à direita da criança. Esta olha para a tigela e está com os braços flexionados, com os antebraços e mãos para frente, pernas estendidas, flexionando e estendendo apenas os pés. Entre uma colherada e outra de alimento, agita levemente os braços. Olha para o irmão à sua direita e acompanha a ida de uma das observadoras até ele, para colocá-lo sentado no cadeirão, no mesmo local. Cada vez que ela varre a colher com os lábios, pressionando-os em seguida para deglutir, a mãe também pressiona seus lábios. A criança olha para a tigela à sua frente e entre uma colherada e outra, faz movimentos circulares com os braços, no sentido sentido anti-horário com o braço direito e horário com o braço esquerdo, com pernas estendidas e pés flexionados, sendo que cada sequência de movimentos é intercalada por uma vocalização nasal aspirada semelhante a /ã/. Ela repete essa 'cadeia' de movimentos associada à vocalização duas vezes, alternando a direção de seu olhar entre a tigela e a câmera, e, no final, vocaliza: /ã, ã::/, virando a cabeça para a direita, na direção do irmão, que bate com mão sobre a mesa do cadeirão. A mãe, que ficou em silêncio durante a atuação da criança, diz: 'Mi: (VFOR e entonação ascendente), olhando para a criança e oferecendo-lhe as colheradas de alimento, seguidamente. Na sequência, a mãe diz: ' Coitada, Tá com o nariz entupido. Qué comê (entonação descendente) e respirá pela boca (entonação ascendente em 'bo' e que se mantém ascendente até o final)'. A criança faz movimentos

circulares com os bracos, iguais aos descritos acima, a cada vez que varre a colher com a boca. Com as pernas estendidas, estende e flexiona os pés. Vira a cabeca para a direita e para a frente, olhando para o irmão e para a tigela, respectivamente. A mãe diz: 'Acho que tá com cara de pouco, né?, filha.'. A observadora com a câmera diz: 'A tigela é grande, mas a comida é pouca.' A mãe pergunta: 'Ã?', olhando para a câmera e sem parar de dar a comida para a crianca. A observadora repete o comentário com voz mais forte. A mãe ri e concorda. A crianca alterna o olhar entre o irmão, cuja imagem não está sendo captada pela câmera, e a tigela, olhando vez por outra para a câmera. A mãe diz: 'E, é um tigelão desse, dá impressão até (entonacão ascendente no final)', quando é interrompida por Michel, que bate na mesa do cadeirão, dizendo:

/kEúkome:, kEúkomé/ (gritado e com voz de choro)

A mãe: Que que cê qué comê?

/kEúkoméfezãw/

Feijão?

/fezãw/

I:, mas não tem feijão.

/kEúkoméaóis/

Arroz?

/aóis/

Arroz é só na hora do almoco.

/kEúkoméaóis: e/

A observadora capta a imagem de Michel e ele olha para a câmera, silenciando por alguns instantes e em seguida, grita: /nãw: nãw/ . A observadora volta a captar apenas a imagem da mãe e de Cecília. Michel continua gritando:

/nãw: : nãw(gritado) /nãw: : (+baixo) .kEúkomé(+forte) .kEúkoméda nóni(gritado) /Ekeikomé.éwdéinãw.káikE.ko.me(gritado) /

A mãe olha para ele sem parar de dar a comida para a criança, voltando a olhar para esta. Michel diz:

/nutéiko.me/ (A câmera volta a captar sua imagem)
Mãe: Mas, ninguém tá comendo. Só a Cecília tá comendo agora, Michel.
/nãw: ko.me/pukElakéiko.me/E: ku.e/toko.me: /
Qué uma banana?
/kE.ú/ké.ú/to.ko.me.ba.nã.na/ (balancando o corpo para frente e para trás, junto com a silabacão do enunciado)
(A mãe olha para ele e volta a olhar para Cecília, sem parar de lhe dar a comida) Então pede para a tia Neusa, Tia Neusa, quero uma banana.
/tianí.kEúbanãna/
Acho que está com cara de pouco.(pausa breve) Ou chega, heim?

A criança vocaliza com a boca quase fechada, balançando braço direito no ar e segurando cinto do bebê conforto com a mão esquerda.

Mãe: Passaí, Neusa. (dirigindo-se a Neusa, que hesita em passar na frente da câmera para dar a banana a Michel)
Observadora: Pega a banana, vai? (dirigindo-se a Michel, que não está sendo captado pela câmera)
(Com um pedaço de banana na boca,) Michel diz: /u´:ma,u´:ma,u´:ma,u´:ma/, repetindo mais duas vezes essa sequência.
Neusa: Hum:: Tá gostosa?
Observadora: Ci-ca: (entonação ascendente)

A mãe, que não parou de dar a comida à criança, oferece-lhe mais uma colherada, quando a criança vira a cabeça para a esquerda.

Mãe: Já tá cheinha, áá? (VBX)
Já? (VAG) (oferecendo novamente a colher com o alimento, para a qual a criança não olha)
Qué mais um pouco ou chega? (V+FOR) (passando o babador no rosto da criança, que agita braços, fecha olhos e vira a cabeça)
Ã?

A criança faz som nasal vocálico oclusivo posterior, semelhante a /ã/, com boca fechada, contraindo braços junto

com a vocalizacão. A seguir, vocaliza: /ã.ã.ã.Ei.E/, agitando um pouco bracos e estendendo pés, com as pernas estendidas, olhando para a tigela.

Mãe: Qué? (colocando a colher com alimento junto aos lábios da crianca)

A crianca molha os lábios fechados de leve no alimento e engole.

Mãe: Mostra como cê come, heim? (V+AG) Ã?

A crianca faz sequência de vogais nasais, entre /a/ e /E/, e, no final, faz vibracão de lábios, mexendo apenas mãos e pés, enquanto os antebracos e as pernas permanecem imóveis, estendidos para a frente.

A mãe que está com o rosto à frente e próximo do rosto da crianca, olha para ela, diz: 'E:', em meio às suas vocalizacões e, no final, diz: 'Demorei prá te dar o suco, hoje. Demorou?'

A crianca estendeu o braco esquerdo, com a palma da mão aberta, na direcão do rosto da mãe, olhando para ela, que está um pouco à esquerda, e para a frente em seguida. Quando termina de dizer 'Demorou?', a mãe encosta a boca na palma da mão da crianca e diz:)

Cê ficou com muita fome. ficou? Ela tá cheirando moranguinho. (olhando para a câmera e sorrindo) Dexu cherá tua mão. Hum: que chei:ro (entonacão ascendente desde o prolongamento até o final) Que cheiro de morangui:nho. (EST. SOR, V+AG) (enquanto ao mesmo tempo, a crianca produz outra sequência de vogais mais posteriores, com a boca aberta e a língua no assoalho da boca)

Mãe: E:: (entonacão ascendente e VAG)

A crianca vocaliza: /E::aga/a::/ (este último, mais posterior) (mexendo apenas mãos e pés)

Mãe: Vedá:di? (VAG) (beija a crianca na testa) Qué mais ou num qué? (V+BX)

A crianca continua vocalizando, mexendo apenas mãos e pés.

Mãe: E:(entonacão ascendente e VBX)

A sequência de vocalizacões contendo vogais entre /a/ e /E/ torna-se mais forte e é entrecortada por vibracões labiais fortes, sendo que observa-se o aparecimento da sílaba /pE/ dentre as vocalizacões. O irmão repete as vocalizacões da crianca.

A mãe que olha para a crianca, ri e se afasta para levar a tigela para a pia.

A criança acompanha a movimentação da mãe com a cabeça e abre mais a boca no final das vocalizações, sorrindo.

A mãe volta em seguida. Aproxima-se da criança e diz: 'Hum:' (com entonação ascendente e V+AG) (com o rosto de frente para a criança, que vocaliza vogais nasais com a boca fechada)

Em meio à vocalização da criança e à fala de Michel, que não é captado pela câmera, devido ao 'close' na mãe e em Cecília, a mãe, olhando para esta, diz:

Conversa. Fala. Eu tô com uma to:sse (LAB) Né? (VBX) E eu tô brava, porque, (LAB) Não: (LAB) (A criança pega o pé esquerdo) Cadê teu dedo gosto:so? (V+AGR e fala mais gutural)

Michel: /kEúmáimída/kEúmáimída/

Mãe: Qué mais? (olhando para Michel, enquanto passa o babador na boca de Cecília) Qué mais uma banana? (olhando para Michel)

Michel: /kéú/

A atenção da criança se volta para o irmão, enquanto a mãe e ele contam que 'teve um dia em que ele comeu onze bananas'. A criança põe o polegar direito na boca e segura os outros dedos da mão direita, com a mão esquerda. Uma das

observadoras diz: 'Cecília.' (com aumento de entonacão em 'cí'), enquanto a mãe beija a criança, dizendo em seguida:

Dá tchau prá Maria, dá? Mari:a.
Ci-ca? Olha como o Michel come banana bonitinho. (entregando uma banana ao Michel)

A criança retoma a vocalizacão de qualidade vocálica, onde predomina o /a/ posterior, com a boca aberta, fazendo, ao mesmo tempo, uma espécie de 'balezinho' com a mão direita, junto à boca, deixando o polegar direito parado perpendicularmente á boca e abrindo e fechando os demais dedos, em direcão á palma da mão, várias vezes.

A mãe, as observadoras e a Neusa, olham para a criança e riem. A mãe diz: 'Vamu tomá banho, vamu?'

A observadora diz: 'Fala, hoje eu tô conversando tan:to.'

Como a criança ensaiava uma vibracão de lábios, a mãe, que olhava para ela, diz: 'Faz', seguido de vibracão de lábios. Repete isso várias vezes e no final, diz para a criança: 'Ia,tibiá,ukuchú', com entonacão ascendente no final, que em russo, quer dizer algo como: 'Eu vou te morder.' (Ludmila é descendente de russos. Entretanto, perante a recusa de Michel em se comunicar com Ludmila através do idioma russo, utilizado, por ela, paralelamente ao português, Ludmila 'desistiu' de ensinar tal idioma tanto a Michel, quanto para

Cecília. Assim, o russo só foi apresentado a Cecília em algumas situacões de jogos. Michel e Cecília não adquiriram o idioma russo e Ludmila deixou de usá-lo em casa)

Michel gritava ao lado. A mãe desvia sua atencão para ele enquanto a crianca faz fortes vibracões de lábios, olhando para o rosto da mãe e ao redor. A observadora ri e diz: 'A?'. Michel continua gritando, querendo que troquem a banana que lhe foi dada. A mãe diz: 'Michel, não grita. (V+FOR) Não tem. A outra é igual a essa.' (abrindo o cinto de seguranca do bebê conforto e pegando a crianca no colo). A cena é cortada. Final da situacão. A gravacão continua com as situacões de despir a crianca para o banho, o próprio banho e de vestí-la. A crianca continua a apresentar as mesmas vocalizacões, sendo que, na situacão de vestí-la, ela apresenta vibracões com o dorso da língua. Diante do fato da crianca ter 'ameacado' chorar quando a mãe retirou-a da banheira, a mãe recorta as vocalizacões que aparecem na situacão seguinte, através da fala: '>O, Ci-ca (entonacão ascendente) Num pode ser assim. Cê é muito brava.', silenciando no restante da situacão e priorizando sua acão de vestir a crianca.

.....

Este episódio se mostrou importante, primeiramente porque ele reproduziu uma cena que deve ser comum ao dia a dia de

mães com mais de um filho pequeno ou até mesmo, nem tão pequenos, onde a mãe tem que partilhar sua atencão entre eles. Provavelmente, nós tivemos aqui uma mostra de uma situacão corriqueira na vida de Ludmila, ao menos na parte do dia em que Michel não estava na escola. Foi curioso, também, observar o quanto a observadora que manipulava a câmera se sentiu 'perdida' entre o 'close' da crianca e da mãe e a captacão ou não da imagem de Michel, quando ele participava.

Em segundo lugar, é interessante notar que, junto com a dissociacão de movimentos de corpo de Cecília, estão surgindo, nesse período, suas primeiras sílabas, ainda que de modo esparso e casual, além de que, há um aumento considerável na quantidade de vocalizacão de Cecília neste episódio. Ludmila parece não atentar para esses fatos, ao contrário da observadora que que assistia à situacão sem manipular a câmera, que além de ressaltá-los, parece querer fazer com que a atencão se volte para Cecília, cada vez que Michel intervém, solicitando atencão para si. Ao recortar as atitudes vocais de Cecília, Ludmila no máximo, se utiliza do que denominamos de enunciados gerais ou associa a vocalizacão a um fato da rotina vivida, como o atraso em dar o suco a Cecília, atribuindo, assim, à vocalizacão desta, um caráter de 'queixa' ou 'reclamacão'. Nota-se ainda que, Ludmila 'recorta' a vibracão de lábios de Cecília, o que

parece esperado, na medida em que a mesma se assemelha mais daquilo que a própria Ludmila se utiliza para 'conversar' com Cecília, como estalidos de língua e onomatopéias, o que sugere que a representação em jogo não é a de uma criança falante.

Nas gravações seguintes, observa-se a intensificação da produção de sílabas pela criança. Ainda não há um recorte preciso de tais sílabas pela fala da mãe, sendo que quando ocorrem, os recortes não se sincronizam com a produção silábica da criança. Assim, é possível que a mãe fale junto com a vocalização da criança, retomando tal vocalização algum tempo após sua ocorrência ou que numa outra situação, num momento bem posterior, a mãe ofereça á criança as estruturas silábicas que ela já é capaz de produzir, reeditadas em forma de 'jogo', o que fará com que as mesmas 'adquiram' sentido. Entretanto, pode ser que a criança não atente para isso, se, por exemplo, não estiver produzindo por si só, tais sílabas, ou se sua atenção não estiver voltada para a mãe naquele momento, e o jogo proposto pela mãe seja iniciado e concluído com uma única participação, a dela própria.

Vejamos uma situação, 16a. gravação - 16/01/86, em que a criança encontra-se com 9 meses e 3 dias.

A situacão é de dar mamadeira para a crianca. A mãe está sentada numa cadeira, posta na garagem, com a criança no colo, segurando sozinha sua mamadeira, enquanto a toma. A mãe apenas inclina um pouco mais a mamadeira, vez por outra. Olha para a crianca, que, por sua vez, olha para a mamadeira e ao redor. O silêncio predomina no início e em boa parte da situacão. A mãe diz:

Aglael, vem daqui donde eu estou olhando. (balancando a cabeca para seu lado direito) Prá você vê bem o jeito dela.

A câmera, que estava de frente para a mãe, dirige-se mais para a esquerda, passando a captar a mãe de lado e a crianca de frente. A outra observadora, chama a criança:

Ci-ca: Hum: ? (VBX).

A crianca não olha para ela.

Mãe: (Diz algo que não dá para entender e depois de uma longa pausa, diz:) Viu que gostoso? Tá bom?

A câmera se movimenta e a crianca acompanha com os olhos a movimentacão dela e da outra observadora. A mãe, percebendo o olhar da crianca, olha para a observadora e ri. A observadora que filma, comenta: ' Ainda bem que cê não assusta, né? Senão...(rindo) Senão cê não dormia nem de noite. ' Mãe: ' Fala, eu tô na minha, mamando aqui. ' Há um outro grande período de silêncio. A crianca engasga e a mãe

tira-lhe a mamadeira, voltando a dar-lhe em seguida. Mãe: 'Mas ela num tá nem aí.(olhando para a câmera e sorrindo) Num tá: se incomodando com ninguém. Né?, Cica. Fala, tô com fo: me.' A criança mexe somente o pé direito. Mãe: 'Daqui a pouco ela começa só a mordê o bico.(olhando para a câmera e para a outra observadora) Ela num mama mais. Ela só fica mordendo.' A criança fixa o olhar, por algum tempo, num ponto além das pessoas presentes, e a mãe bate levemente em sua perna e diz: ' O? Acoda? (VBX) '(inclinando mais a mamadeira e passando seu indicador direito no bico) A criança parece que 'desperta' e volta a olhar ao redor.

Mãe: 'Num qué mais? (V+AG em 'mais') Mama um pouco.' (inclinando a mamadeira, ao mesmo tempo em que a aproxima da boca da criança). A criança vocaliza e afasta da boca a mamadeira, que segura com as duas mãos. Em seguida, aproxima-a da boca e afasta-a novamente. Traz o bico da mamadeira para perto da boca. Mãe: ' Tá gostoso? (VAG) Hum? (VAG). A gente pode gravá agora, ela brincando. Ela vai tão longe, agora, prá pega os brinquedos. (olhando para a câmera) Fala tchau, então, fala.' (olhando para a criança e segurando a mamadeira junto com ela).

A criança vocaliza /a/ prolongado.

Mãe: Pon: tu. Num qué mais mamá. Daquí a mamadeira. Vamu limpá a bo: ca (passando o babador na boca da criança) Prá ficá bem boni: ta.

A criança agita bracos e a mãe coloca-a mais sentada. A criança arrota e a mãe diz:

I:sso. Fez um burpão. (e coloca a criança em pé em seu colo, de frente para si, dizendo:) O:pá Olha prá lá. (beijando-a) A criança arqueia um pouco o corpo para trás e vocaliza: /tá.tá/, olhando para baixo, na direcão do pescoco e peito da mãe, repetindo mais quatro vezes a mesma vocalizacão, junto com a mãe que diz:

Vamu brincá? (V+AG em 'cá') Vamu?, Cica. (V+AG em 'Vamu') Cadê tua boneca? (V+AGR) Cadê tua boneca? (V++SU) Tá, tá? (SU) Cadê tua boneca? Cadê tua boneca? (junto com este enunciado, a criança vocalizou /tE.tE?, passando a mão no pescoco da mãe) Heim? (V++AG) Vamu pegá tua bola? Vamu brincá de bola, vamu? Fazê gol? (senta a criança em seu colo) Heim? Como a Cica levanta? (V+AGR) Olha, só. (V++BX) (segurando os pulsos da criança , com bracos estendidos) Um, dois e o:pá: (levantando a criança e sorrindo) (A criança sorri e olha para a esquerda e atrás da mãe, que senta-a novamente sobre suas pernas e em seguida repete:)

Um, dois e o:pá: (levantando a criança, que vocaliza: /a.a/) Piquiti:nha. (sorrindo, abracando e beijando a criança) Ã? (A criança vocaliza: /ã/) Dá um abraco prá mamãe, dá? (abracando a criança) A:que gosto:so. Que gosto:so, aqui. Ponto, ponto. (VAG, balancando o corpo para os lados, abracada á criança. Beija a criança) Hum? (olhando para a criança. Ela e a mãe estão com os rostos encostados um no

outro. A crianca vocaliza: /u.pa/pa:p/, o último /p/, bem baixo, olhando para baixo) Fala: pá-pá. Dá, dá dá, dá, dá. (VAG e RIT ACE, paralelamente à fala da mãe, a crianca vira a cabeca para a direita, na direcão da rua) Cadê o Michel, hoje. Hoje num tem Michel: (V++AG) Cadê o Michel? Chama o Michel, chama? (a crianca olha para a rua) Michel: (VAG) (a crianca vocaliza: /ká/) A:? (a crianca vocaliza: /ká/, olhando para a blusa da mãe, que senta-a sobre suas pernas) Cadê o Michel? Nuntáquí: (VAG) Vamu lá. (pegando a crianca no colo) Eu pego um acolchoa:do, a gente senta e brinca.(levantando-se com a crianca no colo)

.....

Durante o episódio, a crianca parece retomar a atitude, observada anteriormente, de 'desligamento' do ambiente, o que é recortado pela mãe através de suas verbalizacões e, finalmente, da acão de bater na perna da crianca, acompanhada pela fala que a 'chama de volta'.

Fica claro, neste episódio, como a mãe, em alguns momentos, apesar de falar junto com a vocalizacão da crianca, até percebe tal vocalizacão, na medida em que a retoma em meio à sua fala (...Cadê tua boneca? Tá, tá. Cadê tua boneca?...; ...Fala: pá-pá. Dá, dá, dá, dá, dá....). Entretanto, diante de outras vocalizacões da crianca, a mãe ou responde com

enunciados gerais estereotípicos, ou simplesmente não responde.

De qualquer modo, retomando o episódio como um todo, observamos que a mãe não desenvolve nenhum 'jogo vocálico' com a criança', limitando-se a falar o tempo todo, quase que paralelamente a ela. Vale notar que sua fala continua a apresentar como característica a repetição de enunciados em sequência (Cadê tua boneca?), repetição de elementos dentro de estruturas que guardam uma certa semelhança entre si (Vamu brincá de bola? Vamu pegá tua bola,vamu?) ou dentre estruturas totalmente diferentes (Cadê o Michel, hoje. Hoje não tem Michel: Cadê o Michel? Chama o Michel, chama?). A nível suprassegmental, nota-se o aparecimento de voz agudizada, nos momentos em que a mãe parece atribuir um turno à criança (Cadê o Michel?, hoje. Hoje não tem Michel: (V++AG) Cadê o Michel? Chama o Michel, chama? Michel: (VAG) (...) Cadê o Michel? Nuntaquí: (V+AG)). O que parece ocorrer nesses momentos é que a mãe faz o 'jogo verbal' sozinha, um 'jogo' em que ela apresenta uma fala muito consistente à criança.

Nas gravações seguintes, constata-se um aumento significativo na quantidade e diversidade dos jogos propostos pela mãe, donde se destacam: o 'laduchquiladuchk', uma musiquinha que Ludmila canta em russo e que retoma o jogo de bater palminhas e o cantar parabéns batendo

palminhas, que são variacões em torno do jogo de 'bater palminhas', observado já aos sete meses. Registra-se, ainda, em torno dos 9 meses e meio, a primeira ocorrência do jogo de 'achô', quando a mãe cobre a cabeca da crianca com uma fralda e chama a crianca, que puxa a fralda e sorri. Por volta dessa idade, com relacão ás aquisicões da crianca, nota-se que ela bate palmas sozinha, vira o corpo de um lado para outro, segurando fralda junto ao rosto, antes de dormir, faz 'expressão' de choro e vocaliza gritado e forte, entre um danoninho e outro, como para indicar que ainda não está satisfeita, vocaliza com o danone na boca, estando esta fechada e diz pela primeira vez /nã:,nã:/ gritado, para algo que 'não quer'.

Um pouco mais adiante, aos 10 meses precisamente, a crianca balanca o corpo para frente e para trás quando a mãe canta 'nana nenê', não consegue sair da posicão sentada para engatinhar na direcão de algo que está no chão próximo a ela (A mãe atenta para isso, dizendo: 'Dá vontade de ajudar, mas não adianta. Eu já mostrei tanto. Ela tem que descobrir sozinha.'), entretanto já 'voa' quando é colocada para andar no andador e fica em pé, apoiada na mesa, sofá, etc, ensaiando alguns 'passinhos' ao redor destes. A mãe segura-a por debaixo dos bracos e a crianca já alterna os pés, ensaiando a aquisicão do andar. Mas, quando quer engatinhar, dobra o corpo para frente e não sai do lugar. Em termos de

suas vocalizações, observa-se a criança puxar a calça da mãe que está em pé a seu lado e dizer: /ma.ma.ma.nã/. Isto parece sugerir o aparecimento das primeiras sílabas repetidas com sentido.

Voltando aos jogos, observa-se, na situação em que a criança está com 10 meses (19a. gravação - 13/02/86), que a mãe realiza o jogo do 'achô' já com uma variação de contexto e de objeto, fazendo inicialmente o jogo sozinha, desconsiderando o interesse e atenção da criança, que se depositam na observadora.

A criança está no andador, na sala, de costas para a mãe, que está sentada no tapete. A criança brinca com uma das observadoras, fazendo um jogo de dar e pegar objetos, levando-os á boca ou atirando-os no chão. De onde está, a mãe, que olha para a criança sorrindo, diz:

Ci-ca: (VAG)
Cadê a mamãe? Cadê a mamãe?
(A criança olha para a câmera e volta a olhar para a observadora com quem brinca)
A-sô: (V++AG)
Cadê a mamãe, Cecília?
Ci-ca:
(A criança olha para a mãe)
O, Vem cá, (ajoelhando-se em frente à criança)

O. Cecília. (A criança volta a olhar para a observadora com quem brincava)

Cadê a mamãe? Cadê a mamãe? (este último, dito junto com a observadora que brinca com a criança e que pergunta a ela 'Cadê a mamãe')

O? (batendo com um envelope de carta no braco da criança, que vira para ela) (A mãe põe, então, o envelope em frente a seu rosto e pergunta:)

Cadê a mamãe? (VAG) (tirando em seguida o envelope da frente de seu rosto e dizendo:)

A-sõ::

(A criança acompanhou com o olhar a movimentacão do envelope de cima para baixo e sorriu ao final)

(A mãe repete o jogo. A criança olha para a mãe e sorri, tentando pegar o envelope no final, jogando um brinquedo que estava em sua mão e voltando sua atencão para um brinquedo que estava na outra mão, quando o bateu o mesmo na mesinha do andador. A mãe põe o envelope na frente do rosto da criança, dizendo:)

Faz você agora.

(A criança pega o envelope e cobre o rosto da mãe com ele. A mãe diz:)

Cadê a mamãe? A-s-chO: ('A-', indicando silabacãoem relacão ao segmento seguinte e 's-ch', indicando som distorcido entre 's' e 'ch')

(A criança coloca o envelope na boca. A mãe volta sua atencão para Michel que brinca ao lado. Alguns instantes depois, a crianca passa o envelope no rosto da mãe, que diz:)

Cadê a mamãe? Esconde. (sorrindo e olhando para a crianca, que se distancia, empurrada pelo irmão, com o envelope na boca. A mãe repreende Michel e volta-se para Cecília, dizendo:)

Cadê a mamãe? Esconde a mamãe, esconde? Esconde a mamãe. (A criança, em frente à mãe, mas não muito próxima, olha para ela com o envelope na boca)

Esconde a mamãe. Esconde a mamãe. Cadê a mamãe? (A crianca vira para a observadora, segurando o envelope, colocando-o e tirando-o da boca)

.....

Inicialmente, a mãe faz o jogo do 'achô' do comeco ao fim sozinha, sem que a criança dele participe, uma vez que sua atencão está voltada para a observadora com quem brinca.

Num segundo momento, talvez com o intuito de que a criança participe do jogo, a mãe tenta garantir sua atencão, ficando de frente para ela e aproximando-se dela, enquanto tenta garantir seu olhar. A observadora parece perceber e tenta ajudar a mãe em seu propósito. A partir do momento em que a mãe garante o olhar da crianca, ela repete o jogo mais duas vezes, entretanto, parece que o interesse maior da criança

está em pegar o envelope que faz parte do jogo. A mãe propõe, então, a troca de papel com a criança, solicitando que ela faça o jogo. A criança realiza o jogo a nível das ações envolvidas, sem vocalizar, enquanto a mãe participa dele fazendo a 'trilha sonora'. Entretanto, o jogo não tem continuidade, ou pela intervenção do irmão da criança ou porque o interesse maior dela estivesse em manipular o envelope, levando-o à boca.

A troca de papéis ou a alternância de turnos entre a mãe e a criança começa agora a delinear-se na medida em que a criança tem mais recursos para participar do jogo proposto. Entretanto, a mãe ainda continua a realizar o jogo sozinha, do começo ao fim, quase desconsiderando os requisitos básicos para que a criança dele participe, tais como: a proximidade no espaço e o contato de olho e sua fala continua a ter a função de 'pano de fundo' ou 'trilha sonora' da situação. Isto continua a ser observado aos 10 meses e 13 dias (20a. gravação - 27/02/86), quando a criança já se mostra capaz de propor o jogo, realizando-o num outro contexto e adequando as ações dele a um outro objeto.

A situação é de banho. Durante esta gravação a criança demonstra interesse em vários momentos pela observadora que assiste à mesma, fora da câmera. No banho, a criança olha para a observadora, para a câmera e novamente para a observadora, propondo a esta o jogo de esconder e achar.

abaixando e encostando o rosto num dos lados da banheira, levantando em seguida a cabeca, sorrindo e olhando para a observadora. A mãe e a observadora fazem a trilha sonora, enquanto a crianca abaixa e levanta a cabeca.

Observadora: (diante da atitude da crianca de esconder-se, pergunta:) Cadê a Cecília?
Mãe: Achô: Se esconde, se esconde. (RIT + ACE) Cadê a Cica? (empurrando a cabeca da crianca, que se esconde atrás da lateral da banheira, mais para baixo) Ci-ca:
Observadora: Cadê a Cecília?
Mãe: Achô: Ci-ca: Ci-ca: Cadê a Cica? Achô: Cadê a Cica? Ci-ca: Ela qué olha prá Aglael... (SOR) (referindo-se ao fato da crianca, com a cabeca abaixada, tentar espiar a observadora)
Mãe e Observadora: Achô:
Mãe: Manda beijo. Como a Cecília manda beijo? (enquanto a crianca se esconde mais uma vez) Ã? Cica, manda beijo. Assim, ó? (joga beijo) Manda? (joga outro beijo) (A crianca que olha para a observadora e para a mãe vocaliza: /ã/, e a mãe diz:) E:

No trocador, enquanto veste a crianca, a mãe comenta:

E a Cecília com o pintinho...Ela qué pegá o pintinho, mas ela tem tanta aflição...(Olhando para a câmera e sorrindo) Ela encostou uma vez, a:, o dedo neles, e eles já têm as

peninhas. E acho que aquilo ela não gostou. da sensacão. Então, ela assim, qué pegá, qué pegá (RIT+ACE), a hora que a gente traz o pintinho perto dela, ela se recolhe assim (levantando os ombros e inclinando o corpo para trás), ela se recolhe inteira.(olhando alternadamente para a observadora e para o que está fazendo. Pausa breve) Cadê o piu-piu? Heim? Cica. Cadê o piu-piu? Como que faz o passarinho? Piu-piu (V+AG) (enquanto veste a calca na crianca, que segura o relógio junto à boca, olhando para a observadora)

Durante a alimentacão, com a crianca sentada no cadeirão, na garagem, a crianca, que olha para a observadora, retoma o jogo de se esconder, tentando abaixar a cabeca atrás da mesa do cadeirão, olhando para a observadora e sorrindo. A mãe, por sua vez, propõe e realiza outro jogo sozinha, enquanto dá a comida para a crianca.

Cadê o Michel, Cecília? Cadê o Michel? Onde ele tá? I: Ele foi na escoli: nha (VAG) Cabô: Num tem Michel.

Um pouco mais adiante, a mãe retoma o jogo do piu-piu, realizando-o, mais uma vez, sozinha.

.....

Parece haver uma consistência com relacão aos temas dos jogos propostos pela mãe, nessa época, e com relacão aos

tipos de estruturas gramaticais que compõem tais jogos, sendo que não é observado, ainda, um aumento ou variação na complexidade gramatical da fala que a mãe utiliza nas situações vividas com a criança.

A gravação continua com uma situação em que a mãe brinca com a criança no quarto.

Mãe e criança estão sentadas no chão do quarto, ao lado de um sofá. Perto delas, uma caixa com 'brinquedinhos' de vários tipos (chocalhos, pecinhas de encaixe, um macaquinho de tecido, uma figura da 'moranguinho' de plástico, que possivelmente, já foi um quadrinho). Atrás delas, da parede, pendem a cobrinha, que antes pendia lateralmente ao trocador, e um boneco, que tem apenas um corpo esférico e felpudo, com grandes olhos pregados, e duas pernas finas e compridas.

A nível motor, os temas oferecidos pela criança são os seguintes: (1) o 'ensaio' do engatinhar. Ao tentar alcançar algum brinquedo, a criança, que está sentada no chão, dobra o corpo para frente, ficando de 'quatro' e voltando à posição sentada, ou engatinha na direção do brinquedo quando a mãe coloca-a um pouco mais longe de onde ele está; (2) a manipulação dos brinquedos associada ou não à atitude de levá-los à boca, quando a criança, segurando os brinquedos com as duas mãos, leva-os à boca e prende-os entre os

dentes, puxando-os para fora; (3) o balanco do corpo para frente e para trás; (4) o esticar o braco que segura o brinquedo na direcão da mãe.

A nível vocal, observam-se as vogais /a/ e /E/ prolongadas e produzidas com intensidade (fortes) e a semivogal /w/, que por ser um tipo de producão entre vogal e consoante, 'corta' a vocalizacão de qualidade predominantemente vocálica, neste episódio, sugerindo uma vocalizacão silabada.

Observa-se, ainda, a coordenacão entre a vocalizacão e a acão, sustentada por uma fina dissociacão de movimentos, já totalmente estabelecida, quando a crianca coordena a vocalizacão com a boca fechada com o movimento do indicador entre os aros da estreita mola, da qual pende o brinquedo. Além disso, a crianca prolonga ou abrevia suas vocalizacões, ao mesmo tempo em que aumenta ou diminui a intensidade das mesmas, de acordo com o tipo de acão mais ou menos brusca, que empreende sobre o brinquedo.

Com relacão à mãe, observa-se sua fala funcionando como 'leitura da acão da crianca'. Há um predomínio sobre o recorte da acão da crianca em oposicão à sua vocalizacão, que continua a ser respondida pelos mesmos enunciados gerais e estereotípicos. Não há imitacão da vocalizacão da crianca. Os jogos participam da fala da mãe como um instrumento para recortar a atividade motora da crianca. O tema central

desenvolvido pela mãe é justamente uma aquisicão motora da crianca: o engatinhar. A fala da mãe durante o episódio é um texto formado por vários 'jogos' que se superpõem uns aos outros. Na sequência de enunciados dentro de cada jogo, observam-se as mesmas repeticões do elemento que está sendo privilegiado pelo jogo em questão, do qual ele constitui o tema, dentre a repeticão de estruturas total ou parcialmente semelhantes. A nível suprassegmental são registradas as mesmas características de voz. Enfim, nesse momento, parece já ter havido um recorte suficiente das acões da crianca, pois há uma coordenacão entre as mesmas e a fala da mãe. A criança já demonstra compreensão em relacão a essa fala. Tem início a história do 'ouvinte' que se tornará cada vez mais competente.

Abaixo, é relatada a sequência de fala da mãe durante a parte do episódio em que ela está sentada junto à crianca. Salientamos ao lado, os vários jogos que compõem tal sequência.

(1) Vai:? (AG e SOR) Que que cê qué pegá primeiro? (SOR) (pausa breve) O. Vou te ajudá um pouco. (SOR) (pausa longa)

(2) Viu:? (VAG) Teu nenê? E o nenê da Cica? (VAG) O macaquinho? (VAG) Como que a Cica faz nana nenê (entonacão ascendente no início e que se mantém no final), no King Kong, aí. (entonacão descendente. SOR no final do enunciado)

Assim? (VAG e EST) Nana nenê? (VAG e EST) Dá um beiǰinho nele, dá? Dá um beiǰo. (LAB) Ai:: que gosto:so (SOR e EST)

(3) O? (balancando um chocalho) Vai lá pegá. (ǰogando o chocalho) O? Olhalí. Que mais. (vasculhando a caixa de brinquedos) Dois. Igualzinhos. O? Pron:to (+FOR) Quero vê a Cica í lá pegá. O? Vai. (VSU) Pega. (VAG) Pega o King Kong, Cica? (VAG) (sorri e beiǰa a criança fazendo onomatopéia) (pausa)

(4) Fala, eu ǰá conheco tudo, né? (VBX) Olha. O esse de colocá, aqui. (este último, mais baixo) Viu:? (VAG) Cadê o resto? Não tem mais nenhum embaixo? Comecá a brincá, a pegá os brinquedos do Mi. Né? (VAG) O? O, outro aqui, ó. (pausa breve, observando a criança)

(5) Caiu do buraqui:nho? (VAG) (pausa breve, continua observando a criança)

(6) Põe dentro, põe, ó? Hum? Caiu. (V++AG) Hum: (com dois picos de entonacão ascendente, que se mantém no final) Esse vestido aqui só atrapalha. (V+AGR) Põe lá dentro, põe. (VSU) Mas ele não fica aí dentro, né?, Cica. (olhando para a criança e fazendo meneio de cabeca) Assim, ó? Põe aqui dentro, ó? A-ssim: (VSU) e a-ssim (V++SU e SOR) Coloca? (VBX) (pausa, observando a criança)

(7) Ela já conhece tu:do (V+FOR e SOR) Parecia um monte, desconhecido. (V+FOR e SOR, RIT+ACE no final) O a moranguinho, aqui, ó? O outra bonequinha. (pausa breve)

(8) E: (com dois picos de entonacão ascendente e que se mantém no final; com meneio de cabeca) Dá um beijinho nela, dá? Dá um beiji:nho, na morangui:nho. (+ enfático, semelhante a súplica) (Joga beijo) Dá um beijinho na moranguinho, Cica. Faz carinho. (picos de entonacão nas sílabas tônicas dos sintagmas nominais) (A crianca vocaliza com brinquedo na mão, virando-se para a mãe e mostrando o brinquedo) E: (VSU) Dá um beijinho nela, dá? (VSU) Faz assim, ó? (VSU) (esticando o braco na direcão da crianca) Não. Assim, ó? (pegando a moranguinho) (VSU) Qué vê, ó? Daquí. Deixa mamãe dá beijinho, dá? (meneio de cabeca) (VSU) Faz assim, ó? (beija a boneca que a crianca segura na mão) Dá beijo, dá? Num qué dá beijo? ('surpresa', VFOR) (A crianca vira para a mãe, segurando a boneca e esticando o braco na direcão dela) Assim, ó? (VSU, beijando a boneca em seguida) (pausa breve, observando a criança, que põe a boneca na boca e olha para a mãe)

(9) Cica dá mordida. (VSU e LAB, picos de entonacão nas sílabas tônicas dos sintagmas nominais) Cica dá mordida. (mesmas características que o enunciado anterior) (baixando as mãos da crianca com a boneca) O::Isso machu:ca (V+AGR) Daquí, daquí. (VBX) (tentando pegar a boneca, que a crianca

não dá) Não põe na boca. Faz dodói.(V+FOR) Faz dodói. (abaixando a boneca, que a criança segura junto à boca) Ó? Vai mordê tua gengiva. (A criança põe a boneca de lado) Tó. (pegando pecinha) Bate aqui. Ó? (V++BX) (batendo com a pecinha em outra) Viu,? (V+AG) (colocando uma pecinha sobre a outra) (A criança morde outra peça, que havia pegado, e joga-a) (A mãe observa)

(10) Cadê o tic-tac da mamãe? Ó lá o relógio. (apontando para o relógio que está no chão, à frente da criança) Ó lá o relógio. Ó lá. (jogando um montinho de peças que está à frente da criança, mais para a frente, perto do relógio) Pega o relógio. (entonação ascendente em 'ló', 'súplica') (coloca outra pecinha que produz som, em frente à criança. Levanta-se dizendo:) Deixa ela brincá sozinha.

.....

Os jogos desenvolvidos pela mãe parecem ter um caráter 'paralelístico' na medida em que são formados por um tema central que aparece em enunciados de mesma estrutura gramatical ou em enunciados de estruturas gramaticais levemente variantes entre si, sendo que, de uma forma ou de outra, tais enunciados podem ou não ser repetidos em sequência. A mudança de tema ou a finalização de um jogo e o início de outro é dada pela utilização de pausas, que variam em duração.

Vale ressaltar, a partir da observação do que seria o oitavo jogo na sequência, que a mãe começa a apresentar uma atitude que será observada com frequência, a partir do primeiro ano de vida da criança, que diz respeito ao 'dizer e/ou mostrar à criança como fazer/falar', quando observamos momentos de uma certa 'fixação', por parte da mãe, em que a criança faça /fale exatamente do modo que está sendo proposto.

Naquele que seria o quarto jogo da sequência a mãe parece 'marcar' o momento atual em que a criança já é capaz de 'brincar', o que no final da sequência, é 'reforçado' pela atitude de se afastar da criança 'para que ela brinque sozinha'.

.....

Na sequência, a mãe senta-se no sofá e a criança continua no chão, rodeada pelos brinquedos. A imagem da mãe não é captada.

A criança pega uma pecinha e mostra para a mãe, virando-se para ela e estendendo o braço. A mãe sussurra:

Vem cá. Vem trazê. Vem. Cica.

A criança vocaliza.

A observadora diz: ' Cecí: lia. '

A mãe: ô, Cica. Vem cá pegá. Dexu pôr você, agora. (levantando-se e indo em direção à criança) Peraí. O. (pegando a criança por debaixo dos braços) Aqui. (arrastando a criança para trás, longe dos brinquedos) Quero, agora eu quero vê, você. (A criança engatinha na direção dos brinquedos. Observadoras e mãe riem) Mais uma vez, vai? (SOR, pegando mais uma vez a criança) I:sso. (arrastando a criança para trás) Daqui, agora, ó. (soltando a criança) (A criança engatinha e todos riem) (A criança pega boneco suspenso por mola, que pende junto à parede, na altura de seu rosto) Cê achô? Teu bone:co? ('surpresa') Cê viu, ela não sentava tão rápido, né? (Oservadora: E:, rindo) (A criança puxa a mola e com o dedo preso entre seus aros vocaliza /Ɛ/, forte e prolongado, várias vezes) Hum:? Ele pula? Solta ele. Solta ele. Prá ele pulá. (A crianca vocaliza /E/ prolongado e forte) Viu como ela fala? Ela fica mais sozinha, ela fala mais. (A criança vocaliza com boca fechada e mexe só o indicador entre os aros da mola. Depois de várias vocalizacões, a mãe diz:) Ele pula. Solta ele. O lá. O vestido tá atrapalhando. (A criança bate no boneco e vocaliza /E:/. Coordena vocalizacão e acão, durante um tempo considerável. Pega novamente o boneco e quando coloca o indicador direito entre os aros da mola, volta a produzir /E:/, que termina num /wawa/, repetindo em seguida: /awvawa/u/wawa::e/. Dirige-se, então, aos brinquedos no chão, á sua frente, engatinhando até eles.

Pega novamente a moranguinho. Segura-a com as duas mãos e leva-a à boca. Prende-a com os dentes e puxa-a. Vocaliza com a boneca na mão, olhando ao redor. Pega a boneca com as duas mãos, olhando para ela e balancando o corpo levemente para frente e para trás.) Canta nana nenê. Canta? Canta. Pu morangui:nho. Nana nenê...(cantando) Que a Cuca vem pegá...(cantando, VAG) A Cica tá dancando, tá? (A crianca vocaliza e põe o pé da boneca na boca) Vai machucá. O pezinho machuca todo teu dente. (A crianca vocaliza /a/s prolongados, balancando o corpo para frente e para trás, afastando um pouco a boneca da boca e olhando-a) E:: (pausa breve) Machu:ca teu dente. Depois a Cica vai chorá. (A crianca vocaliza forte, esticando o braco que segura a boneca na direcão da mãe.) E:: (A crianca vocaliza: /kEi:i/, inclinando o corpo para trás) O:pá. (rindo) Vai dá um balancão, aí. (rindo) Como é que a Cica canta nana nenê. (entonacão ascendente no início e descendente no final) Nana nenê...(cantando) (A crianca vocaliza e ri, abrindo bem a boca, e balanca a boneca no ar) Que a Cuca vem pegá...(cantando) (A crianca muda de lugar e balanca o corpo com a boneca nas mãos) E:: (A mãe comenta algo com as observadoras que, devido à passagem de um carro na rua, não dá para entender) (A crianca vocaliza e balanca o corpo para frente e para trás, segurando a boneca com as duas mãos e olhando para ela) E:: Tá nanando? (SOR) Tá nanando a moranguinho? (SOR) Tá nanan:do. (SOR) E: (A crianca

vocaliza com a boneca na boca e balancando o corpo) Faz dodói na bo:ca (V+FOR e 'enfático') Como a Cica chora depois? Como que a Cica vai chorá depois? Vai chorá. (V++AG) (A crianca olha para a boneca que segura e vocaliza /wawawava/, colocando a boneca na boca.) E: (A crianca vocaliza /E:/, com a boneca na boca. Segura a boneca à sua frente e olha para ela, balancando o corpo. Coloca a boneca na boca.) (A mãe faz estalidos de ponta de língua contra a porcão mais anterior do pálato e diz:) Vai chorá: (A crianca tira da boca e mostra para a mãe) E:: (A crianca balanca o corpo vocalizando e com a boneca novamente na boca. Vocaliza /a/ forte) Ã? (A crianca, com a boneca na boca, vocaliza /a/s fortes, aspirados e prolongados) No:ssa. Hoje ela tá bem à vontade. (seguido de segmento ininteligivel) (A crianca continua vocalizando com a boneca na boca. Deixa-a cair, pega-a, mexe nela com o indicador, vocalizando, e coloca novamente a boneca na boca, vocalizando /ã/) O? Desse jeito cê vai comê o boneco todo, Cica. (A crianca vocaliza intensamente com a boca fechada, olhando para o boneco e colocando-o na boca alternadamente) (A mãe e as observadoras comentam coisas muito baixo e não dá para entender, enquanto a crianca continua a vocalizar. Mãe e observadoras conversam sobre o tempo de gravacão) O, Cecília. Vem pegá o relógio da mamãe, aqui. Vem? (VFOR) Prô cê dá uma boa caminhada. E que ela pisa no vestido. (SOR) O? Tic-tac, tic-tac, tic-tac. (V++AG) Tic-tac, tic-tac,

tic-tac. (V++AG) Então fala tchau. Cica. (V+FOR) Fala. Tcha: u: Eu vô passeá: Vamu passeá. Cica? Dá tchau prá Glael. dá, que cê vai passeá. Ci-ca: (Observadoras e mãe mandam 'beijos' e 'tchaus' para a criança, que continua manipulando a boneca) (Observadoras e mãe observam por alguns instantes a criança brincando) Ce vê como é de criança, Aglael. O Michel nun: ca, com a idade dela, brincava. Ele só se interessava... Que nem ela ficou um tempão com essa boneca, né? Gravava, gravava, gravava... Sabe? Prá mim, como são duas criancas... (A mãe continua falando, mas a gravacão é cortada)

.....

No trecho acima, a fala da mãe gira em torno das aquisicões e atuacões da criança a nível motor, sendo que sua verbalizacão é feita a partir do distanciamento espacial da criança, donde observamos uma postura, por parte da mãe, de 'narrador-observador' (interveniente ou não) das/nas atuacões da criança. Essa postura da mãe já contém uma percepcão da capacidade de compreensão por parte da criança. O recorte da atividade vocal da criança ocorre apenas como um traco mais geral da situacão, sendo 'curiosa' a associacão da atitude vocal da criança ao fato dela 'estar sozinha' ou 'bem à vontade' na situacão. A partir do que foi dito pela mãe no final do trecho anterior e no comentário feito ao final deste trecho, parece que o que lhe é mais

'saliente' é o fato da crianca 'brincar sozinha', o que nos remete de volta à tematizacão das aquisicões e/ou atuacões motoras da crianca.

Já próximo ao final do primeiro ano de vida da crianca, observamos, durante uma situacão de troca, os mesmos tipos de ocorrências, descritos para a gravacão analisada acima, em relacão á fala da mãe.

(21a. gravacão - 20/03/86 - A crianca encontra-se com 11 meses e 7 dias)

A situacão é de despir a crianca, que acabou de acordar, para vestí-la em seguida. A crianca está sentada sobre o trocador, olhando na direcão da câmera. A mãe diz:

Fala oi prá Maria.(V+AGR) O-lá:(V+AG) (desabotoando o macacão junto ao peito da crianca. Tira manga direita e manga esquerda) (A crianca olha fixamente para a câmera) O-lá: (VSU) Maria: (entonacão ascendente em 'ri' e que se mantém até o final) U-U: (Pega camisa. Veste manga direita e enquanto veste manga esquerda, diz:) Fala, U-U:(VAG) (A crianca está totalmente silente, olhando a maior parte do tempo para a câmera, á sua frente e, de vez em quando, para baixo ou para a esquerda. Apenas seus olhos se mexem) Cabei de naná.(RIT+ACE) (abotoando a camisa na frente) Ela tá com cara de interrogacão. (VFOR e SOR) (olhando para a câmera e abotoando a camisa) (A observadora diz: 'E', sorrindo, 'Oi,

Cecília.') Fala, oi: (V+AG) Manda beijo prá Maria, manda? (abotoando a camisa e jogando beijos para a criança, que olhava para a câmera e vira a cabeça para ela) Como a Cica manda beijo? (VSU em 'manda beijo?') (ainda abotoando a camisa. Joga outra sequência de beijos para a criança, que olha para ela com sorriso nos lábios) Dá na mamãe. Dá na mamãe. (VSU e RITACE) Dá. (VSU) (aproximando a face esquerda da boca da criança) Ai: que gosto: so. (afastando o rosto, olhando para a criança e sorrindo. A criança também olha para ela e sorri. A mãe terminou de abotoar a camisa) Dá beijo na mamãe, dá? (VSU em 'dá') (encostando novamente a face esquerda na boca da criança) Cê escutô? Cê escutô? (RITACE e SOR) (olhando para a observadora) Dá outro. Dá outro. (RIT ACE) (encostando novamente a face esquerda na boca da criança. Esta encosta a boca, sorrindo, no rosto da mãe) A: i:: (FOR e Est) Que gosto: so. (FOR, EST e SOR) (afastando-se e olhando para a criança, que também olha para ela sorrindo) Vou dá um na Cica. (RITACE) (beija a criança, que vira a cabeça para a direita, encostando mais no rosto da mãe) Ai: que gosto: so (EST) (afastando o rosto, olhando para a criança e sorrindo) (A criança olha para a câmera) Faz carinho na mamãe, faz. (V+FOR) Cari: nho. (V+AG) (A criança encosta a boca na face esquerda da mãe, enquanto esta passa a mão levemente na face esquerda da criança, dizendo:) A-ssim, ó. (VSU) (em seguida, afasta o rosto, quase gritando:) A: i: (V+++AG) (junto com a criança que

vocaliza sons de qualidade vocálica) E cá mamãe, e com a mãozinha, assim, ó? (pegando a mão direita da criança e passando em sua face esquerda, junto à boca) Cari:nho (V++SU) (A criança vocaliza sons de qualidade vocálica, olhando para o rosto da mãe) Assim, ó? (VSU) (passando a mão da criança em seu rosto) (A criança não pára de vocalizar sequências de vogais, que parecem cortadas pela semivogal /w/) Faz cari:nho. (VSU) (A criança abaixa a mão e olha para baixo. Pega a manga do macacão que está embaixo dela) Num qué:? Num qué fazê carinho na mamãe:? (V+FOR) (olhando para a criança. Beija-a) Hum: (A criança olha para a mãe e vocaliza) Dá um beijo, então, dá? (VFOR) Dá um bezinho, dá? (VSU) Aqui na bossessa, dá? (V+SU) (apontando sua face esquerda com o indicador direito) (A criança olha para a manga do macacão que segura com as duas mãos) Dá um bezi:nho? (V+FOR e +AG) Dá um bezi:nho? (V++FOR e ++AG) ('súplica') (mexendo na perna da criança) (A criança manipula a manga do macacão, para a qual olha, e abre um largo sorriso) Dá um bezinho, dá? Hum: (V++AG) (A criança vocaliza e a mãe encosta seu rosto na boca da criança, que se aproxima um pouco mais do rosto da mãe) Que sem vegonha, sem vegonha. (RITACE) (beijando a criança e deitando-a)

.....

Neste primeiro bloco, a mãe tematiza em torno de 'dar beijo' e 'fazer carinho'. É interessante notar como, em meio à sua

fala, a mãe não atenta para as vocalizacões da crianca e para o próprio interesse da crianca, que se desvia para a manga do macacão, que ela passa a manipular em frente aos olhos. Observa-se uma fala com as características de 'baby talk', através da substituicão de 'j' para 'z' , em 'beijinho' e de 'ch' para 's' em 'bochecha', assim como a reducão de 'vergonha' para 'vegonha'. A mãe atribui ainda onomatopéias à crianca, quando diz para ela falar 'U-U:', por exemplo. A representacão em jogo parece que ainda não correponde á de uma crianca falante. Entretanto, a mãe solicita, pede, suplica coisas à crianca, o que não era observado em sua fala nas situacões de trocador descritas anteriormente, o que sugere que ela já considera que a crianca é capaz de compreender tais solicitacões, mesmo que não as atenda de imediato.

.....

(A mãe tira a calca do macacão) Mostra teu dentão, que nasceu outro. Fala (RIT++ACE) Tem três embaixo agora. (VFOR) E quatro em cima. (VFOR) Né? (V++AG) (A observadora faz um 'close' da crianca e comenta, sorrindo: 'No:ssa, dentes mesmo, heim? E tão grande!) Sete dentinhos, né?, Cica. Dá prá dá mordida. (abrindo a fralda no lado esquerdo) (A crianca levanta a manga do macacão e olha para cima) (A mãe levanta os pés da crianca unidos e tira a fralda debaixo dela. Enquanto dobra a fralda, comenta:) Engracado, o Michel

mordia tan: to, mas tan: to. Ela até hoje não mordeu ninguém. (enquanto a criança vocaliza, segurando a manga do macacão para cima e olhando para a câmera) (Observadora: 'Não?') Não. Ela é boazi: nha, né? (A criança vocaliza segurando a manga do macacão e olhando para a mãe) Cê tem que aprendê a dá uma mordidas no Mi. (olhando para a criança e abrindo a caixa de lencos umedecidos) Fazê a.a.ó.ó.ó. (VSU) (abrindo e fechando a boca, como se estivesse mordendo) Au, au, au, au. (olhando para a criança, sorrindo e fazendo como quem vai mordê-la) E mordê. Nhéc. Si modê. (A criança vocaliza /ká.ká/, enquanto a mãe a limpa) A? (A criança vocaliza /ã/ã/, manipulando a manga do macacão em frente ao rosto) A. (A criança vocaliza /ã/ã/ã/ã/awawã/) Como a Cica faz atirei o pau no gato. (entonacão descendente no final) (vestindo a fralda na criança, que olha para a mãe, segurando a manga do macacão junto à boca) Atirei o pau no ga-tô-tô, mas o ga-tô-tô, não morreu, reu, reu. Mi-nhau: (rindo, olhando para a criança e fazendo-lhe cócegas) (A criança olha para a mãe e dá um grande sorriso) Como é que faz minhau. (entonacão descendente no final) Fala, Mi-nhau: (V+AG) (terminado de vestir a fralda na criança) (A criança vocaliza /dá: /) E: : (com dois picos de entonacão ascendente)

.....

E interessante ressaltar, neste trecho, como o critério que a mãe usa para desenvolver seu 'jogo verbal' parece ser

paronímico, quando o 'Nhéc' do jogo de 'morder' é de certa forma reeditado no 'Minhau' do jogo de cantar 'Atirei o pau no gato'.

. . . . . .

(A criança vocaliza /a/awapá.pá/pá/, com a cabeça virada para a esquerda, na direção da câmera, segurando a manga do macacão junto à boca) Fala, eu vou na casa da Ba-bu: Né? (V+AG em 'Né?') (vestindo as pernas da jardineira na criança. Levanta a criança, colocando-a em pé sobre o trocador. A criança sorri, olhando para a câmera e vocaliza /E:/) Fala, eu vou na casa da Ba-bu:: Fazê bagun:ça (ajeitando a camisa dentro da jardineira)

. . . . . .

Novamente, na sequência, observamos a paronímia entre 'Babu' (um diminutivo carinhoso para 'babuchka' que, em russo, significa 'avó') e 'bagunça', a nível segmental e também, suprassegmental, com o prolongamento da sílaba tônica de cada um dos vocábulos, terminadas respectivamente em 'u' e 'un'.

. . . . . .

(A criança estica o braço esquerdo com a palma da mão aberta, vocalizando /E:/, e pega um dos palhaços do móbile acima dela, que, a essa altura, encontra-se parcialmente

quebrado. Com o palhaco nas mãos, olhando para ele, e mexendo nele só com o indicador, vocaliza /ã: agá.agá/E:) Ei: (entonacão ascendente) (A crianca vocaliza /E: E/) E: (abotoando alca da jardineira sobre ombro esquerdo crianca) Cadê o palhaco da Cica, heim? (A crianca encosta o palhaco no rosto) Ela vai dá beijinho no palhaco. (VAG e LAB) (A crianca vocaliza) Dá um beijinho no palhaco, dá? (A crianca encosta o palhaco na boca) Ai: que boazi: nha. (LAB) (olhando para a câmera e sorrindo, ainda abotoando a alca sobre o ombro esquerdo da crianca) Mas que minezi: nho (beijando a crianca) Mais carinho: sa. (LAB) (A crianca vocaliza) Cari: nho, no palhaci: nho. (LAB) (A crianca leva o palhaco à boca) (A observadora ri) (A crianca estende o braco, que segura o palhaco, na direcão da observadora, vocalizando) (A observadora diz: Que lindo, Cecília) Mosta pá Maria. Fala (RITACE) E o meu: (V++AG e entonacão ascendente) Meu palhaci: nho. (V+AG) (abotoando a alca da jardineira sobre o ombro direito da crianca) (A crianca levanta o braco direito tentando pegar outro palhaco e desequilibra-se para a frente) Cica, péra um pouquinho. Se não a mãe não vai, poraquí direito. Assim, ó. (VSU) (A crianca olha para cima, com a boca aberta e o braco estendido, e toca o fio que suspende o palhaco com o indicador direito) Ai, Jesus. Ai, Jesus. (VSU) Pronto. Pôr agora (entonacão mantida ascendente) (passando o cinto da jardineira para frente) O cin: to. (A crianca, olhando para o palhaco em sua mão,

vocaliza /ua,uá:/) Ua: (A criança vocaliza novamente: /ua:/ rápido e gritado)

.....

A paronímia no trecho acima parece ter sido dada pelo prolongamento das sílabas tônicas de 'boazi:nha', 'minezi:nho', 'carinho:sa', 'cari:nho' e 'palhaci:nho'. E interessante notar ainda, a aglutinação de 'mininínha' com 'nenezinho' que resultou em 'minezinho'. Mais uma vez, a mãe recorta a atividade motora da criança, quando elege, por exemplo, o 'palhacinho' como tema de um jogo. Entretanto, a vocalização da criança ainda não serve como critério para a escolha de temas, apesar da mãe até atentar para tal vocalização, quando a retoma. Isso fica claro na transição do trecho acima para o seguinte, quando apesar de retomar a vocalização da criança em torno do 'ua', a mãe desenvolve um jogo em torno de 'nenê'. Parece, portanto, que a paronímia só não funciona como critério quando se trata de selecionar um tema a partir da vocalização da criança.

.....

Nênê. (V+AG) (colocando aponta do cinto no passante) (A criança volta a tocar o fio do móbile suspenso acima dela) Nênê. (V+AG) Quem é o nenê? (A criança vocaliza /apãpapãpãpa:/n-nhE.n-nhE/, olhando para a câmera com o braço abaixado sobre o ombro da mãe, e segurando o palhaco

com a outra mão) Nênê (V+AG) (encostando o rosto no rosto da criança e olhando para a câmera. sorrindo) Fala prá Maria (V+AGR) Eu sou o nenê da mamãe. (V+AG) Chama a mãma. Fala assim: mãmá. (olhando para a criança. que segura em pé sobre o trocador)

. . . . . .

Se a vocalização da criança em torno de 'ua' não serviu de base para o desenvolvimento de algum tipo de jogo por parte da mãe, ou seja, para que esta fosse 'especular' (De Lemos, 79) à vocalização da criança, o mesmo não parece ocorrer da parte da criança que retoma o que é oferecido pela mãe (Nênê) em meio à sua vocalização (/n-nhE.n-nhE/). Já há algum tempo, vimos observando 'especularidades' vocais da criança em relação á fala da mãe. Isto sugere que no período que vem sendo analisado, entre os 6 e os 13 meses aproximadamente, a criança apresenta uma percepção auditiva acurada para os sons que a rodeiam e um desenvolvimento sensitivo-motor suficiente em relação a seus articuladores, sendo que, a coordenação entre tais aquisições lhe permite reproduzir um som a partir de sua imagem auditiva (Gonçalves, 1989). Este parece ser o período em que a coordenação auditivo-articulatória se estabelece, não apenas em relação aos sons produzidos pela própia criança, mas também, em relação aos sons produzidos por aqueles que a cercam.

A paronímia da fala da mãe, neste trecho, ficou por conta do 'Chama a mãmá.'

.....

(A criança que mexeu novamente com o indicador no fio do móbile, olhando para cima, volta a olhar para a câmera, com o palhaco junto à boca, cobrindo parte de seu rosto) (A observadora, rindo, diz: Oi:: Apareceu, é?) Fala, mãmá. (abracando a criança) U:: (V+AG) (beijando a criança) (Observadora: (ri) Cê tava escondida, é?) Cadê a Cica? Cadê? (VSU) (A criança olha para cima, mexendo no fio do móbile) Assim, ó? (VSU) (colocando o palhaco que a criança segura com a mão esquerda sobre o rosto da própria criança) Ã: A Cica sumi: u (V+SU e AG) A-só. (V+AGR e FOR) (abaixando o braco da criança) Cadê a Cica? Hum: ? (beija o braco da criança, que segura um pedacinho de papel metálico preso ao fio do móbile) Cadê a Cica? (VSU) (A criança abaixa o braco, encosta o palhaco no rosto da mãe e vocaliza /ã:/, sorrindo e olhando para a mãe) Cadê a mamãe? (VSU) Cadê a mamãe? (VSU e RITACE) E: (VSU) Mamãe (Segmento Ininteligível) A-chô: (VFOR e +AGR) (quando a criança retira o palhaco de frente do rosto dela, mãe) (A criança coloca novamente o palhaco sobre o rosto da mãe) Cadê a mamãe? (RIT+ACE) (A criança descobre o rosto da mãe e vocaliza /E/ prolongado e forte) A-chô: (olhando para a criança e sorrindo, Beija a criança e

coloca-a sentada sobre o trocador, dizendo:) Solta, solta, solta, solta. (RITACE) (tirando o palhaco da mão da crianca, que sentou segurando-o)

. . . . . .

Na sequência acima, a 'deixa' para o jogo em torno de 'Cadê' desenvolvido pela mãe parece ter sido dada pela fala da observadora. E possível observar um momento de 'troca' entre mãe e crianca.

. . . . . .

E assim que a gente quebra o móbile, né? (V+AG) (A crianca continua com o braco estendido para cima, com a mão aberta, olhando para os palhacinhos, e desequilibra-se, pendendo para trás, tentando apanhar um palhacinho) Bu-gu prá trás: (segurando a crianca pelo braco, ao mesmo tempo que com a outra mão segura as meias que vai vestir na crianca) Bu-bu: (V+FOR) O, deixa ele aqui em cima. (VBX) (colocando o palhaco que pende sobre o resto do móbile) (A crianca acompanha com a cabeca a movimentacão da mãe) Pronto. (V+BX) Pronto. (V+FOR) A Cica vai caí lá: prá trás. (vestindo meia pé direito crianca, que pega macacão à sua esquerda, levanta e abaixa bracos, segurando-o com a mão esquerda, solta-o a seu lado, e pega a caixa vazia de cotonetes que estava atrás e à esquerda dela, pendendo para trás, quando a mãe a puxa de volta) (A mãe, que acabou de vestir-lhe a meia no pé

direito e que está com o sapato na mão, diz:) Mostra prá Maria, teu sapatinho novo. (RITACE) (A criança olha para a câmera, estica o braco que segura a caixa de cotonetes na direcão da câmera e vocaliza /a::/) E: (olhando para a criança) (A observadora diz: Que lín:do!) Fala (calcando sapato pé direito criança) Ganhei: um sapatinho novo. (RITACE, com picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes do enunciado) Prá não ficá usando só o do Michel. Foi o primeiro sapato meu. (terminando de calcar o sapato no pé direito) (A criança, que estava com a caixa de cotonetes junto á boca, olhando para a câmera, abaixa-a, e vocaliza: /ba:bo/) (A mãe veste a meia no pé esquerdo, olha, sorrindo, para a criança, enquanto a observadora diz: 'Oi?') (A mãe, em silêncio, calca o sapato no pé esquerdo da criança e em seguida, faz um laco com a fita da camisa, ao redor do pescoco da criança)

.....

Neste trecho, observamos prolongamentos na fala da mãe que servem ao 'casamento' de tal fala com a acão que está sendo desenvolvida. Comparando os vários trechos desta situacão, vemos como a amplitude do contexto é tal, que, a princípio, qualquer aspecto dele pode ou não servir de tema para a fala da mãe, num determinado momento. Assim, a acão da criança, a acão da própria mãe, a fala da observadora, os objetos presentes e as aquisicões da criança podem ou não servir de

tema para o desenvolvimento dos jogos verbais da mãe, da mesma forma que os próprios recursos da mãe, como a paronímia, por exemplo, podem fazer com que ela evoque temas não diretamente ligados a algo presente na situacão. O mesmo ocorre com relacão à vocalizacão da crianca, que pode ou não ser tematizada, mesmo quando já se prenuncia o aparecimento das primeiras palavras com significado em meio às suas vocalizacões, como parece ter sido o caso de /ba: bo/, com que a criança intervém na sequência da fala da mãe a respeito do 'sapato', acompanhado da acão de 'mostrar' a caixa de cotonete para a observadora, o que havia sido solicitado pela mãe anteriormente com relacão ao sapato. Portanto, apesar da crianca comecar a demonstrar suas primeiras 'habilidades' enquanto 'ouvinte e falante', isso não é 'salientado' pela mãe, sendo apenas 'marcado' de modo tênue pela observadora. Na sequência final, o 'jogo' se dará em torno da aquisicão do andar. A crianca novamente parece se apoiar na fala da mãe para desenvolver seu jogo vocal.

.....

Fala (RIT++ACE) Como a Cica não gosta de andá? (V+FOR) Vamu? (terminando o laco e ajeitando-o) Vamu mostrá? (V+SU) (A crianca vocaliza /tá.tá/tá.tá/, olhando para a câmera com as mãos abaixadas) Vamu? Como a Cica não gosta de andá? (VSU) O? (colocando a crianca em pé, no chão) O, Maria, como eu sô piguicosa? O? (A crianca não firma em pé no chão,

flexionando levemente joelhos, e deixa cair a caixa de cotonetes) An-dan-do (V+FOR) (segurando a crianca, por debaixo de seus bracos, em pé) Vamu? (erguendo e colocando novamente a crianca em pé, no chão) Vamu andá. Bem bonito. Assim. Vã pegá. (fazendo rolar a caixa de cotonetes, no chão, á frente da crianca) Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá. (RITACE, acompanhando o movimento da caixa que rola no chão) Vamu? Um, dois, feijão com arroz. (dando alguns passos com a crianca e parando em seguida) O. O pediatra falou prá não pôr ela mais no andador. (olhando para a crianca) Porque a crianca que anda de andador, só anda de ponta de pé. O? O, como ela anda. (A crianca está parada) De tanto que ela vo:a, naquele andador. (olhando para a crianca) Vamu? Um, dois, feijão com arroz. Três, quatro, feijão no prato. (A crianca está parada e a mãe olha para ela) (A crianca olha para cima e para trás, na direcão da mãe, e abre a boca) Vamu pegá a Maria, vamu pegá a Maria. (RIT+ACE) Corre, corre, corre. (RIT+ACE) Vamu pegá a Maria. (RIT+ACE) (A crianca está parada, olhando para baixo e na direcão de um brinquedo que está no chão, junto ao trocador) (A mãe dá dois passos com a crianca, que senta no chão para pegar o brinquedo junto ao trocador) O? Num qué sabê.

.....

Ainda é difícil, no final deste período, observar um 'fine tuning' ou um 'ajustamento'/'afinação' precisa entre a

atitude verbal da mãe e a atitude vocal da criança. O que parece ocorrer é que as aquisições da criança a nível motor fazem com que as ações da mãe, antes organizadas numa estrutura rigidamente hierarquizada, nas situações de cuidado, estejam, agora, diluídas pela atuação mais precisa da criança, quer nessas mesmas situações, quer no contato com o meio.

Assim, se a organização da mãe nas situações vividas com a criança, até os 6 meses, era feita a partir da hierarquização de suas ações motoras numa estrutura rígida, posteriormente, como foi demonstrado durante este período, tal hierarquização passa a ser feita de modo mais radical ao nível da ação verbal, com a fala sendo realizada em blocos de significação que vimos denominando de 'jogo verbal da mãe'. O desenvolvimento motor da criança libera a atuação da mãe a nível motor; é como se agora ela pudesse 'relaxar' com relação a esse aspecto, para 'tensionar' a fala, que fica 'presa' a 'jogos' de circularidade, donde adquire consistência. Vemos, então, que esse é um processo que se dá dentro do 'sujeito mãe', mesmo que a partir de sua relação com a criança. Por isso, talvez, fique difícil à mãe, enquanto sujeito de seu próprio processo, 'afinar-se' às especificidades vocais do processo de um 'outro sujeito', 'a criança', o que faz com que sua fala acabe adquirindo o caráter 'paralelístico' dos jogos descritos neste capítulo.

A mãe, a partir do momento em que se 'libertou' ao nível das acões, pôde resgatar a verbalizacão 'fluida' que antes as acompanhava, aprisionando-a a esquemas mais rígidos, donde posteriormente, ela poderá libertá-la. Isso parece resgatar a história contida na teoria piagetiana, não apenas para a construcão da inteligência da criança, mas para a construcão e reconstrucão do sujeito que diante de novos objetos de conhecimento tem que refazer sua 'adaptacão', comecando a nível da acão motora/corporal mais imediata. Ludmila, apesar de 'adulta' e de 'desempenhar' o papel de mãe de Michel a 1 ano e 9 meses, quando do nascimento de Cecília, teve que se 'adaptar' a algo inteiramente novo a ela: o 'papel de mãe de Cecília.'

Capítulo III

Entre o Infante Competente e o Falante

O registro dos primeiros passos de Cecília, na coleta, ocorreu a 8 de maio de 1986, na 25a. gravacão, quando ela estava com 1 ano e 25 dias. Ludmila colocou Cecília em pé, no chão, junto ao trocador, pegou um frasco de creme que estava em sua mão e ajoelhou-se a uma certa distância, em frente a ela, insistindo em que Cecília fosse até ela, pegar o frasco. Após algumas tentativas de realizar o percurso engatinhando e diante da insistência de Ludmila, Cecília finalmente caminhou até a mãe, para pegar o frasco. A partir daí, as gravacões adquiriram um caráter mais dispersivo, pois se tornou cada vez mais difícil acompanhar Cecília com a câmera. A sala de estar e a garagem passaram a fazer parte dos locais de gravacão, antes limitados ao quarto e à cozinha, e por serem maiores em espaco, serviam melhor às exigências de atuacão de Cecília, que, agora, surgiam consideravelmente ampliadas.

Com tudo isso, expandiu-se também o número de adultos e criancas que passaram a ser 'sujeitos' das gravacões e as situacões de cuidado, que antes ocupavam o espaco central das gravacões, foram substituídas quase que integralmente pelas situacões de 'brincadeira'.

Enfim, todas as aquisicões motoras acumuladas por Cecília, até agora, coordenam-se, a partir de seus 14 meses de vida, com o andar, o que faz com que ela se torne mais independente em relacão a Ludmila, e passe a demonstrar, e

até a impor, em certos momentos, suas preferências. Suas iniciativas objetivam-se e concretizam-se aos olhos dos adultos que a cercam, o que lhes dá maiores condições de realizar recortes cada vez mais precisos da atuação de Cecília, seja a nível motor e/ou vocal. Isso levará, gradativamente, a uma coordenação cada vez mais precisa entre as atitudes de Cecília e Ludmila, assim como, entre atitudes de Cecília e das pessoas que a cercam.

Com relação à fala de Ludmila, observam-se, ainda, os 'jogos' assinalados no capítulo anterior, que já convivem com a fala de 'narrador-intérprete' (interveniente ou não) das atitudes de Cecília, sendo que tal fala tende a ganhar mais espaço, em relação aos jogos, até o final do segundo ano de vida de Cecília.

Um primeiro indício desta nova atitude da mãe é registrado no início da 28a. gravação (19/06/86), em que a criança encontra-se com 1 ano, 3 meses e 3 dias.

O episódio em questão ocorre no quarto e se inicia com a criança em pé, junto ao sofá, sobre o qual há uma boneca deitada. A mãe está ajoelhada um pouco atrás da criança, olhando para ela. A criança está de costas para a câmera e para a mãe.

Como que a Cica dá pepê prá nenê. (entonacão ascendente em 'Como' e descendente no final) (A crianca olha para a câmera, segurando a chupeta na mão, junto á boca da boneca) I:sso. (puxando a blusa da crianca para baixo, para ajeitá-la) (A crianca olha para a boneca, segurando a chupeta) Dá chupetinha, dá? (A crianca coloca a chupeta na boca da boneca) A-ssim: (A crianca vira para a câmera) Faz nana nenê, agora, faz. (A crianca vira para a boneca, ficando de costas para a câmera) Nana nenê...(cantando e olhando para a crianca) A-ssim: (A crianca vira para a câmera) Pega ela no colinho, pega. (pico de entonacão ascendente em 'li') (A crianca olha para a câmera) Dá um abraco na boneca, dá? (A crianca vira para a boneca e vocaliza. Está de costas para a câmera. Não é possível ver o quê ela faz com a boneca) E: Como que a Cica cobre a boneca. (Entonacão ascendente em 'Como' e 'Cica' e descendente no final) (levantando-se e indo em direcão ao trocador) Prá nenê dormí. O? (A crianca vira na direcão da mãe) Cobre (A crianca vira para a boneca) prá nenê dormí, cobre? (trazendo uma fralda e cobrindo a boneca) A-ssim: ó. (empurrando um pouco a boneca sobre o sofá) (A crianca olha para a boneca) Ela fica quenti:nha, né? (V+SU) (sentando-se no sofá, ao lado, mas não muito próximo, donde a crianca brinca) Heim? Cica (Segmento Ininteligível) (As observadoras riem) (A crianca continua virada para a boneca e de costas para a câmera, não sendo possível ver o quê ela faz com a

boneca) (A crianca vocaliza /O.ki/, passando a mão na boneca e virando, em seguida, para trás, olhando para a câmera. Vira para a mãe e bate a palma da mão direita sobre a palma da mão esquerda, sorrindo, olhando para a câmera e para baixo) A:: (com dois picos de entonacão ascendente) Faz, cai, cai, balão... (RITACE, cantando em 'cai, cai, balão') Cai, cai, balão...(cantando) Aqui na minha mão...(VSU, cantando) (olhando para a crianca e sorrindo) (A mãe diz algo em russo e canta em russo, em seguida) (A crianca bate o indicador direito na palma da mão esquerda. No final da musiquinha, abre a boca num amplo sorriso e foge da mãe, que estende o braco para pegá-la. Vai em direcão à câmera) (A observadora com a câmera ri e diz: Você me atrope:la) (A mãe levanta-se e pega a crianca, trazendo-a para trás e dizendo:) Ela corre, né? Porque a mamãe faz có:cega. (rindo) (A crianca continua batendo indicador direito na palma da mão esquerda, olhando para a câmera) (A mãe reinicia a música em russo quando ouve-se um estouro forte que vem da rua) (A crianca vocaliza e corre em direcão à câmera, parando em frente a ela) (A observadora, que manipula a câmera, diz: 'Oi' estendendo sua mão em direcão ao rosto da crianca, que volta á boneca sobre o sofá) (A mãe olha para ela, sorrindo, e diz:) I: Ela tá sem pepê, a bone:ca. (A crianca olha para trás, para a câmera e vocaliza /ke/) (A mãe, que estava sentada no sofá, levanta-se e diz

para a observadora com a câmera:) Vem prá cá, vem. (A gravação é cortada)

.....

O texto da fala da mãe aparece, agora, apenas levemente 'pontuado' pelos 'jogos verbais' que antes o constituíam quase que integralmente. Tal texto já não demonstra o caráter circular e paralelístico observado anteriormente. A situação gira em torno do 'brincar de boneca' e a mãe dá 'ordens' ou 'sugestões' diferentes á criança, a cada momento, numa fala ritualística 'daquilo que seria o brincar de boneca' ('Como que a Cica dá pepê prá nenê.'... 'Dá chupetinha, dá?'... 'Faz nana nenê, agora, faz.'... 'Pega ela no colinho, pega.'... 'Dá um abraço na boneca, dá?'... 'Como que a Cica cobre a boneca. Prá nenê dormí.'... 'Cobre, prá nenê dormí, cobre?'... 'Ela fica quenti:nha, né?'... 'I: Ela tá sem pepê, a bone:ca.'). Assim, observam-se enunciados iniciados por diferentes verbos de ação no imperativo, além de uma fórmula que será bastante utilizada neste período, a qual seja: 'Como que a Cica + (verbo de ação) + (elemento/objeto que sofre a ação)', que dá origem a enunciados mais longos.

A cada gravação, a mãe parece querer mostrar as mais recentes aquisições da criança, não apenas a nível motor, mas também vocal, e posteriormente, mais próximo ao final do

período abrangido por este capítulo, a nível verbal, sendo que a atenção da mãe para as vocalizações/verbalizações da criança sofre um aumento gradual, o qual parece ter sido determinado pelas produções, pela criança, de sílabas repetidas relacionadas, agora, a seu contexto de uso, o que faz com que as mesmas adquiram sentido, aos 'ouvidos' dos participantes adultos. Também é possível atribuir à mãe, nesse momento, um papel de caráter 'pedagógico', que se sobressai não apenas em sua fala, mas em suas atitudes com a criança, de uma forma mais abrangente. A seguir, na mesma gravação, é registrado um episódio que exemplica este aspecto. Observe-se que o episódio é extremamente extenso, mas optou-se por transcrevê-lo na íntegra porque a repetitividade das ações da criança e da mãe evidencia claramente a 'intenção' pedagógica dessa.

(A mãe está sentada na beirada do sofá, com uma boneca na mão e a criança, que estava agachada no chão, ao lado dela, segura em suas pernas para levantar-se. Dirige-se, então, a um saco de brinquedos que pende da parede a seu lado. Enquanto a criança se levanta, a mãe abraça a boneca e diz:) O a nenezinha. (RITACE) (mostrando, em seguida, a boneca para a criança) A mamãe vai fazê cari:nho. (abraçando a boneca e dando-lhe tapinhas nas costas) Capuru: (V+AG) (A criança pega uma panelinha de dentro do saco de brinquedos, olha-a e joga-a no chão, próximo ao sofá) (A mãe levanta-se,

vai até uma pequena estante com brinquedos, do outro lado do sofá, e volta, trazendo uma tartaruga que tem o casco 'furado' por várias formas geométricas, que nele se encaixam, caindo dentro do corpo da tartaruga) (A criança, que tinha pegado mais um brinquedinho de dentro do saco, balanca-o em uma das mãos e joga-o no chão) (A mãe senta-se no chão e coloca a tartaruga sobre o sofá, dizendo:) O a tartaruga. (A criança aproxima-se) O? (abrindo o casco da tartaruga e tirando as pecas de encaixe de dentro dele) (A criança pega uma peca e tenta encaixá-la no buraco mais central e acima do casco da tartaruga) (A mãe inclina a tartaruga e aponta com o dedo o buraco correto, dizendo:) Esse aqui, ó. Esse aqui. (Pega o braco da criança, que vocaliza um tipo de fricção posterior entremeado por um som de qualidade vocálica) (Segurando o braco da criança, a mãe coloca a peca sobre o encaixe correspondente, solta o braco da criança e diz:) Vai (entonacão ascendente) (O telefone toca e a mãe levanta-se, dizendo: 'Deixa eu ir lá.', saindo do quarto) (Enquanto isso, a criança pega duas pecas e tenta encaixá-las no buraco mais central e acima do casco da tartaruga, conseguindo fazê-lo em relacão a uma das pecas e vocalizando algo semelahnte a /ai:/. Pega uma meia de boneca que está no chão e encaixa no mesmo buraco. Abre o casco da tartaruga, pega outra peca e tenta encaixá-la, sempre no mesmo buraco. Quando não consegue, ou abandona a peca ao lado da tartaruga , ou a manipula, por alguns instantes, olhando

para ela e tentando novamente encaixá-la em seguida) (A mãe volta á cena) (A crianca tentava encaixar uma peca que não correspondia ao buraco de cima do casco) (A mãe pega a mão da crianca, com a peca) (A crianca vocaliza um som posterior e um pouco gritado) Esse não entraquí. (VBX) Esse entraquí, ó. (colocando a mão da crianca diante do buraco correspondente àquela peca) (A crianca encaixa e a peca cai) I: sso. Tó o quadradinho, tó? (A crianca pega-o e vai direto encaixá-lo em cima, vocalizando som posterior, com a boca fechada) (A mãe gira a tartaruga, dizendo:) Onde é que é? (RITACE) (e aponta o buraco correto, dizendo:) Esse aqui, ó? (Pega a mão da crianca que está sobre o buraco de cima e coloca-a sobre o buraco correto, dizendo:) Esse aqui, ó? (Solta a mão da crianca. A peca cai e a crianca pega-a, vocaliza /a/ posterior e tenta encaixá-la no buraco de cima) Aqui (entonacão ascendente em ´A´ e descendente no restante) (apontando o buraco correto) (A peca cai, enquanto a mãe diz:) Num é tudo em cima, Cica. (V+FOR) (Pega a peca e coloca-a sobre o buraco correto, dizendo:) E aqui, ó. Esse aqui. (Pondo e tirando a peca do buraco) (A crianca olha para a mão da mãe e para a câmera e vocaliza /e/ gritado. Pega a peca que a mãe lhe oferece e tenta encaixá-la no buraco de cima, vocalizando /e/ gritado) E (rindo) (olha para a câmera e, em seguida, para a crianca, dizendo:) Eu num sô teimosa. Imagina. (entonacão ascendente em ´gi´) (pegando junto com sua fala a mão da crianca, colocando-a

sobre o buraco certo e dizendo:) Aqui, ó. (A criança encaixa e a mãe diz:) E:: O aqui a flor. (colocando a peca sobre seu respectivo encaixe, segurando-a e dizendo:) E aqui, ó. (criança empurra e a peca não cai) Empurra. (V+AG, com entonacão ascendente em 'pu') (A criança empurra novamente e a peca cai) E:: (VAG) (A criança abre o casco da tartaruga, pega uma peca e tenta encaixá-la no buraco de cima. Olha para a câmera e vocaliza /a/, seguido de leve oclusão posterior) (A mãe pega sua mão, gira a tartaruga e coloca a peca sobre seu respectivo buraco) (A criança encaixa-a. Abaixa-se, pega uma peca no chão e vai direto tentar encaixá-la no buraco de cima. Como não consegue, tira a peca de sobre o buraco, olha para ela, passa-a para a outra mão e tenta novamente encaixá-la no buraco acima do casco. Em meio a isso, a mãe gira a tartaruga, aponta o buraco correto e coloca a mão da criança sobre ele. A criança tira a mão e a mãe segura a peca parcialmente encaixada no buraco) Empurra. (olhando para a criança e sorrindo) (A criança vocaliza /u/ nasal, com a boca fechada, e empurra a peca. Pega a tartaruga, abre um pouco o casco, e vocaliza /a/ gritado, olhando para a mãe) Abre. Não precisa gritá. (V+FOR) Pede: Mamãe, abre. (A criança abre o casco da tartaruga, pega duas pecas, vocaliza /a: p/ e bate uma peca contra a outra) Tira todos. ó.(abrindo o casco, tirando as pecas que estavam dentro dele e colocando-as ao lado da tartaruga) (A criança tenta encaixar a peca, que segura em sua mão direita, no buraco de cima) (A

mãe tira a peca de sua mão e lhe oferece outra, dizendo:) Põe essa aqui em cima. Já que você quer pôr em cima. Tó? (A crianca pega a peca e encaixa-a) (A mãe vira para a observadora que assiste e diz:) E que esse ela acerta sempre. (SOR) Então, tudo ela qué pôr em cima. (sorrindo e olhando para a câmera) (Enquanto isso, a crianca tentava encaixar outra peca, sempre no mesmo buraco) (A mãe volta-se para ela) (A crianca vocaliza /aw/ gritado, olhando para a mãe, tentando encaixar a peca) (A mãe pega sua mão e diz:) Aqui, ó. (Gira a tartaruga e diz:) Esse a-qui: (colocando a mão da crianca com a peca, sobre o buraco correspondente) (A crianca encaixa, mas a peca não cai e ela pega outra peca) Empu:rra (A crianca empurra com a mão que está livre e a mãe segura a tartaruga, dizendo:) For:ca. I:sso. (A crianca imediatamente em seguida, coloca a peca que segurava na outra mão, sobre o buraco de cima e a mãe, também em seguida à atitude da crianca, segura sua mão e gira a tartaruga, dizendo:) Esse aqui: (colocando a mão da crianca sobre o buraco correpondente á peca que ela segura) (A crianca encaixa e a mãe diz:) I:sso. (Pega uma peca e coloca na frente da crianca, dizendo:) Tó o quadrado. (A crianca pega-o, enquanto a mãe gira a tartaruga, dizendo:) A:qui. O (apontando o buraco correto) (A crianca que manipula a peca, olhando para ela, tenta encaixá-la no buraco de cima, vocalizando /ai/ gritado) (A mãe pega a mão da crianca e encaixa a peca no seu devido lugar) (A crianca abre o casco

da tartaruga, pega uma peca e tenta encaixá-la em cima.) (A mãe, que olhava, diz:) Não. O quadradinho não é aí, Cica. E aqui, ó. (apontando o buraco correto) (A crianca continua tentando encaixá-lo em cima e a mãe pega sua mão e coloca-a sobre o lugar correspondente, soltando-a em seguida) (A crianca encaixa e a peca cai) (A crianca se abaixa, pega uma penelinha, que estava no chão, junto ao sofá, e coloca-a sobre o buraco de cima da tartaruga e, em seguida, sobre seu rosto) Cadê a Cica? (VSU) U-u: (V+FOR E AG) (A crianca descobre seu rosto, vocalizando /a:/ baixo e aspirado, com a boca bem aberta e a língua no assoalho da boca) A-chô: (A crianca cobre novamente o rosto com a panelinha e a mãe pergunta:) Cadê a Cica? (SOR e VAG) Ci-ca: (A crianca descobre o rosto e grita, olhando para a mãe) U-u: (SOR, EST e VAG) (A crianca cobre novamente o rosto) Cadê a Cecília? (V+AGR e BX) A? Foi embo:ra. A Cica foi embo:ra e dexô a gen:te. Ci-ca: (A crianca abaixa a panelinha, descobrindo o rosto, olhando para a mãe e sorrindo) Vem cá. (RITACE) A:: (aproximando mais seu rosto da crianca) Chegô:: (A crianca coloca a panelinha sobre o rosto, olhando para a càmera) U-u: (V++AG) (A crianca passa a panela sobre sua cabeca, deixando-a cair para trás. Pega a tartaruga pelo casco, levanta-a um pouco e coloca-a novamente sobre o sofá, vocalizando /a/ gritado) Pede. Mamãe, abre. (V+FOR) (A crianca vocaliza /tE/, mexendo na tartaruga e, em seguida, /E/ gritado, olhando para a mãe) Abre. Num pissá gritá.

(olhando para a crianca. Abre o casco da tartaruga) (A crianca pega uma peca, fecha o casco da tartaruga e tenta encaixar a peca no buraco de cima) (A mãe olha para a observadora que assiste à gravacão, sorri e diz algo que não dá para entender. A observadora ri. A mãe vira-se para a crianca e girando a tartaruga, diz:) A flor. (VFOR) O onde é a flor. E aqui. (V+AG) (apontando o lugar de encaixe da flor) (A crianca coloca a peca sobre seus olhos, virada para a mãe) (A mãe faz uma espécie de 'binóculo' com as duas mãos, olhando para a crianca e dizendo:) Ci-ca: (abaixando as mãos em seguida e dizendo algo que não dá para entender) (Enquanto isso, a crianca tira a peca de frente de seu rosto e tenta encaixá-la no buraco de cima da tartaruga, abandonando-a ao lado desta, depois de não conseguir) (Enquanto isso, a mãe virou para a observadora que assitia à gravacão e disse:) E o Michel que mostra a língua prá ela e ela mostra prá ele. (A observadora ri) (A crianca segura a tartaruga um pouco levantada, a mãe vira-se para ela e abaixa a tartaruga sobre o sofá) (A crianca vocaliza /aw/ gritado, olhando para a mãe, enquanto esta, por sua vez, diz:) Né? Cica. Eu falei (RITACE) tão piquininha e tão mal educada, né? . Cica. (abrindo o casco da tartaruga e tirando uma peca) (A crianca abre a boca, olhando para a mãe, pega a meia da boneca que estava dentro da tartaruga e põe na boca) Nã, nã, nã, nã, nã. (balancando a cabeca para os lados e fechando o casco da tartaruga) (A criança joga a meia

dentro da tartaruga, pelo buraco de cima do casco. Pega uma peca e tenta encaixar no mesmo buraco) (A mãe aponta o lugar de encaixe daquela peca, dizendo:) Aqui, aqui, aqui, aqui. (RITACE e V++SU) (A crianca olha para a câmera e continua tentando encaixar a peca, vocalizando /tE/) Aqui, ó. (VSU) (apontando o lugar correto de encaixe. Gira a tartaruga, deixando o lugar de encaixe em frente à crianca e aponta-o, novamente, dizendo:) Aqui, ó. (VSU) (Pega a mão da crianca e coloca-a sobre o buraco, dizendo:) Aqui, ó. (V++SU) (A crianca pega outra peca e tenta encaixá-la no buraco de cima do casco) (A mãe gira a tartaruga e mostra o local correto de encaixe da peca, colocando o indicador dentro dele e dizendo:) Esse aqui, ó. (A crianca não olha para o que a mãe faz) (A mãe toca a mão da crianca com o dedo, várias vezes, e diz:) Ps: iu? (V++SU) Aqui, ó. (V++SU) (apontando o local correto de encaixe) (A crianca olhou para o dedo da mãe tocando em sua mão e em seguida, olhou para a câmera) Cordô? (V++FOR) (A crianca voltou a olhar para a peca, que segurava sobre o buraco de cima do casco da tartaruga) (A mãe pega sua mão, coloca-a sobre o lugar de encaixe da peca, dizendo:) Aqui, ó. (VSU) (A crianca olha para ela e vocaliza quase gritado: /õi,oi,aw/) E: Aqui? (balancando a mão da crianca, com a peca, sobre o lugar correto de encaixe, olhando para ela) Presta atencão, Ofélia. (A crianca olha fixamente para a mãe, que ainda segura sua mão, balancando-a sobre o lugar de encaixe) (A mãe faz gesto em frente ao

rosto da criança, com a mão que está livre, como que para chamá-la de volta) (A criança, olhando para a mãe, abre um pouco a boca, esbocando um sorriso) (A mãe solta a mão da criança e a peça cai) (A criança olha para a peça que cai. Parece que só nesse momento ela 'acordou'. Pega a peça e tenta encaixá-la novamente sobre o buraco de cima da tartaruga) O. Ofélia. (empurrando a tartaruga na direção da criança, que, não conseguindo encaixar a peça, olha para a mãe e vocaliza /iawaw/) E: ? (A criança olha para trás e volta a olhar para frente, abandona a peça que tinha na mão e pega outra que estava próxima ao lugar em que ela abandonou a anterior) Cadê o au-au? (VFOR) Chama o au-au. (VFOR) (A criança olha para a mãe, segurando a peça com as duas mãos e vocaliza /dʲiáw.dá:/) U au-au: (V+AG) Vem aqui que eu quero te vê: (A criança, olhando para a mãe e segurando a peça na mão direita, vocaliza /to.aw/) Chama o au-au. (entonação ascendente no primeiro 'au' e descendente no final) Fala, eu já cordei: (fazendo gesto com a mão) (V+AG) U au-au: (enquanto a criança olha ao redor, tentando encaixar a peça no buraco de cima e vocalizando /kEuáw.aw/tOk/) (A mãe olha para a observadora que assiste e sorri) Fala, u au-au: (VAG) (fazendo gesto com a mão) (A criança segura a peça junto á boca, alternando o olhar entre a mãe e a observadora que assiste) Vem cá, u au-au. (VAG) (A criança vocaliza /ko/, com a peça junto á boca) Né: ? (A criança tenta encaixar a peça no buraco de cima do casco da

tartaruga e em seguida, vai na direcão da mãe, segurando a peca, vocalizando e ficando de costas para a câmera. Põe novamente a peca no buraco de cima do casco) Esse aqui, ó. (Pegando a mão da crianca e segurando-a sobre o o respectivo lugar de encaixe daquela peca) (A crianca finaliza o encaixe da peca) Pron:to. (A câmera se movimenta mais para a direita de ambas) (A crianca levanta a tartaruga, segurando-a por um dos buracos do casco, olhando para a mãe e vocalizando algo semelhante e /E/, prolongado e gritado) Pede. (VFOR) Mamãe, abre. (V+FOR) (A mãe abre o casco e a crianca pega a meia da boneca) Vamu pôr a meia no dedo? Vamu pôr a meia no dedo? (V+BX) (pegando a mão da crianca e tirando-lhe a meia) Aqui. (abrindo a meia) Cadê o dedo aqui. (RITACE e VSU, entonacão ascendente no início e descendente no final) (pegando o dedo da crianca e vestindo a meia nele) O:lha, Mari:a. Meu dedo de mei:a. (balancando o braco da crianca estendido, na direcão da câmera. Beija a crianca) O, meu dedo de mei:a. (V++AG) (olhando para a crianca, que tira a meia do dedo, e sorrindo) (A crianca coloca a meia no buraco de cima da tartaruga) (A situacão se dispersa, com a mãe perguntando 'Vamu mamá?', mas continua por mais alguns instantes , até que a crianca vai em direcão â câmera, acenando)

.....

O episódio, embora bastante extenso, é eficaz para mostrar como a crianca e a mãe, apesar de aparentemente envolvidas

num mesmo 'jogo' ou 'brincadeira', podem ter 'interesses' que, por diferirem, não lhes permite considerar reciprocamente o verdadeiro 'interesse' uma da outra, para, desse modo, integrarem-se numa acão 'afinada'. A crianca, por um lado, insistindo em encaixar, tudo que pega, sempre no mesmo lugar, desconsiderando as outras possibilidades de encaixe, talvez porque o 'buraco mais central e acima do casco da tartaruga' lhe seja perceptualmente mais 'saliente'. A mãe, de outro lado, numa atitude 'pedagógica', tentando fazer com que a crianca realize o encaixe das pecas do modo 'esperado' ou 'correto', desconsiderando a real 'possibilidade', nesse momento, de ela executar corretamente o encaixe, e demonstrando até uma certa 'irritacão' quando a crianca apresenta vocalizacões 'gritadas', ao pegar a tartaruga. Tais vocalizacões são interpretadas como: 'Pede. Mamãe, abre.', quando é registrado um aumento significativo da intensidade de voz da mãe. Entretanto ,é difícil afirmar qual seja o verdadeiro interesse da crianca na ocasião dessas vocalizacões, uma vez que observamos momentos em que a associacão da vocalizacão com a atitude motora, faz parte de 'seu jogo'. Nota-se ainda, momentos em que a mãe 'explica o quê' e/ou 'como' fazer, falando/demonstrando para a crianca, que não olha para ela. Mesmo quando a atencão da mãe e da crianca convergiram, dando origem aos jogos que 'pontuaram' o episódio, depois de alguns instantes, tais jogos foram interrompidos, não por um acordo comum, mas pelo

predomínio do interesse de uma das partes, no caso, a criança.

A falta de convergência dos interesses e/ou da atenção da mãe e da criança, em muitos momentos, não apenas desse episódio, mas de um modo geral, mesmo em situações em que, como dissemos, aparentemente, elas realizam algo 'juntas', pode ser em grande parte explicativa da dificuldade de se atribuir aos termos 'sintonia' ou 'partilha' uma propriedade que lhes permita garantir o estatuto de objeto privilegiado da interação, enquanto 'pressupostos' dessa. Não se pode negar que mãe e criança se relacionem. O que se faz necessário é apontar para os diferentes graus de coordenação entre as atuações de ambas, durante o momento de relacionamento.

Para isso, parece ter sido fundamental a coleta em vídeo, que permitiu a captação do contexto amplo em que o par mãe-criança está inserido, quando se relaciona. A amplitude do contexto aliada, agora, à ampliação dos recursos da criança, gera momentos de maior dispersão, até porque, as atitudes da criança se destacam por uma maior especificidade e intencionalidade.

Voltando ao que foi colocado no início deste capítulo, com relação às características da fala da mãe, neste período, observamos que em meio aos jogos que pontuam o episódio e

nos quais ela faz a trilha sonora, aparecem em sua fala enunciados que antes não faziam parte de tais jogos, os quais são formados por oracões coordenadas e subordinadas (Cadê a Cica?...A-chô:...Cadê a Cica? Ci-ca:...U-u:...Cadê a Cecília? A? Foi embo:ra. A Cica foi embo:ra e dexô a gen:te. Ci-ca:.../...Cadê o au-au? Chama o au-au...U au-au: Vem aqui que eu quero te vê:...Chama o au-au...). Parece haver um 'recorte' mais atento às vocalizacões da crianca que já constituem as primeiras palavras com significado, sendo que ainda se observam vocalizacões respondidas pelos enunciados gerais e estereotípicos, descritos anteriormente.

Nas gravacões seguintes, observa-se o início, ainda um pouco tímido, de uma coordenacão mais fina de atitudes entre a mãe e crianca.

(29a. gravacão - 24/07/86 - A crianca está com 1 ano. 3 meses e 11 dias.)

Final da situacão de alimentacão. A crianca está sentada no bebê conforto, segurando um danoninho em uma das mãos. A mãe deu-lhe água, segurando o copo para ela, e quando tirou o copo, a crianca fez uma espécie de tosse misturada com engasgo, bem posterior, duas vezes, seguida por um tipo de sopro que ela realizou também duas vezes em seguida. A mãe aproxima novamente o copo do rosto da crianca e diz: 'Qué?' (V+BX). A crianca vira o rosto e vocaliza: /kã/. A

observadora ri, enquanto a crianca continua vocalizando /kã.kE/, quando o seu '/kE/' coincide com o de Neusa, que está à sua direita e mais atrás. A crianca vira a cabeca na direcão de Neusa e vocaliza algo entre /te/ e /tE/, agudizado e prolongado. Neusa diz novamente: 'Qué?' (aspirado e um pouco baixo), e a crianca estende o braco com o danoninho em sua direcão e vocaliza: /k-tE.k-tE/, ao que Neusa responde 'Não.' (aspirado e baixo). A crianca vira a cabeca e olha para baixo, para o rótulo do danoninho, enquanto a mãe retira-lhe o babador e abre o cinto do bebê conforto. Em seguida, a mãe coloca a crianca em pé, sobre a mesa, dizendo: 'O: pá.', e segura-a nessa posicão. A crianca, com o danoninho na boca, vocaliza: /a::i/, olhando para a câmera que está em frente a ela. A mãe tira-lhe o danoninho da mão e a observadora diz: 'Tchau, Cecília.' A mãe, olhando para a crianca, diz: 'Dá tchau, dá?' e beija a crianca. A crianca, olhando fixamente para a câmera, articula, sem som, algo semelhante a /tá/, abrindo bem a boca. Neusa diz: 'Tchau:', a observadora diz: 'Tchau:' e a mãe diz: 'Fala tchau prá Maria.' A crianca vocaliza: /dE:.dá/, olhando para a câmera, sorrindo e balancando o corpo, junto com a vocalizacão, abracada à mãe. A observadora diz: 'Tchau?'. A mãe diz: 'Chama o Marcelo. Cadê o Marcelo. (entonacão ascendente no início e descendente no final) (Enquanto a mãe fala, na rua, passa uma moto, cujo barulho do motor quase encobre a fala da mãe) A crianca vira para trás, na direcão

da porta, e vocaliza: /da.da:/, agudizado. A mãe olha para a câmera e, sorrindo, diz: 'O. Peraí. Dexa passá a moto. Cadê o Marcelo?'. A criança, olhando para a câmera e dobrando a cabeça para a esquerda, vocaliza /ái/, posterior. A mãe diz: 'Marce:lo' (V+AG). Chama o Marcelo?', olhando para a criança. Esta, por sua vez, vocaliza /ke.ki.kã.kã/. A mãe olha para a câmera e sorri, pegando a criança no colo. Volta a olhar para a criança e diz: 'E a Babu. (entonação ascendente no início e descendente no final) Chama a Babu. Ba-bu: (V+AG) Chama? Cadê a Babu?'. A criança olha para a direita e vocaliza /pã.pã/, com a boca quase fechada, apontando naquela direção. A mãe diz: 'E a Neusa.' (entonação ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes). A criança olha mais para a direita e para trás, onde Neusa está. A mãe diz: 'Neu:sa.' A criança aponta novamente na direção dos armários, à direita e um pouco mais à frente de onde Neusa está, e vocaliza /tãk/kã.kã/. A observadora ri, enquanto a mãe olha para a câmera sorrindo e fazendo som nasal, franzindo o nariz, dizendo em seguida: 'Agora ela fala (com o /f/ nasalizado) no telefone. Agora, assim (RITACE), (seguido de três sílabas nasalizadas, franzindo o nariz)'. A criança olha para a Neusa e vira para a frente. Cadê o Michel. Fala pro Michel: Não faz barulho. (VFOR, marcando a sílaba tônica dos sintagmas nominais, com entonação ascendente) (fazendo gesto com o indicador esquerdo para cima e para baixo) Fala pro Michel (súplica)'.

balancando a crianca em seu colo. A crianca, olhando para a câmera, vocaliza /ka/, aspirado, mexendo com o indicador estendido, para frente e para baixo. A mãe diz: 'Fica quieto. (VSU e RITACE)'. A crianca vira para trás e abraca a mãe. (Final da situacão)

.....

A crescente atencão da mãe para as vocalizacões da crianca aparece, neste episódio, nos momentos em que, após a crianca ter vocalizado, a mãe olha para a câmera sorrindo, ou propõe os jogos de chamar o 'Marcelo' (tio da crianca) e a 'Babu' e de falar ao telefone, parece que na tentativa de mostrar uma recente aquisicão da crianca. A mãe também demonstra sua atencão em relacão às vocalizacões da crianca quando repete tais vocalizacões ou tracos das mesmas (silabacão e nasalizacão), numa atitude de 'imitacão' em relacão à crianca. E interessante notar ainda que, as vocalizacões da crianca associadas aos jogos de chamar e de falar ao telefone apresentam em comum a nasalidade e sílabas em torno do fonema /k/.

Na situacão seguinte, nessa mesma gravacão, a mãe está sentada no sofá da sala, com a crianca em seu colo, e esta, segurando o fone junto à sua orelha direita. A mãe está com a mão direita junto à sua orelha direita. A sequência de fala e vocalizacões, entre as duas, é a seguinte:

Alô? Quem tá falando. (entonacão ascendente no início e descendente no final) E a Cica? (VAG) Fala. alô. (VSU) (tocando com o dedo a barriga da crianca)

/kã.kã.kã.kã/ (virando para a câmera, em frente a elas)

Cã. cã. cã. cã. (exagerando a nasalizacão e olhando para a câmera) Fala prá Babu. Babu: Vem aqui: (olhando para a crianca) Fala? Fala no telefone. (V+BX) (segurando o fone junto com a crianca, que olha fixamente para a câmera) Ba-bu: E o Díada? ('Díada' é a forma em russo utilizada para fazer referência ao 'avô') Tá bom:? (olhando para a crianca)

/kã: kã.kã.gã/ (mexendo os olhos e batendo no fone, sorrindo e mexendo pé no final)

Vem aqui: (VAG) (olhando para a criança) Fala, eu comi um prato de sopa. (picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos sintagmas nominais)

(A crianca olha fixamente para a janela e escutam-se os gritos de Michel, que brinca com Fernandinho, no quarto de Cecília, acima da sala)

Fala, o Michel tá bonzinho comigo. (picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos sintagmas nominais) Fala? (este último com VSU) (com meneio de cabeca)

/kã.kã.kã.gã/ (olhando na direcão da janela)

E: (olhando para a câmera e voltando a olhar para a criança, olha para a câmera) Fala, assim. A Maria tá filman:do. Eu e a mamãe:

(A criança faz uma sequência de vogais orais e nasais, que terminam em algo próximo a /kã/, olhando para a janela, para a câmera e para a frente)

E: (olhando para a câmera e sorrindo) Fala, o Michel tá lá em cima. Co´ Fernan:do. (olhando para a criança, que olha fixamente para a câmera, e fazendo gesto de 'vai apanhar' com a mão direita) (pausa breve) Fala prá Babu, fala? (segurando o fone e olhando para a criança)

/ã: kã.kã.kã/ (seguido de mais duas articulações sem som) (olhando para a câmera)

(A mãe olha para a câmera, sorrindo, e volta a olhar para a criança.)

(A criança olha para a mãe, abrindo bem a boca e fazendo um som semelhante a /aE/ aspirado, com a língua para fora, passando o fone sobre ela)

E: (olhando para a criança)

(A criança repete a vocalização anterior)

Fala (pegando o fone) Eu ganhei um cachorrinho. (picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes) Um au-au. (RITACE e VAG) Fala, prá Babu, que cê ganhou um au-au, fala? (VAGR) (colocando o fone junto à orelha da crianca)

/awa(ent. asce.)/babobã/ixk.kã (S.I.) (olhando para a frente e para a câmera e, no final, olhando para sua perna direita, que balanca amplamente)

Fala (olhando para a câmera) Eu ganhei uma bonequinha, qui, qui chupa chupeta. (olhando para a crianca) (picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes) Conta prá Babu. (soltando o fone, que a crianca pega com as duas mãos, olhando para a janela, colocando, em seguida, o fone junto à boca)

Isso. Fala. Ba-bu: Eu ganhei uma bonequinha que chupa chupeta. (picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes do enunciado) Conta.

(A crianca vocaliza com o dedo na boca)

E:

(A crianca passa o fone na orelha direita, olha para baixo e vocaliza, onde se percebe um /ba/ aspirado no final, com a palma da mão esquerda virada para cima, próxima a seu rosto, estica o braco, segurando o fone na direcão do telefone e

traz o fone de volta, junto a seu corpo, enquanto a mãe diz: 'Conversou? Agora fala tchau prá Babu. (VFOR)', pegando o fone. Junto com a fala da mãe a criança vocaliza /ta/, bem baixo, com a boca bem aberta, olhando para a câmera)

Fala (colocando o fone novamente sobre a orelha direita da criança, que também o segura) Tchau, Babu. (amarrando o tênis da criança)

/ta/ (olhando para a câmera)

Tchau. (A observadora diz: Tchau.) Manda beijo prá Babu.

(A criança põe o fone junto à boca)

Hum: (e em seguida, faz um beijo) Que gosto: so. (A criança manipula o fone, olhando para ele) Vamu desligá? (VAG)

(A criança vocaliza som semelhante a /ã:a/, olhando para o fone que manipula)

Chama a Aglael. Aglael:: (dois picos de entonação ascendente no final) (colocando o fone junto à orelha direita da criança e segurando-o junto com ela, que olha fixamente para a câmera) Cadê o Mauro?, Aglael. (A criança olha fixamente para a câmera) Pergunta prá Glael. Cadê o Mauro? (V+BX) (mexendo com o fone na orelha da criança)

/iE.ia/

Fala, cadê o Mauro? (enfático)

(A criança olha para o fone que manipula à sua frente e para a mãe. Esta olha para a criança, para a câmera, sorrindo, e novamente para a criança, e coloca o fone no gancho, dizendo:) Vem cá. Cadê? Cadê? Cadê a nenê da Cica. (entonação ascendente no início e descendente no final) (colocando a criança no chão) (Final da situação)

.....

No episódio acima, observamos diferentes graus de coordenação entre a mãe e a criança, sendo que começam a conviver momentos de coordenação entre as duas, a nível vocal/verbal, junto com momentos em que a mãe ainda coordena sua fala, não diretamente à atuação da criança, mas a aspectos mais globais da situação de falar ao telefone.

Apesar de, inicialmente, a mãe ter 'imitado' à criança, parece que a 'imitação' não é uma atitude característica marcante de seu 'estilo' nesse momento. Na sequência, a criança continua vocalizando em torno da mesma estrutura que a mãe 'imitou', mas a fala da mãe parece fazer a 'trilha sonora' da situação de 'falar ao telefone', na qual diferentes 'temas' são desenvolvidos, a partir de critérios pertinentes à mãe. Nas ocasiões em que a criança realiza vocalizações mais 'frouxas', a mãe recorre novamente ao 'E:', que pertence à categoria do que vimos designando por

enunciados gerais e estereotípicos. Poder-se-ia argumentar que a mãe exerce algum tipo de 'imitacão' da crianca a nível suprassegmental quando acentua as sílabas tônicas dos constituintes de seus enunciados, a partir de um aumento de tom das mesmas, o que daria um caráter de silabacão á sua fala, que por sua vez, corresponderia a uma característica das vocalizacões da crianca. Entretanto, essa atitude da mãe vem sendo registrada e apontada como uma das características suprassegmentais de sua fala desde o início da descricão feita neste trabalho. Poder-se-ia dizer, ainda, que a mãe 'imita' a crianca quando em sequência á vocalizacão da mesma, cujo conteúdo é /babo.bã/, a mãe desenvolve em sua fala uma tematizacão em torno de 'bonequinha'. Porém, o tema da mãe parece ser os 'brinquedos' que ela trouxe de presente para crianca, de uma viagem recente, dentre os quais estão o cachorrinho e a bonequinha que tem uma chupetinha.

Assim, parece que a mãe ainda recorre á amplitude de elementos de que pôde se valer até agora para desenvolver suas tematizacões, já que as atitudes vocais da crianca ainda não apresentam a explicitacão suficiente para uma coordenacão harmônica da mãe em relacão às mesmas. O que parece ocorrer é a 'imitacão', a nível vocal, da crianca em relacão á fala da mãe, quando a crianca vocaliza /awa/babo.bã/, por exemplo. A 'imitacão' é um dos processos de que a mãe e a crianca podem se utilizar, a cada momento,

e que no caso de Ludmila e Cecília, ganha maior espaço a partir da metade do período abrangido por esse capítulo, ou seja, por volta dos 18 meses.

Ainda com relação à fala da mãe, ela assemelha-se à fala do 'narrador' que 'ritualiza' a situação de falar ao telefone para a criança. Apresenta enunciados mais longos e de maior complexidade a nível gramatical, o que se constituirá numa das características desta última fase por nós observada.

Na gravação seguinte, (30a. gravação - 05/08/86), a mãe novamente propõe que vejamos a criança falar ao telefone, na mesma atitude de querer mostrar a 'nova aquisição' da criança. É interessante notar que, no momento em que a mãe propõe à criança que elas telefonem para o pai, como um meio de mostrar o desempenho da criança ao telefone, esta encontra-se atenta a algo que vê na rua, através do portão da garagem e, portanto, a fala da mãe aparece desconectada da atitude da criança. Vale ressaltar ainda que, a mãe transporta para a situação de falar ao telefone, o tema de telefonar para o pai, sugerido como pretexto para a situação, e que não se coordenava com o interesse da criança. Assim, no momento inicial da situação do telefone, a criança não vocaliza, parecendo mais interessada em 'manipular' o fone, o que contraria o interesse da mãe. Depois de algum tempo, entretanto, a criança entra no jogo da mãe, passando a integrá-lo, quando se observa, por alguns

instantes, a coordenação das atitudes vocais e motoras de ambas.

A criança encontra-se com 1 ano, 3 meses e 24 dias. Na garagem, a criança, junto ao portão, vocaliza, olhando para a rua. A mãe, sentada ao lado dela, observa-a e, depois de alguns instantes, vira para a câmera e, sorrindo, diz: 'Ai, qué pegá ela no telefone, Aglael?' A observadora responde que sim. A mãe dirige-se para a criança, que continua olhando para a rua, e diz: 'Vamu falá pro papai que o caminhão tá fazendo barulho?', referindo-se ao caminhão de uma construção próxima á casa. A criança olha para a mãe e volta a olhar para a rua, segurando nas grades do portão e balancando o corpo para frente e para trás. 'Vamu telefoná pro papai, prá falá que o caminhão tá fazendo barulho? Vamu lá, telefoná pro papai.', estendendo a mão na direção da criança, que segura nas grades do portão, olhando para a rua. 'Vem cá, vem.', recolhendo a mão. 'Vamu lá, pu cê falá (RITACE), papai:, o caminhão tá fazendo baru:lho (VAG)', olhando para a rua. A criança olha fixamente, segurando nas grades do portão. 'Vem cá.', levantando-se e indo até a criança. 'Vamu lá, falá co' papai', pegando a criança no colo, a qual não se opõe. (A criança parece 'ausente')

.....

Cabe salientar aqui, que a fala que a mãe dirige à criança, apresenta uma gramática mais complexa, o que sugere que a representacão em jogo, já a de um 'ouvinte competente'.

.....

Na sala, a mãe está sentada no sofá, que fica na frente da janela, com a criança em seu colo. Segura o fone, junto à orelha esquerda da criança, que olha para o fone, com a mão sobre ele. 'Papa: (VAG) O caminhão tá fazendo baru:lho, (VAG)'. (A observadora pede que a mãe se sente no outro sofá, devido ao fato da câmera estar contra a luz. A mãe, segurando a criança em seu colo, levanta-se e senta no sofá perpendicular à janela. Ajeita a criança em seu colo e coloca o fone sobre a orelha direita da criança, dizendo: 'Fala pro papai.' (A criança está com a cabeca virada para a direita, olha para o fone, para a frente e para baixo) 'Papai: (VAG) O caminhão tá fazendo barulho na rua. (RITACE, LAB, picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes)'. A criança vira a cabeca para a frente, olha para a câmera e para baixo. Vira novamente a cabeca para a direita, na direcão da janela. 'Fala (VAG) Alô? (VAG) Papai? (VAG)' A criança vira a cabeca para a frente. 'Num qué falá? Tó,', pegando o telefone que estava na mesa ao lado do sofá, colocando-o sobre o braco do sofá e pondo o fone sobre ele. 'Pega você o telefone. Fala, papai: (VAG) O caminhão tá faazendo baru:lho. (picos de entonacão ascendente nas

sílabas tônicas dos constituintes) Aqui na ru: a. ', colocando a criança virada para o telefone e ajeitando suas pernas, duas vezes, nos prolongamentos de 'barulho' e 'rua', respectivamente. A criança pega o fone com a mão esquerda, olhando para o telefone, coloca o fone sobre o ombro esquerdo e o indicador esquerdo nos buracos do disco. Quando tenta girá-lo, o telefone escorrega um pouco para frente, a mãe segura-o, e a criança põe a mão no gancho, apertando e soltando-o, enquanto vocaliza /áó/, com entonação ascendente. A mãe olhava para ela e depois de uma breve pausa, diz: 'Pronto. Ele atendeu. (VAGR) Alô? E a Cica? (VAG)'. A criança segura o fone, que estava sobre seu ombro, balancando-o no ar. 'Papai: (VAG) Tá fazendo um barulhão, o caminhão.', olhando para a janela e para criança, em seguida. A criança põe novamente o fone sobre seu ombro e alterna os indicadores direito e esquerdo, dentro dos buracos do disco, olhando para o telefone. 'Fala? (VAG) Conta pro papai:? Do caminhão:? (VAG)'. A criança pega o fone com a mão esquerda, coloca-o sobre o gancho, sem encaixá-lo, apenas segurando-o. 'Num qué:? (VAG)'. A criança traz o fone sobre o ombro esquerdo e vocaliza /pá.pá:/ (VFOR), mexendo com a mão esquerda no gancho. 'O caminhão tá fazendo baru: lho. Vem cá, papai: (VAG)', olhando alternadamente para o telefone e para a criança. Esta, por sua vez, continua mexendo no gancho. 'Chama o papai, chama?'. A criança vocaliza /pá.pá:/, passando os dois

indicadores sobre o disco. 'A? Conta do baru:lho.' A criança põe o fone sobre o gancho, mas não o encaixa. 'Não vai contá:? (VAG) Então vê pôr (RITACE) esse telefone no lugar. (pegando o telefone) Já que a Cica num qué contá do baru:lho (entonação ascendente no final e VAG)', colocando o telefone na mesinha ao lado do sofá. 'Pronto. (VAG) Cabô. (VAG)', olhando para a criança e virando a palma da mão para cima, batendo-a, em seguida, no sofá. A criança que olhava fixamente para o telefone, enquanto a mãe o colocava sobre a mesa, vira a palma da mão esquerda para cima e olha para a mãe. A mãe, olhando para a criança, vira as palmas das mãos para cima e diz: 'Cabô. (VAG)'. A criança debruca-se sobre o braco do sofá, vocalizando /a/ e apontando o telefone com o indicador, enquanto olha para ele. 'Mas conta pro papai, então: Que o caminhão tá fazendo baru:lho (VAG, entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes)' A criança olha mais para trás do telefone, onde há um porta retrato, e aponta com o indicador direito, vocalizando sussurrado /pá.pá.pá/. 'E: (VBX) O pápa? Aqui?', olhando para o porta retrato e apontando. 'O pápa e a mãma.', olhando para a criança. A criança balanca o indicador na direcão do porta retrato, olhando para ele, e diz: 'Papai:? (VAG)'. A mãe olha para ela sorrindo e diz: 'Papai? (VAG) É? (VAG) Tó. Conta pro papai. Conta?', pegando o fone, segurando junto à orelha esquerda da criança, que também segura-o com a mão esquerda. 'Chama a Babu.' A criança olha para o fone.

'Ba-bu: Vem cá: Comi:go (VAG)' (olhando para a criança) Traz o Marcelo prá brincá comi:go. (entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes)', olhando para a criança, que olha fixamente para o fone, passando a mão esquerda sobre ele. 'Fala prá Babu, traz o Marce:lo. (entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes) Traz:? Fala (VSU) Ba-bu: Traz o Marce:lo. (entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes)', e solta o fone, que a criança passa a segurar sozinha, longe de sua orelha e olhando para baixo. A mãe olha para a câmera. 'Só agora (RITACE) (A criança soltou o fone) Cê vai vê (RIT ACE) (pegando o fone) Daqui meia hora, ela pega o telefone e fica (A criança bate no fone, vocalizando /a/s posteriores) balabalabalabalabalabalá (RIT+++ACE e entonacão final ascendente) Chama a Ba-bu: (VAG e súplica) Cha:ma (entonacão ascendente no final e 'tom de súplica) Fala que a mamãe qué falá com ela.', colocando o fone junto à orelha esquerda da criança, que olha para a mão da mãe segurando o fone. A criança mexe com o indicador no fone e vocaliza forte /ba:/. A mãe olha para ela. A criança empurra o fone para a frente, olhando para a câmera. 'Num qué. (VBX) Então tá bom: (VAG) Tô brava com você.' A criança olha para a mãe e vocaliza /ã/, com entonacão ascendente e voz baixa. 'Tô mesmo.', fazendo gesto afirmativo com a cabeca. A criança olha para sua barriga e passa a mão nela. A mãe, que olhava

para a criança, pergunta: 'Cadê o umbigo? Cadê pupi?' (inicia-se um novo jogo)

.....

Como foi dito anteriormente, por volta dos 18 meses, começa-se a observar uma maior coordenação entre as atitudes da criança e os recortes e atitudes do adulto, quando a ação da criança sobre o meio é mais precisa. Ela é capaz de demonstrar claramente sua 'vontade' e agir em direção á realização da mesma. Também já desenvolve 'jogo simbólico' com seus brinquedos, a partir das solicitações da mãe. Estas, por sua vez, nem sempre são atendidas, pois já dependem da relação que possam vir a ter com a 'vontade' da criança a cada momento. É interessante notar que, mãe e criança não desenvolvem concretamente nenhuma ação conjunta, sendo que a mãe permanece á distância da criança, dizendo o que ela deve ou não fazer, numa atitude que vimos chamando de 'narrador' (interveniente ou não) da situação.

Parece ter havido um 'salto', quando se compara o que foi descrito até agora com o episódio a seguir, que ocorreu pouco antes dos 18 meses. Entretanto, essa passagem também não ficou clara, a partir da observação das gravações. A sensação que se tem é que, de repente, todas as aquisições da criança, acumuladas até o momento, coordenaram-se de tal forma, que deram origem a um 'outro sujeito',

qualitativamente diferente, daquele que vinha sendo observado, até então. Essa maior coordenação de atitudes dentro do 'sujeito-criança' levará a uma coordenação mais precisa entre suas atitudes e as dos adultos (e mesmo das crianças) que o cercam, o que desembocará, posteriormente, numa coordenação relativamente precisa, entre adulto e criança, a nível verbal.

.....

(33a. gravação - 18/09/86. A criança está com 1 ano 5 meses e 5 dias)

Na sala de estar, mãe, criança e observadoras. Maria está sentada no chão, encostada no sofá. Cecília, em pé, ao lado e um pouco à frente de Maria, olhando para a câmera, à sua esquerda, e segurando um barquinho de papel junto à boca. A mãe está próxima à câmera.

Mãe: Vamu buscá o pente?
Cr: (vira para Maria)
Mãe: Prá penteá o cabelo, Cica? (entonação ascendente em 'be')
Cr: (vira para a mãe, abaixa o barquinho e vocaliza /ke/, dando alguns passos em direção à mãe)
Mãe: Peraí que a mamãe já vem.
Cr: (dá alguns passos para trás, põe o barquinho de papel na boca e vocaliza /ka:/. Desequilibra-se para trás, encostando

no sofá, tira o barquinho da boca e vai em direcão à câmera, parando em frente a ela. Enquanto isso, Maria pegou o gatinho que estava sobre a mesa, deu corda e colocou-o novamente sobre a mesa)

Aglael: Oi, Cica. Páraí. AÍ tá bom.

Maria: Cecí: lia.

Cr: (olha para a câmera, está de costas para Maria)

Aglael: Fala oi. Fala, oi,oi,oi,oi. (RITACE) Fala, o: i

Cr: (vira-se e vai em direcão à mesa, enquanto Aglael diz: Faz tchau, Cica)

Maria: Olha seu gatinho.

Cr: (passa o barquinho de papel sobre a mesa, sem demonstrar interesse pelo gatinho, e estende o braco com o barquinho na direcão de Maria , vocalizando)

Maria: Prá mim? O barco? (pega o barco e manipula-o à sua frente) Dexu vê se dá um chapéu... Peraí. Chapéu pro seu gatinho.

Cr: (olha para Maria, enquanto esta manipula o barco, falando, e põe o pé sobre a perna de Maria, virando para a câmera com a mão na boca)

Maria: (olha para a crianca) Qué sentaquí? (pegando a crianca e colocando-a, em pé, sobre seu colo)

A gravacão é cortada. Quando a imagem volta, a câmera está de frente para o sofá. Maria mexe no barquinho de papel, olhando para ele, e a crianca está saindo de seu colo.

engatinhando pelo chão. Apóia na mesa para levantar-se, olhando na direcão da mãe, que aproxima-se da mesa, trazendo uma banheira e uma boneca.

Cr: (estica o braco na direcão da mãe e diz: /ne,ne/)

O gatinho funciona sobre a mesa, sem que ninguém atente para ele.

Mãe: O nenê. (Coloca a banheira com a boneca dentro dela sobre a mesa e ajoelha-se ao lado da crianca) Vamu dá banho no nenè? (Penteia o cabelo da crianca) Vamu penteaquí.

Maria: Cecí:lia (VSU) (colocando o chapéu de papel sobre o gatinho, ao mesmo tempo em que a mãe diz: O bêlo-bêlo da Cica)

Cr:(olha para o gato e para Maria)

Mãe: Olha o gato de chapé:u ('tom de surpresa') Cecí:lia (penteando o cabelo da crianca, que vai se aproximando do gato) Bate a mão no chapéu do gato que cai.

Maria: Cê tá comendo tudo pedaco de papel. Daquí prá mim. O papel aí. (pegando pedacinhos de papel da boca e da mão direita da crianca) Põe o chapeuzinho nele. (pegando o chapéu da cabeca do gato e colocando sobre a mesa, à frente da crianca) Tó. (pegando o chapéu e o oferecendo à crianca, que pega-o) Põe o chapeuzinho na cabeca do gato.

Cr: (tenta pôr o chapéu com uma mão e ajuda com a outra)

Maria: Aqui. (pegando o chapéu da mão da criança, que acompanha com o olhar a movimentação da mão de Maria)

Mãe: Faz carinho no gatinho. (terminando de pentear a criança e colocando a escova dentro da banheira) Faz Cica.

Maria: (coloca o chapéu na cabeça do gato)

Mãe: Faz nana nenê.

Cr: (olha para o gato e pega-o, enquanto a mãe diz: 'Faz'. Abraça o gato e balança o corpo para os lados, vocalizando: /nã: ne.ne/)

Mãe: I: sso. Como que é? (enquanto a criança solta o gato sobre a mesa e diz /ga/) Faz prá ele dormí. Ele vai dormir. ó? (VSU) (ajeitando o gato sobre a mesa)

Cr: (tira e coloca, em seguida, o chapéu no gato, vocalizando: /ga: /)

Mãe: Faz nana nenê pro gatinho dormí, faz? (V+FOR)

Cr: (pega o gatinho no colo e olha para a câmera, balançando o corpo para os lados e vocalizando: /ne.ne: /nã/

Aglael: Ai: que lin: do!

Mãe: Nana nenê... (cantando) Canta nana nenê.

Cr: (Põe o gato sobre a mesa, sem soltá-lo, olhando para a sua direita, em oposição á mãe, que está à sua esquerda. Não é possível ver para onde a criança olha)

Mãe: Faz carinho nele, faz. Cari: nho, no gati: nho. Dá beijinho nele, dá?

Cr: (olhando ainda na mesma direcão, aproxima o gatinho de sua boca e, em seguida, solta-o sobre a mesa, indo em direcão á mãe, que diz:)

Mãe: Ai: que... Agora vamu dá banho. Vamu dá banho na boneca. Penteando. Vamu dá ba:nho? (tira a escova de cabelo de dentro da banheira)

Cr: (pega a boneca e tenta sair em direcão á cozinha)

Mãe: (estica seu braco, em frente à crianca, fazendo-a parar e diz:) A:gua? Hoje num dá prá brincá com água. Vem cá. (puxando a crianca pela mão)

Cr: (solta da mão da mãe e volta á mesa, segurando a boneca e olhando para ela)

Mãe: Faz de conta que tem águaquí. (empurrando a banheira para a frente da crianca) Esfrega o cabelo dela.

Cr: (põe a boneca na banheira)

Mãe: Isso. Tic, tic, tic, tic. (RITACE) (passando a mão sobre a boneca)

Cr: (tira a boneca da banheira e estende o braco com ela, na direcão da porta da cozinha, indo, em seguida, em direcão à cozinha, dizendo: /wawá/)

Mãe: Au:a. (estendendo seu braco em frente á crianca e impedindo-a de prosseguir) Agua não tem hoje. (fazendo gesto de 'não' com a cabeca e pegando a crianca) Hoje tá frio. Nem adianta í lá, que a gente não vai buscá água. (soltando a crianca, que vocaliza, segurando a boneca junto à boca, e em seguida, vai em direcão à cozinha)

Mãe: Cabô a água. Vem cá.

Cr: (pára na porta da cozinha)

Mãe: Vem penteá o cabelo, então, da boneca. (pegando a escova e mostrando-a para a criança) Vem? (VAG)

Cr: (volta correndo e rindo e pega a escova)

Mãe: Tó. Mamãe segura. (tentando pegar a boneca, enquanto a criança virou-se rapidamente na direção da porta da cozinha, andando e penteando a parte de trás de sua cabeça) A da bonequinha. (enquanto a criança abaixava a escova, e, olhando para a mãe e para a escova, sai andando na direção da porta de entrada, enquanto a mãe diz:) Mamãe segura a boneca e você penteia. Qué? (VAG)

Cr: (vai em direção à porta de entrada, vocalizando: /a::E:E:a:/íté.tei/, saindo do alcance da câmera e voltando, em seguida, com a boneca junto à boca e segurando a escova para baixo, na outra mão)

Aglael: Cê qué... Cê qué me confundí toda, mesmo, né?, Cica.

Cr: (vocaliza /na/ e apóia a boneca sobre a mesa, sem soltá-la)

Aglael: E: Qué sim.

Cr: (de costas para a câmera)

Mãe: Então penteia. O gatinho. Penteia o gatinho. Prá ficá boni:to. Pentea:do.

Cr: (segurando a escova na mão esquerda e a boneca na mão direita, pega o gatinho, que estava sobre a mesa, entre seus braços, vira-se de costas para a mãe e coloca o gatinho

sobre o outro sofá, ao lado de Maria, passando a escova ao contrário, sobre ele.)

Mãe: I:sso,

Maria: Dáqui que eu seguro sua boneca. (pegando a boneca da mão da criança) O:pá (segurando o gatinho que escorregou sobre o sofá e quase caía)

Cr: (passa uma vez mais a escova sobre o gatinho e coloca-o sobre o braço do sofá e p:: a mão sobre ele)

Mãe: I:sso. Dá beijinho no gato, também. Dá.

Cr: (estende seu braço esquerdo, pegando novamente a escova, e abraçando o gato com o braço direito, enquanto a mãe diz: 'Esfrega as costinhas de:le. Lava a ore:lha.' A criança, de costas para a mãe, olhando para a frente, na direção do encosto do sofá, balança a cabeça, fazendo gesto de 'não, várias vezes, enquanto a mãe continuava dizendo: 'Do gati:nho. Não:?'. A criança diz /nãw/, de costas para a mãe e balançando mais algumas vezes a cabeça, enquanto a mãe, sentada no outro sofá, diz: 'Lava a orelhi:nha do gato. Olha que orelhinha suja, do gato.'. A criança vira-se e põe o gato sobre a mesa, pega o chapéu de papel, levantando o braço, mostrando para a mãe e vocalizando.)

Mãe: O chapéu? Põe na cabeça da mamãe, põe?

Cr: (vai até a mãe e estende a mão com o chapéu, na direção da cabeça da mãe, vocalizando /e/ aspirado)

Mãe: (pega o chapéu e coloca na cabeça) Oi, mamãe. Tá bonita?

Cr: (olha para a mãe, deixa cair a escova que estava em sua mão e abaixa-se para pegá-la)

Mãe: A: O: (V++AG)

Cr: (levanta-se e bate a escova no chapéu sobre a cabeca da mãe)

Mãe: O: pá: (V++AG)

Cr: (abaixa-se, pega o chapéu, vocalizando algo semelhante a /e/ aspirado, e o coloca sobre sua cabeca, olhando para a mãe)

Mãe: Na tua? (RITACE) (ajeitando o chapéu sobre a cabeca da crianca) A: que boni: ta.

Cr: (vira-se na direcão da câmera e o chapéu cai. Olha para baixo, abaixa-se para pegar o chapéu, pega-o e vira para a mãe)

Mãe: Dexa a mamãe pôr. (pegando o chapéu) Olhalá. (apontando para a câmera) Olhalá prá Glael que a mamãe põe. Olhalá prá Glael.

Cr: (vira, olha para Maria, que está mais á esquerda de Aglael, e cai encostada no sofá, enquanto a mãe que lhe estendia o braco, para colocar-lhe o chapéu, recolhe o braco. A crianca levanta e vai para perto de Aglael, depois pega a banheira, bate-a na mesa e solta, apontando para a mãe e vocalizando /ã: ã: ã: á/)

Mãe: Hoje tá frio. Não pode brincá com água. Tá muito frio. Quando a Cica fôr tomá banho, a mamãe leva, pro cê dá banho

na boneca. (enquanto a criança vai em direção a Maria, apontando e vocalizando /mãm/)

Maria: (mostrando o relógio em seu braco) Que que cê qué? Relógio? Tem horaí?

Cr: (pega o mostrador do relógio e tenta puxá-lo, vocalizando)

Maria: Num sai.

Cr: (vira-se, anda até a banheira, pega-a e vocaliza /wawá/, dirigindo-se à cozinha, enquanto a mãe diz: 'Água? Agua acabou.' A criança vira para a mãe, já no meio do caminho para a cozinha, e vocaliza /uawaw/)

Mãe: Cê qué água? Num pode. Cica.

Cr: (continua vocalizando, olha para a mãe e vocaliza /úá/)

Mãe: Faz de conta que tem aguinhaquí. (pegando a banheira e passando a mão dentro dela) Faz assim, ó. (pegando a boneca e colocando-a na banheira) Tic, tic, tic, tic. (RITACE) (esfregando a boneca)

Cr: (distancia-se da mãe e grita /u.u/awa/, distanciando-se mais e fazendo uma vocalizacão semelhante a choro, vocalizando /wawá/, no final. Pega a bolsa da observadora que está a seu lado, no chão) Iniciam-se outros jogos.

.....

(37a. gravacão - 04/12/86. A criança está com 1 ano, 7 meses e 21 dias)

Mãe, criança, Maria e Aglael, com a câmera, na sala se estar.

Mãe: Vou buscá até o leite (entonação ascendente em 'lei), da Cica.

Maria: (sentada no sofá, tentando abrir o pacote de bolacha)

Cr: (em frente a Maria, olhando para ela)

Maria: O duro tá abrí o pacote. (fazendo gesto de 'não' com a cabeca e olhando para a câmera)

Cr: (olha para a câmera)

Aglael: Oi, Cica. Que dia é hoje?

Maria: Fala, cê tá querendo demais, de mim. (olhando para a criança) Sabê o dia. Hoje é dia quatro. (ainda tentando abrir o pacote. A criança olha para ela)

Aglael: Quatro de dezembro de oitenta e seis.

Maria: Bolachinha. (pegando uma bolacha do pacote) Aqui. (dando para a criança)

Mãe: (voltando à sala) Ci-ca: (VAG)

Cr: (pega a bolacha)

Aglael: Hum: (dois picos de entonacão ascendente)

Cr: (olha para a câmera, põe a língua entre os dentes, aproximando a bolacha da boca e olhando para a mãe)

Aglael: Hum: (dois picos de entonacão ascendente, tom mais alto que o anterior)

Mãe: Tá gostoso? (de longe, não é captada pela câmera)

Maria: Dá um pedacinho prá Glael, dá? (oferecendo um pedacinho de bolacha á crianca)

Cr: (pega a bolacha e vai em direcão á câmera, enquanto Aglael diz: 'Fala, a Glael não consegue fazê duas coisas ao mesmo tempo', rindo. A crianca estende o braco em direcão á câmera e diz: /kE/, com entonacão ascendente e voz baixa)

Aglael: (pega a bolacha, dizendo:) Não tem coordenacão prá isso. (rindo)

Cr: (vai em direcão a Maria, vocaliza /kE/ e olha para o lado em seguida)

Maria: Dá prá mamãe.

Mãe: Dá uma bolachinha prá mamãe? (picos de entonacão ascendente nas sílabas tônicas dos constituintes)

Cr: (vira para a mãe e estende o braco com a bolacha, vocalizando /ai(gritado)kE:ĩ:/)

Mãe: (pega a bolacha)

Cr: (vira-se na direcão do pacote sobre a mesa, pegando-o, enquanto a mãe diz: 'Hum: E prá Maria? Cê já deu?'. A crianca, mexendo no pacote de bolacha, vocaliza /ew/. Vira para a mãe e vocaliza /ai/e/ĩ:a/a.nãw/, mexendo no pacote)

Mãe: Dá prá Maria, dá?

Cr: /ié/ (com entonacão ascendente, mexendo no pacote)

Mãe: Uma prá Maria.

Cr: (vocaliza vogais nasais, mexendo no pacote, de costas para a câmera) (pausa breve)

Maria: Ainda bem que eu não trouxe. Outra de chocolate. (VSU)

Cr: (com um dos bracos estendido, segurando uma bolacha em cada mão, vai em direcão à câmera, vocalizando /i:e,e/)

Aglael: No:ssa. Quan:ta bola:cha.

Cr: (estende braço na direcão de Aglael, que estende sua mão, e a crianca põe a bolacha na boca)

Maria: (ri) Ela tá comendo, Aglael.

Aglael: Ah, não. Pode comê, então.

Cr: (estende novamente o braco direito com a bolacha e coloca a que segura com a mão esquerda na boca)

Aglael: Come. (cai a bolacha que estava na mão direita da crianca) I:ch.

Cr: (abaixa-se e pega a bolacha com a mão direita)

Aglael: Daquí. (estendendo a mão esquerda, enquanto segura a câmera com a direita)

Cr: (levanta-se, vocalizando vogais bem enfraquecidas, e dá a bolacha para a Aglael)

Aglael: Isso. Brigada.

Cr: (vira-se e vai em direcão à mesa, onde está o pacote de bolacha)

Mãe: E a Maria?

Cr: (abre o pacote, põe a mão dentro dele e olha para a mãe, que está atrás, sentada no sofá)

Mãe: Pergunta. Qué uma bolacha?

Cr: (pega uma bolacha e estica o braco na direcão de Maria)

Maria: Eu quero sim.

Cr: /nãw/ (e põe a bolacha na boca, pegando o saco com a outra mão e dirigindo-se à mãe)

Mãe: Leva uma bolacha prá Mari:a. (colocando a mão nas costas da criança e empurrando-a levemente em direção à Maria) Leva o saquinho. A Maria pega outra.

Cr: (vai na direção de Maria, estendendo o braco que segura a bolacha)

Maria: (pega a bolacha) Brigado., enquanto Aglael diz: 'Dá outra vez, a Maria não traz mais, heim?, Cica. I:sso. Dá uma só, prá ela. (rindo)'

Cr: (olha para a câmera e volta a olhar para o saquinho que segura)

Maria: Uma só, não. Metade de uma. (olha a criança apalpar o saco de bolacha) Agora esse é prá Cica comê?

Cr: (coloca a bolacha que pegou junto à boca)

Maria: Hum:?

Mãe: Só que ela come a bolacha do meio, assim.

Cr: (havia abaixado a bolacha, olhando para a mãe, enquanto ela falava, coloca novamente o meio da bolacha junto à boca e vira-se para Maria, vocalizando /ã:ã:/, aspirado)

Maria: (olha para a criança e diz:) Hum? (com meneio de cabeca)

Mãe: Morde na pontinha da bolacha, Cica. Pega uma só. (mostrando 'um' com o dedo, inclinando mais o corpo para a direita, ficando quase de frente para a criança, que olha

para ela) E uma de cada vez. (mostrando 'um' com o indicador)

Cr: (segura uma bolacha junto à boca e o pacote de bolachas na outra mão, olhando alternadamente para a mãe, que fala com ela, e para baixo)

Mãe: Olhaquí atrás. (pondo a mão na bolacha que a criança segura) Peraí. Vem cá. (tirando a bolacha da mão da criança, que se aproxima dela. A mãe parece que separa as bolachas e dá uma para a criança, virando a extremidade da bolacha na direção de sua boca) Mordeaquí. (A criança morde) Isso. Que ela qué pegá isso aquí. (olhando para Maria e mostrando o doce em cima da bolacha)

Cr: (pega a bolacha, olha para ela, manipulando-a em suas mãos e vocalizando /a/. Vira para a mesa, olha para Maria e para o pacote de bolachas, põe a mão sobre ele e abandona, sobre a mesa, a bolacha que estava na outra mão)

Maria: Come essa primeiro, Cica. Só essa. (pegando o saco de bolachas)

Cr: (tinha pegado outra bolacha do saco, pega a bolacha que abandonou sobre a mesa, vira-se e sobe no sofá, onde está a mãe, com uma bolacha em cada mão e vocalizando /xu,xu,xu,xu/xu,xu/. Senta-se no sofá e escorrega, olhando na direção da cozinha, á sua esquerda, e da câmera. Fica em pé, com o corpo inclinado para trás, encostada no sofá.)

Aglael: Faz ginástica prá gente vê, faz.

Maria: Vai caí.

Cr: (sai correndo em direcão á cozinha)

(A gravacão é cortada. Quando a imagem volta, a crianca está com uma bolacha na mão esquerda e mexendo no saco de bolachas sobre a mesa. A mãe está sentada no sofá, atrás da crianca, segurando a mamadeira e olhando para ela.)

Aglael: Hum: (dois picos de etonacão ascendente)

Cr: (vai em direcão á mãe, que a pega no colo e coloca guardanapo sobre seu peito. Está de costas para a mãe e de frente para a câmera, segurando uma bolacha na mão esquerda)

Mãe: Come primeiro. Não:? (VFOR) Não precisa cuspí. O, Cí (entonacão ascendente, passando o guardanapo na boca da crianca. A mãe segura a mamadeira, que a crianca suga, olhando ao redor. A mãe olha para a crianca. Pausa) Eu tenho uma mania. (RITACE, olhando para Maria) Quando eu fecho a mamadeira, eu não fecho, eu estrangulo. Então, ela chupa e não entra ar. Então, ela dá duas chupadinhas, já fica difícil de chupá. Mas é mania. Não adianta. Três anos que eu faco mamadeira, três anos que eu estrangulo a mamadeira. (A crianca tosse. A mãe afasta a mamadeira, dizendo:) O:i: (e volta a dar a mamadeira para a crianca, olhando para ela. Olha para Maria e diz:) Hoje ela caiu. Mas bateu o lábio (apontando seu próprio lábio superior) Cê viu o lábio dela?

Maria: E tá (Segmento Ininteligível)

Mãe: Tá feio, né? Tá sim, uma bolota.

Maria: Parece que o lábio estourou, né?

Mãe: E: Mas foi sozinha. Andando. Não sei como. Acho que ela táva com sono, foi esfregá o olho e caiu.

Cr: (inclina o corpo para frente)

Mãe: Tóma, tóma (RITACE) Depois cê come a bolacha. (RITACE, tirando a mamadeira)

Cr: (põe a bolacha, que segurava na mão direita, sobre a boca e tira-a em seguida, escorregando o corpo em direcão ao chão. Fica em pé no chão, olha para a bolacha que está em sua mão esquerda, enquanto aproxima-a da boca, e olha para Maria, vocalizando /E:/ aspirado e sorrindo, indo em direcão ao telefone, enquanto a mãe diz: 'Come a bolacha, que você chega na frutinha mais rápido, Cica'. A criança diz /nãw/, de costas para a câmera, virada para o telefone)

Mãe: Cê tá teimosa? E? Olha prá cá. Cadê a Aglaeï?

Cr: (vira-se para a mãe, segurando apenas uma bolacha, e dá alguns passinhos na direcão da mãe)

Aglael: Ci-ca:

Cr: (vocaliza)

Mãe: Rã: (balancando a cabeca)

Cr: (vira para o telefone, vocaliza /a/, indo até ele, enquanto Maria, debrucada sobre o braco do sofá, olha para a criança e diz: 'Quebrô a bolacha. Cê viu:?'. A criança debruca-se entre os bracos dos sofás e junto com o que Maria falou, diz /O.i/, olhando para baixo e vocalizando, em seguida, /i/.)

Maria: Viu?

Maria: É. Viu, mas não devia tê deixado quebrá a bolacha. Sujô a sala da sua mãe. (pegando os restos de bolacha no chão)

Cr: /ki.ki.oi/ (e senta-se no sofá)

Mãe: Cica num vai pegá bolacha.

Maria: (dá a bolacha que pegou para a criança, que a pega)

Mãe: 'Que que a mamãe fala? Que na sala não pode comê bolacha. Onde tem que comê bolacha?', pegando o braço da criança, que tenta sair do sofá, olhando na direção da mesa.

Cr: (vai em direção à mesa, vocalizando /a.xí.xí/)

Mãe: Na cozi:nha. (VAG) E: (enquanto a criança olha para o pacote de bolacha, sobre a mesa, e para a bolacha em sua mão esquerda) Lá mesmo.

Maria: Olha. (estendendo a mão, com mais um pedaço de bolacha, que pegou do chão)

Cr: (vai até Maria e aponta para o pedaço de bolacha na palma de sua mão, vocalizando, enquanto a mãe olha para a câmera e diz: 'Olha a chuva.'

Aglael: 'No:ssa.'

Maria: 'Quebrô.'

Cr: /e.bo/

Mãe: (chama a criança, que olha para ela, e aponta seu ouvido direito, fazendo menção ao barulho da chuva) (A gravação continua)

Embora nem sempre as vocalizações da criança recebam algum tipo de 'recorte' ou 'atenção', suas atitudes, de um modo global, são bastante evidentes para os adultos que a cercam, e com a criança, formam uma 'história' com participações relativamente equivalentes. Vale ressaltar que a transcrição, desse período, adquiriu a forma de um 'script', onde as participações da mãe, criança e observadoras se alternam. É interessante notar, ainda, a fala dos adultos nos momentos em que a criança não está fazendo 'das suas', como na situação em que ela pára, por alguns minutos, para tomar sua mamamdeira. De qualquer forma, nos momentos em que a criança age sobre o meio, os adultos, dentre outras atitudes, fazem, ainda, a 'trilha sonora' das atuações da criança, funcionando como 'narradores' (intervenientes ou não) das mesmas.

As situações gravadas, nesse período, já na segunda metade do segundo ano de vida de Cecília, independente de serem brincadeiras, troca de roupa, banho, alimentação, mostram sempre o mesmo processo, Cecília agindo sobre 'tudo' que a cerca e fazendo o tempo todo o 'sentido do som' (Albano, 86). Os adultos já conseguem ser mais complementares a ela. Seu jogo simbólico é rico, ela produz sentenças e sua fala demonstra momentos de bastante inteligibilidade, quando suas produções sonoras aproximam-se bastante do padrão adulto,

sendo que tais momentos convivem ainda com outros, nos quais ela não está 'fazendo nada mais que o sentido do som'. Nesses momentos, ocorrem situacões de indeterminacão, não apenas para Ludmila, mas para os adultos em geral. Entretanto, a 'definicão' adquirida em outros níveis da acão de Cecília, fazem com que Ludmila, agora, possa se valer de critérios mais 'afinados' a Cecília, ao se relacionar com ela.

(40a. gravacão - 22/01/87. A crianca encontra-se com 1 ano, 9 meses e 9 dias)

Na cozinha, crianca sentada no cadeirão e mãe sentada em frente a ela. O prato de comida está sobre a mesa do cadeirão, em frente á crianca. A mãe lhe dá a comida.

Cr: /kEw.áwt/ (apontando para a comida no prato)
Mãe: Qué feijão?
Cr: /kEi.esi/
Mãe: Esse aqui? (dando uma colherada de comida para a crianca, que varre a colher com a boca, batendo uma figurinha de plástico que segura na mão direita, sobre a mesa do cadeirão, no mesmo ritmo com que mastiga)
Maria: Mas ela já tava pegando a colher sozinha. (referindo-se ao feito da crianca, enquanto a mãe a deixou ali, por alguns minutos)

Mãe: A: Ela ado:ra. (olhando para a câmera e virando em seguida para a criança) Só que aí, já viu, como é que fica o chão. (dando mais uma cilherada para a criança) Parece uma periquita, comendo.

Cr: (com a mão esquerda, tenta pegar a colher que a mãe segura)

Mãe: Só que assim:, ó? (dando a colher na mão direita da criança) Come sozinha, come? (VSU) O como a Cica, pega, come sozinha. (empurrando mais o prato, na direção da criança, que olha para a câmera e depois para a Aglael, abrindo a boca num largo sorriso. Olha novamente para a câmera e para o prato. Maria ri.) Mostrá prá Maria, como a Cica come. Mostra?

Cr: (olha para a colher que segura apoiada no fundo do prato. Pega uma colherada de comida e leva à boca sozinha, olhando para a mãe, para a câmera e para o prato).

Mãe: Mui:to bem. (VAG)

Aglael: No:ssa, que boni:ta. Uma moci:nha. Não é mes:mo?

Mãe: E:

Cr: /o/ (entonação ascendente, apontando o ovo com a mão esquerda e olhando para a mãe)

Mãe: Mamãe corta o ovinho, (pegando a colher da mão da criança) Pro cê pegá o ovinho. Qué vê?

Cr: /E/ (põe a mão direita sobre a colher)

Mãe: (tira a mão da criança e segura-a no ar, enquanto acaba de cortar o ovo)

Cr: (olha para a mãe, que corta o ovo)

Mãe: (dá a colher para a criança)

Cr: (pega a colher com a mão direita e 'cutuca' o ovo com a colher em pé, olhando para ele, parece que na tentativa de acertá-lo)

Mãe: (olha para Aglael de diz:) Ontem a gente sentou os quatro prá jantá. Então ela comeu sozinha, o Michel comeu sozinho, e cada um comeu o seu. (rindo)

Aglael: A: (VAG)

Mãe: E acho que ela táva com tan:ta fome, que ela concentrou no prato dela e ela ía vê, ía vê. (RITACE, fazendo gesto de comer com a colher, bem rápido) Só que fez suáeira, lógico, né? Mas comeu. (voltando-se para a criança) Segura assim. (pegando na ponta da colher, que a criança, concentradamente leva á boca) I:sso.

Cr: (olha para a câmera, para Aglael e volta a olhar para o prato)

Aglael: E cê pega a colher bem cheia, né?, Cica.

Mãe: (olhando para Aglael) E. E olha como ela segura (fazendo movimento de pinça e sorrindo) boniti:nho. A colher dela. (olhando para a câmera e para a criança)

Aglael: E que nem o lápis. E impressionante, né?

Mãe: E. (com gesto afirmativo de cabeça)

Cr: (enquanto mãe e Aglael conversavam, pôs a colher sobre uma figurinha do Mickey, de pregar na geladeira, que estava junto com outras figuras, perto do prato, sobre a mesa do

cadeirão. Colocou a colher sobre o Mickey, enquanto mastigava. Em seguida, pôs a colher no prato e novamente sobre uma das figurinhas de cima da mesa, olhou para a mãe e vocalizou /ÊakÊpúpO/, com entonação ascendente e comida na boca)

Mãe: Não, aqui não. E na boquinha da Cica, não é? (puxando o prato, quando aparecem as figuras dos bichinhos) A: ela vai dá pro Mi:, pro Mickey. (A criança olha para a câmera, encostando a ponta da colher na figura) O Mickey também qué papá.

.....

No final do trecho acima, fica claro que Ludmila, num primeiro momento, não compreendeu o que Cecília estava querendo dizer, que parece algo em torno de 'ela qué pápá', onde, talvez, na tentativa de realizar os fonemas /a/s de 'pápá', Cecília partiu da produção de /u/, chegando a /O/. Ludmila parece que só percebeu o 'sentido' da 'fala' de Cecília, a partir de uma pista do contexto, ou seja, quando, afastando o prato de Cecília, viu as figurinhas sobre as quais ela colocava a colher. Vale salientar a indeterminação de Ludmila frente às produções mais extensas de Cecília, o que se torna evidente na sequência.

.....

Cr: (põe a colher na boca e vocaliza. Põe a colher no prato, na boca da figurinha e novamente em sua boca) (Mãe: 'Hum') (pega outra colherada, abre bem a boca, olhando para a mãe e come)

Mãe: I:sso. E como gente gran:de.

Cr: (olha para a mãe, para a câmera e para Aglael)

Aglael: E nem tá fazendo sujeira, né?, Cica.

Cr: (bate com a colher embaixo da mesa do cadeirão, olhando para baixo)

Mãe: E:(V++AG)

Aglael: Tá indo direitinho.

Cr: (bate a colher dentro do prato, olha ao redor e come mais uma colherada)

Mãe: Hum: Que gosto:so. (VFOR)

Cr: (come outra colherada)

Mãe: Hum: Nossa senho:la (VSU), nossa senho:la (voz infantilizada, tirando algo do canto da boca da criança e colocando no prato)

Cr: (bate a ponta da colher no fundo do prato)

Mãe: Rapa. (abre o armário à sua esquerda e pega guardanapos)

Cr: (pega e solta a comida com a colher, olhando para ela)

Mãe: Pega a carni:nha. Cadê a carni:nha?

Cr: (vocaliza /a:i/ seguido de uma produção posterior, pega a carne, com a mão esquerda, fazendo movimento de pinça)

Mãe: Pega a carni:nha. Prá comê: Com a colher (entonação ascendente no final) Senão suja o dedo.

Cr: (põe a carne na boca, balanca os bracos, olha para a câmera, vira para a mãe e mostra o dedo, vocalizando /a:í/pu.me/)

Mãe: Vamu limpá, né? (passando o guardanapo na mão da criança e dando-o para ela, que limpa as mãos) Dá prá mamãe, dá? (estendendo a mão direita em direção à criança)

.....

Aqui, a primeira vocalização de Cecília, /a:i/, não foi recortada por Ludmila, sendo que, mais adiante na sequência, a fala de Ludmila em torno de 'comê' parece ter contagiado a retomada da vocalização de Cecília, em torno de /a:í/, que acabou seguida de /pu.me/, sendo que o /p/ que aparece no lugar do /k/ de 'comê', parece ter vindo da vocalização mais inicial /pûpO/. O enunciado de Ludmila, na sequência, 'Vamu limpá, né?' demonstra o quanto a 'fala (/a:í/pu.me/) de Cecília 'não fez sentido' aos seus 'ouvidos'.

.....

Cr: (segura o guardanapo entre as mãos e bate-o sobre a mesa, olhando para baixo, para a câmera, para a mãe e para baixo)

Mãe: Vai que tem que papá tudo, vai. (pegando a colher)

Cr: (pega a colher da mão da mãe, come mais uma colherada e bate a colher no prato, olhando para a câmera, para a colher, para Aglael e novamente para a colher)

Mãe: Pápa, Cica. Vamu papá? (pegando a colher) Prá gente comê a sobreme:sa. (dá uma colherada para a crianca, que come) I:sso.

Cr: /kÉúpõti/ (apontando para a geladeira, à sua direita)

Mãe: Conta prá Glael. Que que tem de sobremesa. (entonacão ascendente no início e descendente no final) (dando mais uma colherada para a crianca)

.....

Mais uma vez, a fala de Cecília não fez sentido para Ludmila, pois é difícil, mesmo percorrendo o texto do episódio até aqui, saber de onde veio /põti/. De qualquer forma, a vivência entre Ludmila e Cecília e a acão que acompanhou sua fala não permitiram a Ludmila recuperar o sentido de /põti/.

.....

Cr: /kámú/ (olhando para Aglael e para o guardanapo)

Mãe: Que que a Cica qué de sobremesa. (entonacão ascendente no início e descendente no final)

Cr: /káúmú/ (entonacão ascendente, mas não interrogativa)

Mãe: O quê?

Cr: /kÉ:ú/ (olhando para a mãe)

. . . . . .

Acima, Cecília parece que tenta refazer '/keú/', partindo de /ká/, passando por /káú/ e chegando finalmente ao /kE:ú/, sendo que fica difícil afirmar se o /mú/ de /kámú/ e /káúmú/ constitui um segmento com significado próprio ou se na tentativa de recuperar '/kEú/'. Cecília deixou-se contaminar pela nasalizacão do segmento 'me:', que apareceu em 'sobremesa', na fala da mãe. De qualquer forma, Cecília parece tentar 'adequar' sua fala, a partir da não compreensão da mãe em relacão à mesma.

. . . . . .

Mãe: Mas o quê que cê qué. (dando mais uma colherada para a crianca)

Cr: /kEméza/ (olhando para a mãe)

Mãe: Sobreme:sa?

. . . . . .

Parece, finalmente, que Cecília através de /kámú/ e /káúmú/ tentava recuperar /kEmeza/ , que vem da interferência da mãe com os enunciados 'Que que tem de sobremesa' e 'O quê que a Cica qué de sobremesa', em /kEúpõti/. Este, por sua vez, parece ter vindo da 'compreensão' da fala da mãe que o sucedeu ('Vamu pápá? Prá gente comê a sobreme:sa. I:sso.), já que a acão que acompanhou /keúpõti/ sugere que ela

compreendeu a fala da mãe e tentou 'esbocar' a resposta à mesma.

. . . . . .

Cr: (mastiga a comida)

Mãe: E o quê que tem de sobremesa. (entonacão ascendente no início e descendente no final)

Cr: /kE: ómása/

Mãe: O quê? (VAG)

Cr: /kEó/ (olhando para a mãe)

Mãe: Mas o quê que cê qué? O quê que a Cica qué papá de sobremesa? (pegando comida com a colher)

Cr: /káidéza/ (pega as figuras que estão sobre a mesa e aponta para a geladeira, olhando para a mãe e vocaliza /bã: úmíki/)

Mãe: (pega o Mickey e diz:) Põe o Mickey. Aqui, ó? (colando-o na geladeira)

. . . . . .

A medida que os significantes de Cecília aproximam-se mais dos significantes da fala do adulto, a mãe consegue retomar o que Cecília disse, em oposicão aos momentos em que tais significantes são realizados de uma forma 'distorcida' em relacão ao padrão adulto, ocasião em que Cecília está empreedendo o trabalho de construí-los, o que acontece nos momentos em que ela diz /kE: ómása/ ou /kaidéza/. No caso de

/bà:umíki/, a semelhanca da forma /míki/ com o padrão adulto e a acão de Cecília, além dela segurar a figura do Mickey nas mãos, forneceram pistas mais que suficientes para que Ludmila percebesse sua solicitação. Na sequência, entretanto, como não é possível discriminar através da filmagem a figura que Cecília dá a Ludmila, fica difícil compreeder o significado da forma /nau'ei'/ (com os segmentos /u/ e /ei/ nasalizados), que talvez possa estar relacionado com o personagem da figura.

.....

Cr: (estende o braco na direção da geladeira, segurando outra figura, e vocaliza /nau'ei'/)

Mãe: (pega a figura e cola na geladeira)

Cr: /ésí/ (estendendo o braco com outra figura)

Mãe: E:sse. (colando a figura na geladeira. Dá mais uma colherada para a criança)

Cr: (come olhando ao redor e para a mãe, vocalizando /Káiá:kádá.õdi/)

Mãe: O quê?

Cr: /KEiokút'i/ (VBX)

Mãe: Iogurte? Mas agora não é hora de tomá iogurte. (indo e voltando com a colher, em direção á crianca, que olha na direção da geladeira)

Cr: /kEáákúti/ (VFOR) (virando para a mãe)

Mãe: Sabe o que a gente vai comê?

Cr: /ukéaiáikú:ti/ (voz de choro e expressão facial de choro)

Mãe: Vai comê gelati:na.

Cr: /iokut*/

Mãe: Iogurte acabô. Só tem gelatina. (levanta-se com o prato na mão, indo em direcão á sala de almoco, onde está a gelatina) Qué gelatina?

Cr: /nãw/ (VBX) (olhando ao redor)

Mãe: Iogurte acabô.

Cr: (faz 'cara' de choro e vocaliza) /ké:é,E:E,E:kEiákút*i/kE:éiákúti/, com voz de choro.

Mãe: Qué vê?

Cr: /nãw/

Mãe: E coisa mais gostosa ainda.

Cr: (olha para a câmera. Maria diz 'oi' e ela sorri, olhando para Maria que estala os dedos para ela) (Na sequência, a crianca come duas tigelinhas de gelatina)

.....

Agora que chegamos ao final, parece possível voltar um pouco atrás e recuperar o significado de /kEúpõti/, dito por Cecília, junto com a acão de apontar para a geladeira, após a fala de Ludmila a respeito da sobremesa. Parece que a relacão entre esse enunciado de Cecília e o enunciado final /kEiokút'i/ é dada pela forma intermediária e precedente a este, a saber: /káiá:kádá,õdi/, onde surge a indeterminacão

da forma /kEú/, que encontra-se em construcão, e a variacão /õdi/ da forma inicial /põti/. Assim, parece que, inicialmente, houve uma intromissão do fonema /p/ no lugar que pertenceria ao fonema /k/, da forma final /iokut/ e, provavelmente, a nasalidade do fonema /o/ tenha ocorrido devido à intromissão de 'sobreme:sa', dita pela mãe no enunciado anterior a /põti/, sendo que, na sequência, /méza/ irá ocupar o mesmo lugar que /põti/ nas fórmulas iniciadas com /kE/. E difícil dizer se essa intromissão do fonema /p/ se deu pelas formas /pûpO/ e /púmé/ de Cecília ou se pelo enunciado de Ludmila 'Vamu pápá?', o que não parece ser o mais importante. Observamos, ainda, neste final, as variacões de Cecília em torno da forma /kEiokúti/.

O que fica dessa tentativa de análise, a partir da proposta de Albano, colocada em 'Fazendo o Sentido do Som' (86), é que, apesar de nesse período Ludmila atentar para a fala de Cecília e de considerá-la um 'falante', existem momentos de indeterminacão no 'diálogo' entre ela e Cecília, sendo que a análise mostra o quanto é difícil ao adulto 'sanar' ou 'evitar' esses momentos. O motivo é 'simples': 'Cecília está construindo sua fala' (Goncalves,89).

Vejamos um outro exemplo, em que, na tentativa de se fazer entender, Cecília vai gradativamente ajustando sua fala à forma adulta, parece que a partir de algum tipo de memória que está sendo construída para a forma em questão

(/v*ámu'/), na medida em que a mesma não ocorre na fala do adulto.

(43a. gravacão - 02/04/87 - Cecília encontra-se com 1 ano 11 meses e 21 dias)

Na sala de estar, Maria segura um álbum de fotografias e está sentada no braco do sofá. Cecília está em pé, á sua frente, olhando as fotos que a respeito uma viagem á praia. Ambas alternam-se na tarefa de folhear o álbum.

Maria: E esse aqui. (VSU) Quem que é? (V++SU)

Cr: /esi/tElaki:/

Maria: Quem que é?

Cr: /t-det-diE/ (entonacão ascendente)

Maria: E o seu pai?

Cr: /pai/

Maria: E?

Cr: /mo*pai/

Maria: E esse outro?

Cr: /mopai/ (VFOR)

Maria: Esse também é seu pai? Olha a careca dele lá, ó.

Cr: (ri) (Segmento Ininteligivel)

Maria: Esse não é o seu pai não, né?

Cr: /katégaiEw/ (entonacão asscendente)

Maria: Olhaí. Cadê a Glael?

Cr: /kateabáku/ (entonacão ascendente)

Maria: Não sei onde que tá. Procura você. (A criança aponta algo no álbum) Aqui? O barco? A:

Cr: /báku/

Maria: Você, você andô no barco, Cica. (entonacão ascendente no início e descendente no final)

Cr: /ã/ (entonacão ascendente)

Maria: Andô no barco?

Cr: /O:a/ (entonacão ascendente)

Maria: Cê não tem medo não?

Cr: /v*ã:lá (ent. asc.)/v*ãmu* (ent. asc.)/pi´takaba:ku/ (ent. asc.)/

Maria: (ri) Ago:ra? Num tem mar aqui. Como que a gente vai no barco? (A situacão continua)

.....

Parece que o contexto da situacão de nomeacão, em que o apoio do aspecto visual é comum aos dois interlocutores, facilita a coordenacão a nível verbal entre eles. Talvez outro aspecto facilitador, seja o fato de que, nessa situacão, a criança apresenta enunciados 'curtos'.

Na penúltima situacão, registrada na coleta, observamos novamente a indeterminacão de Ludmila frente aos enunciados mais extensos de Cecília e frente á sua tarefa de construir a fala.

(46a. gravacão - 30/04/87. Cecília está com 2 anos e 17 dias)

Na sala de estar, Cecília está debrucada sobre a mesa, fazendo garatujas e formas fechadas com uma caneta, num pedaco de papelão, que antes foi parte de um livro de estória. A situacão teve início porque Cecília, brincando com o pedaco de papelão, solicitou á mãe uma caneta. A mãe está sentada no chão, também debrucada sobre a mesa, em frente a Cecília. Nessa época, Cecília já desenhava 'bolinhas', talvez devido ao fato de que o interesse maior de Michel fosse desenhar, sendo que ele, prenunciando-se no excelente desenhista que é hoje, já desenhava a figura humana com detalhes, tendo feito um retrato do pai, que guardava extrema semelhanca com esse.

Mãe: Agora, desenha. Desenha a bolinha prá Maria vê. Faz a careta. Como que o Michel te ensinô. (entonacão ascendente no início e descendente no final) O, uma bola gran: de. (Cr: /gãdiE: /, baixo) Faz uma bola gran: de. E outra pequena dentro.

Cr: /Oiá/O (ent. asc.)/

Mãe: Num é assim? Tá furado. (referindo-se ao furo do papel)

Cr: /fulad*u/

Mãe: Desenha aqui, então, que não tem furo. Desenha uma bola gran: de.

Cr: /pO: la,gã: ti(VSU) /O(ent. asc) abO: lagã: di(VFOR) /

Mãe: No: ssa senho: ra! Mas isso nem é bola.

Cr: /E: / (ent. asc.)

Mãe: Então faz bolinha piquininha. Como é que é piquininha. (entonacão ascendente no início e descendente no final)

Cr: /kini: nha/a,si´: /ai/ (olha sorrindo para a mãe) (O fonema /s/ de Cecília assemelha-se a uma producão lateral)

Mãe: (Sorrindo, olha para Cecília, arregala os olhos e põe a mão na boca)

Cr: /kiníko/

Mãe: E:

Cr: /adéie:/

Mãe: Ainda bem que ninguém ouviu, né?

Cr: /opáséiési/

Mãe: Faz, então. (VBX)

. . . . . .

Ao tentar 'imitar' o 'piquininha' da mãe, Cecília acabou por produzir /kini:nha/, que a mãe associou a uma palavra que Cecília usava num contexto de 'xingamento', nessa época. A atitude da mãe, de arregalar olhos e pôr a mão na boca, frente ao /kini:nha/ de Cecília, parece lhe ter fornecido a pista do que a mãe havia compreendido, no caso, /kiníko/, que estava sendo usado para 'pinico'. A partir dái, parece que Cecília passa a trabalhar em torno da construção da fórmula de 'faz (X)', quando aparecem as variações /opáséi/ e, na sequência, /p*ais/, sendo que um pouco mais adiante, quando a mãe está desenhando a boneca e nomeando as partes do corpo desta, Cecília produz uma inversão na fórmula 'faz (X)', e seu enunciado /apúmupái/epaisé/ não é compreendido pela mãe. Como vimos na situação anterior de nomeação, a partir do álbum de fotografias, Cecília utilizou o segmento /mopái/

para dizer 'meu pai'. Assim, parece que Cecília solicita à mãe 'faz meu pai'. Por isso, mais adiante, quando é Cecília quem está novamente desenhando, aparece o enunciado /akepikO:di/, onde ela parece retomar a atitude de Michel, na época, que desenhando a figura do pai em detalhe, fazia-lhe o bigode. A variação /aké/ de 'fazê', parece ter vindo da intrusão do fonema /k/ de /kape:lu/, na forma /paisé/. A mãe, apesar de ter compreendido o segmento relativo a 'bigode', na fala de Cecília, não pôde captar o sentido maior desta, a saber: 'fazer o meu pai e fazer o bigode', como veremos a seguir.

.....

Cr: /O:u'm*a/O'i'bOlinha/ (dá a caneta para a mãe)

Mãe: Bolinha? Como que é careta. (entonação ascendente no início e descendente no final)

Cr: /(S.I.) p*aiskinEka/

Mãe: Uma boneca? O olhi:nho, o nariz:, a bo:ca, fazê o o:lho, cabe:lo. O? O cabelo da boneca.

Cr: /apumupái/epáisé/

Mãe: Agora faz outra igual. (dando a caneta para a criança)

Cr: /dábinEka/ (ent. asc.)

Mãe: E. Faz uma boneca igual.

Cr: /peis*kot*u/

Mãe: Pescoco. Faz o bra:co. (A crianca fala junto com a mãe)

Cr: /paisásu/kape:lu/

Mãe: Cabe:lo.

Cr: /aképikO:di/ (Em seguida, passa um caminhão na rua, fazendo bastante barulho)

Mãe: Bigo:de? (olha para a câmera e sorri)

Cr: /(S.I.)pinhãw/

Mãe: Avião?

Cr: /u´pinhãw/Oiav*iãw/

. . . . . .

No trecho acima, a producão /pinhãw/ de Cecília parece estar ligada ao barulho do caminhão que passa na rua. Entretanto, Ludmila parece se utilizar de um critério paronímico, ao interpretar a producão de Cecília como 'avião'. Cecília, por sua vez, ajusta-se à producão da mãe.

. . . . . .

Mãe: No:ssa. Faz um peixe.

Cr: /pésI/

Mãe: Que pexão:

Cr: /kE: i.pesãw/

Mãe: Que: pexão:

Cr: /ai: (V+++AG) pesãw/

Mãe: Que: pexão:

Cr: /pési(VBX) /pésiEo: ta/

Mãe: E outro? Pexão?

Cr: /eko: a.mésa/

Mãe: A mesa táva parada. Ela não tá andando. Segura a mesa... (rindo e olhando para Aglael)

Cr: /e: pa: a/me: za(ent. asc. em 'me', como se estivesse c h a m a n d o 'me: za') /peitaímeizãw/u'.tu.ói'aí/u: a.peikã: pikOt*/

.....

Acima, Cecília retoma a fórmula 'faz (x)' no enunciado /eko: a.mesa/, onde parece ter havido a intrusão do fonema /k/ a partir do enunciado 'Que peixão', introduzido pela mãe e repetido por ambas, várias vezes. Além disso, a partir da ocorrência anterior de /aképikO: di/, parece que em

/eko:a.mesa/ . houve uma inversão na posição das vogais /a/ e /e/, sendo que para chegar à producão da vogal /a/, Cecília parece ter passado pela producão da vogal /o/. Na sequência, Cecília tenta, através de ajustes sucessivos (/peitaí/ e /peikʰá:/), chegar à producão inicial de 'fazer', a saber: /paisé/. A nasalizacão que permeia o enunciado de Cecília como um todo parece ter sido trazida da forma 'peixão', introduzida pela mãe. Com relacão ao segmento /mesa/ e suas variacões (/meza/ e /meizãw/), pode ser que a nasalizacão tenha contaminado o fonema bilabial /p/ (/pesi/pesiEo:ta/), levando-o à realizacão da bilabial nasal em seu lugar (/mesa/, /meza/, /meizãw/). De qualquer forma, parece que ao interpretar o enunciado /eko:a,mesa/, Ludmila se valeu mais uma vez de um critério paronímico ('Segura a mesa...').

.....

Mãe: Coloca o bigode em cima da boca. Que que é isso? Um chapéu?

Cr: /sapEw/sui:i/

Mãe: Faz a barriga da boneca e as pernas.

Cr: /baíga/Oí.baíga/

Mãe: E as perninhas da boneca?

Cr: /upaisu´t*u*/Oiá/opáise: apEi´atábonE: pa/

. . . . . .

Cecília parece que retomou a forma inicial /paisé/, passando antes pela forma em que ocorre uma nasalizacão (/upaisu´t*u*/), talvez contaminada pela nasalizacão de 'perninhas' do enunciado anterior da mãe, que Cecília repete na sequência.

. . . . . .

Mãe: A perninha da boneca? Faz o sapa: to.

Cr: /sapat*u(ent. asc.)/tátú/akO: la/

Mãe: Ai, que boniti: nho.

Cr: /sE: puilíki: /upulikákó/

Mãe: Vai fazê um gato?

Cr: /vái/Oiá/

Mãe: Ai: tá furadinho, o papel?

Cr: (S.I.) (muito baixo)

Mãe: Então deixa o furadinho. (A situacão continua)

. . . . . .

Finalmente, surge um outro enunciado de Cecília, interpretado apenas parcialmente por Ludmila, com base na paronímia entre /kákó/ e 'gato', sendo que, parece possível afirmar que Ludmila encaixou o segmento 'gato' numa estrutura com 'fazê', não a partir da compreensão do enunciado de Cecília, mas, com base no contexto geral da situação, em que o 'fazê' aparece como estrutura central. Uma hipótese para explicar o enunciado de Cecília, talvez se dê a partir de uma nova inversão da forma inicial /paisé/ que reaparece como /sẼ:pui/, seguida da inversão de /kO:la/ que resultou em /líkI:/, sendo que talvez tenha ocorrido aí, a intrusão da vogal /i/, prolongada na fala da mãe, em 'boniti:nho'. A inversão aparece na sequência (/upulikákó/) de forma reduzida. A hipótese nos leva a pensar que talvez Cecília estivesse querendo dizer algo em torno de 'fazer agora'.

O que se tentou mostrar com a análise das três últimas situações descritas foi que, após um momento de maior coordenação entre as condutas de Ludmila e Cecília, observado em torno dos 18 meses, surge, agora, na passagem do segundo para o terceiro ano de vida, a indeterminação de Ludmila frente à utilização por Cecília de enunciados mais extensos e que anunciam, a partir do trabalho de 'fazer o sentido do som', o surgimento de estruturas gramaticais mais

complexas. Ou, em outras palavras, a transformação da fala em linguagem.

Conclusão

Ao chegar ao final de nossa descricão, faz-se necessária a retomada de nossos objetivos iniciais, para uma avaliacão dos mesmos.

A nível metodológico, tivemos que enfrentar a tarefa de lidar com a multiplicidade dos dados obtidos a partir de gravacões em 'video-tape'. Isto propiciou a revalorizacão do contexto em que se dá o atendimento á crianca e do aspecto não-vocal e não-verbal das condutas dos participantes. Este fato, por sua vez, teve como implicacão o desenvolvimento de múltiplas formas de transcricão, de acordo com as especificidades do momento que estava sendo tratado. Assim, chegamos a transcricões mais extensas e detalhadas, em comparacão com aquelas que têm sido apresentadas nos trabalhos da Area. Por outro lado, delas emergiram diferentes graus de coordenacão dentro das condutas próprias à mãe e à crianca, em cada momento, e entre as condutas de ambas.

A nível teórico, a descricão da constelacão dos recursos linguísticos e não-linguísticos da mãe, aponta para o fato de que tais recursos constituem um elenco consistente de condutas, que se aplica a um vasto leque de eventos, podendo ser determinado, a cada momento, tanto por aspectos relacionados ao contexto mais amplo da situacão, quanto pelas condutas da crianca.

Até a metade do primeiro ano de vida, os recursos não-linguísticos ou as ações da mãe são, em grande parte, constitutivos do sentido das situações observadas, em contrapartida aos recursos linguísticos, que são bastante restritos. A fala da mãe reflete sua ação sobre a criança e o meio, durante o atendimento prestado, e, nesse sentido, funciona como a 'trilha sonora' ou a 'leitura em voz alta' de tal ação. Dessa forma, as condutas da criança de um modo geral não são privilegiadas pelos recortes da fala da mãe.

A partir do sexto mês, com a aquisição do sentar, a ação da mãe passa a ser lentamente diluída em meio à crescente atuação da criança a nível motor. Não é observada, ainda, uma ampliação dos recursos linguísticos da mãe, porém, sua fala adquire um caráter paralelístico ou circular, mediante sua utilização em 'jogos verbais', que continuam a ser determinados tanto por aspectos do contexto quanto pelas condutas da criança. Começa a ser observado um recorte mais preciso das condutas da criança a nível motor, entretanto, o mesmo não ocorre em relação às condutas vocais.

No início do segundo ano de vida, com a aquisição do andar, as condutas da criança ganham uma maior precisão, tornando-se mais evidentes para os adultos que a cercam. A mãe passa, então, a fazer a 'trilha sonora' ou a 'leitura em voz alta' dessas condutas, e sua fala adquire a função de 'narrá-las', interferindo ou não nas mesmas. A criança

começa a demonstrar competência enquanto 'ouvinte' e, com isso, observa-se uma mudança nos recursos linguísticos da mãe, donde se destacam uma ampliação do léxico e um alongamento dos enunciados utilizados, devido ao emprego de formas gramaticais mais complexas. Entretanto, o recorte mais preciso se dá em relação às condutas motoras da criança.

Por volta da metade do segundo ano de vida, em torno dos dezoito meses, passa-se a registrar uma coordenação crescente entre as condutas da mãe e da criança, tanto a nível motor quanto verbal/vocal, já que evidencia-se o aparecimento das primeiras sílabas reduplicadas, que usadas na ação sobre o meio, adquirem sentido. Começa a surgir a representação do infante 'falante'. Na passagem do segundo para o terceiro ano de vida, com a tentativa de construção de uma gramática pela criança, surge um momento de indeterminação da fala da mãe frente aos enunciados mais extensos da criança.

É inegável o bom atendimento prestado à criança a partir de nossos dados. Porém, ele não sustenta uma sintonia estreita da mãe, principalmente, em relação à conduta vocal/verbal da criança, quando observamos que, durante todo o primeiro ano de vida, e parte do segundo ano, a mãe não recorta de modo consistente as vocalizações da criança. Entretanto, a criança não deixa de produzir sons de modo intenso durante

este período, realizando um trabalho de experimentação em cima das estruturas de seu trato vocal, o que lhe permite, posteriormente, diferenciá-las, como nos mostra Gonçalves (89). Do mesmo modo, quando a criança passa a trabalhar em cima de unidades maiores na construção de uma gramática, a mãe, apesar de considerar-lhe um 'falante', não atenta para esse trabalho e não consegue realizar 'recortes' precisos, criando, no diálogo que mantém com a criança, momentos de 'perturbação' que quase sempre têm que ser resolvidos pelo trabalho da própria criança. Essa atitude da mãe parece ser típica do adulto, que não está imbuído de pressupostos a respeito de como a criança adquire linguagem, quando ele apenas se relaciona com a criança, mesmo que querendo demonstrar sua aptidões, como foi o caso das observadoras, em muitos momentos.

Assim, se algum tipo de consistência é observada, esta não diz respeito aos recortes que a mãe faz, através de sua fala, das condutas vocais/verbais da criança. Esta diz respeito aos recursos de que a mãe se vale quando do atendimento atento voltado para o bem-estar geral da criança.

Portanto, a implicação teórica fundamental decorrente da descrição apresentada neste trabalho, com respeito à fala e ação da mãe na prestação de cuidados à criança, aponta para o questionamento das noções de 'partilha', 'sintonia' e

'fine-tuning' consideradas como ponto de partida para os modelos teóricos que consideram a interacão como objeto privilegiado de conhecimento.

Não tendo sido possível uma análise de nossos dados a partir de tais modelos, aguardamos, no futuro, uma volta a estes dados, para ~~uma~~ um novo trabalho a partir de um modelo teórico que permita analisar a fala e acão na construcão do papel materno diante da construcão pela crianca da 'Fala à Linguagem Tocando De Ouvido'. (Albano, 1989)

Referências Bibliográficas

Ainsworth,M. D. S. , Bell,S. M. , Stayton,D. J. (1971) "Individual Differences in Strange Situation Behavior of One-Year-Olds". In H. R. Schaffer (ed.) The Origins of Social Relations. Academic Press, London.

Ainsworth,M. D. S. , Bell,S. M. , Stayton,D. J. (1974) "Infant-Mother Attachment and Social Development: "Socialization" as a Product of Reciprocal Responsiveness to Signals". In M. P. M. Richards (ed.) The Integration of a Child into a Social World. Cambridge University Press, London.

Albano,E. (1986) "Fazendo Sentido do Som". Trabalho apresentado no II Encontro Nacional de Fonética e Fonologia, Brasília, UnB, setembro de 1986.

----- (1989) Da Fala à Linguagem Tocando de Ouvido. Livro a ser publicado.

Bell,S. M. (1970) "The Development of the Concept of Object as Related to Infant-Mother Attachment". Child Development, 41: 291-311.

Bell,S. M. , Ainsworth,M. D. S. (1972) "Infant Crying and Maternal Responsiveness". Child Development, 43: 1171-1190.

Brazelton,T. (1969) Bebês e Mamães. Tradução brasileira: Rio de Janeiro, Campus, 1981.

Bruner,J. (1975) "The Ontogenesis of Speech Acts." Journal of Child Language 1: 1-19.

De Lemos,C. (1979) "Adult-Child Interaction and the Development of Aspectual Markers in Brazilian Portuguese". Trabalho apresentado na Child Language Conference, Nijme - gen.

----- (1986) "Interacionismo e Aquisição de Linguagem". D.E.L.T.A., Vol.2, No.2: 241-248.

Gama,A.J.A. (1986) "As Múltiplas Representações da Criança na Fala da Mãe". Trabalho não publicado. IEL. Universidade Estadual de Campinas.

Goncalves,M.J. (1988) "A Construção da Fala pela Criança: Primeiros Resultados". Cadernos de Estudos Linguísticos, No.14: 119-129.

----- (1989) "A Construção da Fala pela Criança". Dissertação de Mestrado em finalização. Universidade Estadual de Campinas.

Hinde,R.A. (1979) "Who Determines What?" Chapter 19. In Hinde,R.A. Towards Understanding Relationships. Academic Press, London.

Ingleby,D. (1976) "The Psychology of Child Psychology". In Dale,R., Esland,G., MacDonald,M. (eds.) Scholling and

Capitalism. Routledge and Kejan, London.

Leiderman,P.H., Leiderman,G.F. (1977) "Economic Change and Infant Care in an East African Agriculture Community". Chapter 17 In Leiderman,P.H. (ed.) Culture and Infancy Variations in the Human Experience. Academic Press, New York.

Lier,M.F. (1980) "A Constituicão do Interlocutor Vocal". Dissertacão de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Moss,H.A. (1974) "Communication in Mother-Infant Interaction" Chapter 7, In Krames,L., Pliner,P., Alloway,T. (eds.) Advances in the Study of Communication and Affect. Vol.I Nonverbal Communication. Plenum Press, New York.

Ochs,E. (1979) "Transcription as Theory". In E.Ochs and B.B. Schieffelin (eds.) Developmental Pragmatics. New York: Academic Press.

Sander,L.W. (1965) "The Longitudinal Course of Early Mother-Child Interaction: Cross-Case Comparison in a Sample of Mother-Child Pairs". In B.M.Foss(ed.) Determinants of Infant Behaviou IV. Londres: Methuen and Co.Ltd.

Winnicott,D.W. (1958) "The First Year of Life. Modern Views on Emotional Development".

(1960) "The Relationship of Mother to her Ba-

by at the Begining'. In D. W. Winnicott The Family and Individual Development. Londres: Tavistock Publications, 1965.